

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS - LINGÜÍSTICA

**INTERFERÊNCIA FONÉTICA DE UM DIALETO ALEMÃO NA
EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA EM PORTUGUÊS**

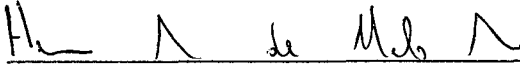
*Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Letras - Lingüística da Universidade
Federal de Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Letras - Lin-
güística.*

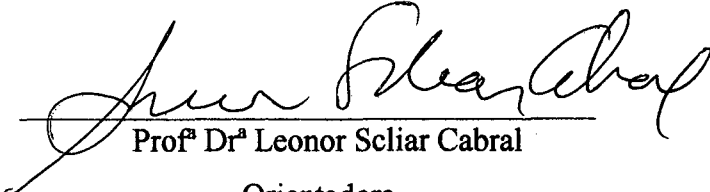
VALESCA SIMON PAULI

FLORIANÓPOLIS

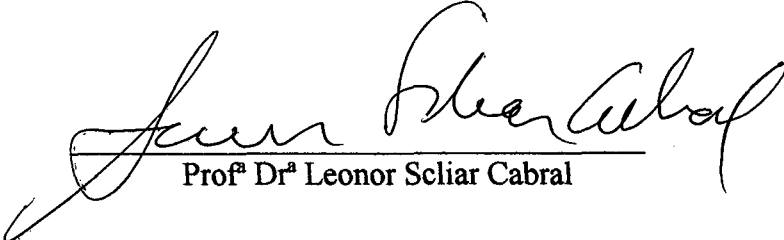
JULHO/2001

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do grau de: **MESTRE EM LETRAS**, na Área de Linguística Aplicada ao Ensino de Português e aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Letras – Linguística.


Prof. Dr. Heronides Maurílio de Melo Moura
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em
Letras – Linguística.


Prof.ª Dr.ª Leonor Scliar Cabral
Orientadora.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Leonor Scliar Cabral

Prof. Dr. Paulino Vandresen

Prof. Dr. Hilário Inácio Bohn

DEDICO

Ao Isidoro, meu marido, que sempre me apoiou no decorrer do curso.

À Ivaní e à Vânia, minhas filhas, que digitaram este trabalho.

Às filhas caçulas, Sílvia e Cíntia, que com paciência acompanharam a evolução da pesquisa.

Aos meus pais e irmãos.

À minha orientadora, Prof[®]. Dr^ª. Leonor Scliar Cabral, que esclareceu as minhas dúvidas e proporcionou constante orientação.

Ao Prof. Dr. Paulino Vandresen pela indicação de bibliografia necessária para a elaboração do projeto de pesquisa dessa dissertação.

À coordenação e a todos os professores do Curso de Pós-Graduação que me proporcionaram a aprendizagem de conteúdos na área da Lingüística, indispensáveis ao docente da área de Letras.

Aos meus informantes que me deixaram participar um pouco do seu dia-a-dia, permitindo a coleta de dados.

À Prefeitura Municipal de São João do Oeste, que deixou à minha disposição documentos e informações sobre a imigração de alemães e descendentes vindos para Porto Novo e sobre a história da colonização de São João do Oeste.

Aos pioneiros da comunidade, pelos dados fornecidos referentes à constituição da comunidade de São João.

À amiga e colega de Curso, professora Sofia, pelo apoio dado no decorrer do Curso.

A todos os que de alguma forma contribuíram para que este trabalho se concretizasse.

SUMÁRIO

índice de tabelas.....	v
Resumo.....	vi
Abstract.....	vii
1. Introdução e Justificativa.....	01
2. Defuição e delimitação do problema.....	07
3. Fundamentação teórica.....	10
3.0 Línguas em contato.....	10
3.1 Definições de sociolingüística, sotaque, dialeto e bilingüismo.....	11
3.2 Fonêmica, interferência lingüística, fonética e fonologia.....	15
4. Aspectos sócio-históricos e culturais de Porto Novo: Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste.....	21
4.0 Porto Novo.....	21
4.1 A comunidade de São João do Oeste.....	27
5. Metodologia da Coleta de Dados.....	41
6. Apresentação e análise dos dados do questionário sociolingüístico dos Informantes.....	45
7. Transcrição fonética da expressão oral e reprodução da expressão escrita, com descrição e análise de dados.....	58
8. Conclusão.....	127
Referência Bibliográfica.....	130
Anexo I - Questionário sociolingüístico.....	131
Anexo II - Painel de figuras.....	137
Anexo III.....	142
Anexo IV.....	143

5.0. Descrição dos informantes.....	42
6.0. Número de informantes por grupo.....	45
6.1. Sexo dos informantes.....	46
6.2. Confissão religiosa dos informantes.....	47
6.3. Ascendência étnica dos informantes.....	47
6.4. Ascendência alemã: alunos cujos pais tem sobrenome alemão.....	47
6.5. Bilingüismo.....	48
6.6. Uso do alemão pelos informantes no meio familiar.....	49
6.7. Uso do alemão como língua de comunicação na comunidade.....	50
6.8. Uso do alemão em situações individuais - sem interlocutor.....	51
6.9. Desempenho individual em relação à língua alemã.....	52
6.10. Atitudes gerais dos informantes em relação às línguas.....	53
6.11. Acesso aos meios de comunicação e cultura.....	56
7.0. Quadros fonêmicos.....	58
7.1.1. Figura 1: jogador.....	61
7.1.2. Figura 2; geladeira.....	63
7.1.3. Figura 3; jacaré.....	65
7.1.4. Figura 4; choca.....	66
7.1.5. Figura 5: chinelo.....	68
7.1.6. Figura 6: chaleira.....	69
7.1.7. Figura 7: papagaio.....	70
7.1.8. Figura 8: sapato.....	72
7.1.9. Figura 9; poltrona.....	73
7.1.10. Figura 10; borboleta.....	75
7.1.11. Figura 11: bombeiro.....	76
7.1.12. Figura 12: bombom.....	78
7.1.13. Figura 13: cigarro.....	79
7.1.14. Figura 14: garrafa.....	81
7.1.15. Figura 15: garagem.....	83
7.1.16. Figura 16: carro.....	85
7.1.17. Figura 17: máquina de costura.....	86
7.1.18. Figura 18: brinco.....	88
7.1.19. Figura 19: relógio.....	90
7.1.20. Figura 20: soldado.....	91
7.1.21. Figura 21: vestido.....	93
7.1.22. Figura 22: computador.....	95
7.1.23. Figura 23: telefone.....	97
7.1.24. Figura 24: tomate.....	98
7.1.25. Figura 25: tesoura.....	100
7.1.26. Figura 26: Brasil.....	102
7.1.27. Figura 27: zebra.....	103
7.1.28. Figura 28: capacete.....	105
7.1.29. Figura 29: violão.....	107
7.1.30. Figura 30: balão.....	108
7.1.31. Figura 31: batom.....	110
7.1.32. Figura 32: botão.....	112
7.2. Análise geral dos dados verificados.....	114
7.2.1. Troca de [ʃ] por m.....	114
7.2.2. Troca de [j] por [ʒ].....	115
7.2.3. Troca de [k] por [g].....	115

7.2.4. Troca de [g] por [k].....	116
7.2.5. Troca de [d] por [t].....	116
7.2.6. Troca de [t] por [d].....	117
7.2.7. Troca de [p] por [b].....	118
7.2.8. Troca de [b] por [p].....	118
7.2.9. Troca de [r] por [r].....	119
7.2.10. Troca de [r] por [r].....	119
7.2.11. Troca de [z] por [s].....	120
7.2.12. Troca de [s] por [z].....	120
7.2.13. Troca de [Ḃw] por [ō̃].....	121
7.2.14. Troca de [ō̃] por [ḥw].....	122

RESUMO

A presente pesquisa focaliza a interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral e escrita em língua portuguesa, procurando observar, de modo especial, o processamento fonético, pelos informantes, das consoantes surdas e sonoras e sua representação gráfica, como também **dos róticos e do ditongo nasalizado [S̃w] em final de vocábulos.**

O grupo alvo da pesquisa é constituído por alunos da Classe de Aceleração e alunos de 7^ª e 8^ª séries, entre 14 e 18 anos de idade, descendentes de imigrantes alemães e falantes nativos do dialeto denominado Hunsrückisch, estudantes da Escola de Educação Básica Madre Benvenuta de São João do Oeste, motivo pelo qual abordamos os aspectos sócio-históricos e culturais do movimento migratório e da colonização deste município catarinense, situado no extremo-oeste do Estado.

Por intermédio da pesquisa procurou-se, inicialmente, caracterizar o uso das duas línguas pelos informantes nas situações de convivência familiar, social e cultural, através da aplicação de um questionário sociolingüístico aos mesmos, o qual se encontra analisado no capítulo VI deste trabalho.

Selecionados os informantes, os mesmos foram chamados para citar, em português, o nome de 32 referentes constantes no painel de figuras, conforme anexo II. A fala foi gravada. A seguir, escreveram o nome do referente correspondente a cada figura numa folha, conforme anexo III.

A partir da fala e da escrita, elaboramos tabelas para procedermos a análise da interferência fonética do dialeto na expressão oral e expressão escrita em língua portuguesa.

O estudo evidenciou que há uma interferência significativa da expressão oral na expressão escrita em língua portuguesa e, conforme quadro comparativo do sistema fonêmico do dialeto com o sistema fonêmico do português brasileiro, concluímos que esta interferência é proveniente, em grande parte, do dialeto falado pelos informantes.

The present research focuses on the phonetic interference of Geraian dialect in the oral and written expression in the Portuguese language, attempting to observe, in a special way, the phonetic processing, by the study-group of the silent and resonant consonants and its graphic representation, as well as *róticos* and nasahzed diphthong [9w] at the end of words.

The research target group is composed of students of the Acceleration Class and students of the 7[^] and 8^{***} grades, between 14 and 18 years of age, descendants of German immigrants and native speakers fo the dialect known as Hunsrückich, students of Basic Education Mother Superior Benvenuta School of São João of the West, motive why we undertook this study of the social-historical and cultural aspects of the migratory movement and of the colonization of this Catarinense Country, located in the extreme west of the State.

Trough this research it was sought, initially, to characterize the use of the two languages by the study-group in family, social and cultural coexistence, by the use of a sociolingüistic questionnaire to the target group, which one can fmd analyzed in chapter VI of this work.

After this, all members of the study-group were called to speak, in Portuguese, the name of **32** items as in the panel of illustrations, according to enclosure **n**. Their speech was recorded. To proceed, they wrote the name of the items corresponding to each illustration on the pages, according to enclosure III.

After the above speech and writing project was completed, we made some graphic tables in order to analyze the phonetic dialect interference in the written and oral expression of the Portuguese language.

The study proved that there is a significant interference in the oral and written expression of the Portuguese language, and in accordance with the corresponding graphic tables of the phonemic system of the dialect and Portuguese, we concluded that this interference is evident, in a large part, of the dialect spoken by the study-group.

CAPÍTULO I

Introdução e justificativa

Sabe-se que é grande o contingente de descendentes alemães que povoam o sul do país, mais especificamente, vários municípios do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e algumas regiões do Paraná. Essas pessoas vivem num contexto sócio-cultural em que, de geração em geração, transmitem seus traços de cultura, tradição e língua, fazendo parte de sua herança familiar e da socialização do grupo. Essa marca da tradição e cultura identifica o grupo e a língua, com suas características dialetais e/ou de sotaque e faz com que determinados indivíduos sejam reconhecidos e classificados por determinada região, grupo social ou como descendentes de determinada etnia.

É característico que, quando duas línguas entram em contato socialmente, estas sofrem transformações, acarretando mudanças lingüísticas que podem ser mais ou menos acentuadas, de acordo com o grau de interferência que passa a ocorrer. É muito provável que venha a ocorrer uma interferência fonética ou fonológica num falante nativo da língua alemã, quando este passa a falar a língua portuguesa, pois na língua portuguesa existem traços fonéticos que não ocorrem no dialeto alemão e vice-versa. Com isso podem ocorrer situações conflitantes na expressão oral que, conseqüentemente, podem vir a interferir na expressão escrita.

É esta preocupação imi dos motivos que nos leva a efetuar o presente trabalho de pesquisa, cujos dados coletados passaremos a analisar nos próximos capítulos.

O nosso objeto de estudo são grupos de alunos descendentes de alemães e falantes nativos do dialeto alemão do Uunsrückich, falado pelos habitantes do município de São João do Oeste, localizado no Extremo Oeste de Santa Catarina, região que fez parte de um projeto de Colonização para alemães católicos do Rio Grande do Sul, promovido pelo Volksverein, que se destinava à antiga Porto Novo, hoje abrangendo os municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste.

Acreditamos que o trabalho é oportuno por atingir um grupo de alunos que enfrentou já uma série de dificuldades no decorrer do processo de ensino-aprendizagem, tendo uma história de repetência múltipla e que está freqüentando atualmente uma Classe de Aceleração.

Por outro lado, teremos também como informantes um grupo de alunos que não é da Classe de Aceleração, os quais também são falantes nativos do dialeto alemão. Faremos ainda um paralelo entre os alunos residentes na cidade e outros do interior, para verificar se há uma diferença entre esses dois grupos e entre o grupo da Classe de Aceleração e os que não são dessa classe. Também separaremos os grupos por sexo, para verificar se há uma maior incidência de interferência num grupo ou noutro.

Procuraremos sentir de perto a problemática que envolve indivíduos bilíngües, procurando observar, de forma mais sistemática, as relações acarretadas pelo bilingüismo e as dificuldades que o bilíngüe enfrenta no processo ensino-aprendizagem.

O nosso estudo está especificamente centrado na observância da oralidade do indivíduo bilíngüe, a fim de verificar se há ou não interferência fonética do dialeto do Hunsrückisch na fala do descendente alemão quando este se comunica em língua portuguesa e, caso esta interferência existir na oralidade, observar até que ponto ela interfere na expressão escrita.

Justificamos a realização deste trabalho pelo fato da constante preocupação que nos acompanha no dia a dia das nossas tarefas escolares, em relação ao alto índice de reprovações e repetência escolar nos estabelecimentos de ensino da região, inclusive na disciplina de Língua Portuguesa que deveria ser, pela lógica, a disciplina em que o aluno melhor deveria se sair, considerando que esta é a nossa língua nacional e, portanto, o instrumento de comunicação social para o indivíduo exercer a sua cidadania. É preocupante o índice de reprovação e, por outro lado, é de suma responsabilidade da escola e dos educadores formar indivíduos que possam exercer sua profissão e seu poder por intermédio de uma boa comunicação através da língua nacional.

Considerando que a escola que será objeto deste estudo, como as demais desta região, encontra-se numa área em que, nas situações informais, nas tarefas cotidianas, as pessoas se co

municam quase que exclusivamente no dialeto alemão do Hunsrückisch, pressupõe-se que a maioria dos alunos que não consegue ser aprovada na língua portuguesa e também em outras disciplinas sofra a interferência do dialeto alemão que faz com que o entendimento e a aprendizagem dos conteúdos sejam dificultados devido à falta de prática da língua portuguesa.

A escrita de muitos desses alunos apresenta bastantes erros ortográficos, o que supostamente ocorre pela interferência fonêmica e fonética do dialeto alemão que, como procuraremos mostrar no decorrer do trabalho, não faz distinção entre algumas consoantes surdas e sonoras, como ocorre na língua portuguesa e também por causa da falta da prática oral e escrita da mesma.

Interessa-nos, neste trabalho, mais especificamente, o estudo do comportamento das consoantes sonoras e surdas (vozeadas e desvozeadas), pois acredita-se que a troca dessas seja o maior problema enfrentado pelos falantes nativos do dialeto alemão quando estes se expressam na língua portuguesa, visto que o dialeto alemão do Hunsrückisch, em muitos casos, não faz distinção entre surda e sonora e, em várias situações, aceita tanto uma quanto outra, como veremos mais adiante. Em adendo, examina-se o comportamento dos róticos e do ditongo [aw] em final de vocábulos.

As constatações verificadas nas práticas pedagógicas cotidianas em sala de aula nos preocupam e, por este motivo, pretendemos efetuar o presente trabalho de pesquisa a fim de verificar até que nível pode ocorrer a interferência do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa e a possibilidade de uma conseqüente interferência dessa, na expressão escrita, ocasionando erros ortográficos. Interessam-nos, neste trabalho, somente erros ortográficos e não de ordem estrutural, pois acreditamos que estes últimos seriam matéria para uma pesquisa à parte.

No nosso projeto de pesquisa havíamos colocado também a pretensão de elaborar um projeto de aplicação prática para minorar o problema, tentando propor atividades orais e escritas em que o aluno pudesse aprender a distinguir melhor os sons surdos dos sonoros e usar, posteriormente, a sua representação escrita de forma adequada. Porém, por termos um cronograma reduzido e limitado para concluirmos o nosso trabalho, não nos será possível levar a efeito esta parte do projeto e pensamos em concretizá-la numa etapa posterior, num trabalho que poderia servir de

orientação para os educadores do município de São João do Oeste que trabalham com alfabetização, pois acreditamos que, para amenizar ou resolver esta problemática, o momento ideal seria quando a criança falante nativa do dialeto alemão começa a freqüentar a escola. Talvez alguma coisa ainda possa ser feita com alunos da faixa etária dos nossos informantes, ou seja, de 14 a 18 anos, porém acreditamos que o resultado não será o mesmo do que se esse trabalho for levado a efeito desde o início da alfabetização.

Optamos por escolher a Classe de Aceleração porque acreditamos que seja justamente nessa que se encontram os alunos com problemas mais acentuados na expressão oral e escrita, visto que é uma turma freqüentada por alunos que possuem uma história de repetência escolar, sendo que a maioria deles é multi-repetente.

É importante informar que as Classes de Aceleração foram criadas com o objetivo de sanar o problema da defasagem série/idade dos alunos do Estado de Santa Catarina, realizando-se com eles um trabalho diversificado em forma de Atividades de Aprendizagem, tradicionalmente denominadas de Projetos, em que, na maior parte das aulas, dois professores trabalham simultaneamente com os alunos, de forma interdisciplinar, para assim proporcionar-lhes melhores condições para a aprendizagem dos conteúdos mínimos a fim de tomá-los aptos a ingressarem no Ensino Médio, no mínimo dentro de um e, no máximo, dentro de dois anos.

Optamos, como já dissemos anteriormente, por uma Classe de Aceleração como sendo uma turma ideal para levar a efeito nossa investigação, pois acreditamos que, como são alunos com uma história de multi-repetência, uma das causas do insucesso escolar possa ser a interferência do dialeto alemão na expressão oral e, conseqüentemente, na expressão escrita desses alunos quando eles, nas suas tarefas escolares, precisam comunicar-se em língua portuguesa. Acreditamos que haja uma interferência fonológica e fonética do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa desses alunos e uma conseqüente interferência dessa na expressão escrita, o que pode produzir uma escrita supostamente afetada por erros ortográficos, sendo, provavelmente, esse um dos problemas causadores do insucesso na aprendizagem e/ou pelo fato de os professores colocarem muita ênfase nos erros de ortografia quando avaliam os alunos.

Procuraremos ater-nos, neste trabalho, mais especificamente, à investigação das interferências de ordem fonética da expressão oral na expressão escrita, embora tenhamos certeza de que existam também interferências de ordem morfológica, lexical e pragmática, pois, se quiséssemos averiguar todos os aspectos de interferência, o trabalho ficaria muito amplo. Deixamos os demais aspectos como sugestão para futuras pesquisas que serão realizadas com falantes nativos de um dialeto alemão e que são alfabetizados em língua portuguesa. Ater-nos-emos somente nos aspectos fonéticos, levando em consideração a forma como o informante falou a palavra, comparando-a com a sua posterior representação escrita, observando-se, neste processo, o comportamento das consoantes surdas e sonoras.

Acreditamos que muita coisa interessante poderia ser investigada também no que tange ou no que se refere à compreensão ou entendimento do texto em língua portuguesa por parte desses alunos, pois, como estão acostimiados a praticar o dialeto alemão, provavelmente teriam dificuldades de entender os textos em língua portuguesa, podendo ser isso também um motivo de dificultar-lhes a aprendizagem e a interpretação dos conteúdos que lhes são passados pelos professores em sala de aula.

Temos como objetivo básico, pois, deste trabalho observar a interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral e sua conseqüente interferência na expressão escrita, procurando observar, basicamente, o processamento fonético, pelos informantes, das consoantes surdas e sonoras e a sua posterior representação gráfica.

O objetivo acima está baseado na formulação das questões que norteiam a nossa pesquisa, ou seja:

- Pode haver interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral e, conseqüentemente, na expressão escrita em língua portuguesa?
- Se existe interferência da oralidade na escrita, até que nível esta pode ser constatada?
- Os indivíduos do sexo masculino apresentam problemas maiores em relação à interferência?
- Há mais problemas de interferência por parte dos alunos que procedem do interior?

- Há perspectivas para minorar os problemas existentes? O que e como fazer?

Para alcançarmos os nossos objetivos, organizamos o trabalho conforme segue;

Em princípio, apresentaremos a definição e a delimitação do problema que nos levaram a realizar a presente pesquisa.

Posteriormente, apresentaremos o referencial teórico que norteou a pesquisa. Esta fundamentação teórica traz alguns conceitos que servirão de base para argumentar sobre a análise dos dados da pesquisa e se baseiam em estudiosos da área da lingüística e sociolingüística tais como WEINREICH (1953), LYONS (1981), TAÍÍALLO (1981), LADO(1971), DUBOIS (1978), MACKEY (1972), e outros.

O capítulo seguinte traz um relato sócio-histórico e cultural da antiga Porto-Novo, que hoje abrange os municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste.

O quinto capítulo versará sobre a metodologia que usamos para desenvolver a pesquisa de campo, quando serão relatados os procedimentos adotados para a seleção dos informantes, a coleta de dados e como foi feita a análise dos resultados.

Dando seqüência ao trabalho, apresentamos os resultados em quadros e tabelas, acompanhadas da análise dos mesmos.

Como primeiro passo dessa etapa, faremos a descrição do bilingüismo dos informantes, com base no questionário sociolingüístico que foi usado para entrevistá-los, conforme anexo I. Em seguida apresentaremos e analisaremos o resultado da pesquisa, para averiguar a interferência fonética da expressão oral, na expressão escrita, conforme o anexo E.

Como parte final apresentaremos as conclusões sobre a pesquisa efetuada, com sugestões para fiituros trabalhos que poderão ser efetuados a nível da região em que foi realizada a presente pesquisa.

CAPÍTULO II

DEFINIÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA

Estamos diante de uma realidade talvez pouco comum atualmente no Brasil, ou seja, diante do corpo discente da Escola de Educação Básica Madre Benvenuta de São João do Oeste, do extremo oeste de Santa Catarina, com cerca de 95% dos alunos falantes nativos da língua alemã. A maioria deles, até chegar à idade escolar, praticamente só conhece a fala do dialeto alemão denominado Hunsrttkich, aprendendo a língua portuguesa somente na escola como uma segunda língua, ou língua alvo para a aprendizagem sistemática.

Nos três municípios que compunham a antiga Porto Novo - Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, - este último é o que mais caracteristicamente preserva as suas origens, ou seja, a maioria do povo tem como língua materna o dialeto alemão, praticando-o na maioria das situações de comunicação informal e formal dentro da comunidade, existindo também ainda a unipolaridade religiosa, ou seja, a religião católica (não existem outras igrejas no município) e a preservação da etnia, havendo apenas algumas pessoas que não são de origem alemã residentes no município.

A escola alfabetiza em língua portuguesa e a constatação dessa realidade nos preocupa, pois sabe-se que a maioria dos professores que alfabetizam em língua portuguesa não está preparada para ensinar o aluno de língua nativa estrangeira, embora esses também sejam, na maioria dos casos, descendentes de alemães e falantes nativos do dialeto alemão. Porém, na hora de ministrarem suas aulas, não se dão conta de que o processo de ensino-aprendizagem que estão usando deve ser em função de um aluno que aprende esta língua da escola, o português, como língua estrangeira. Isso pode prejudicar o discente e, conseqüentemente, levá-lo ao fracasso escolar, originando, muitas vezes, o aluno com história de repetência e evasão escolar.

A maior parte dos alunos da Escola de Educação Básica Madre Benvenuta procede do meio rural onde, junto com seus pais e irmãos, cultiva a terra ou ajuda na criação de aves, suínos

ou gado leiteiro, economia básica com a qual o município se mantém. A outra parte dos alunos são filhos de pequenos empresários ou operários de mini-empresas, morando na cidade de São João do Oeste, cujo município se emancipou há nove anos e conta hoje com cerca de 5.900 habitantes.

Os alunos que são procedentes do meio rural, fora da sala de aula, praticamente só se comunicam através do dialeto alemão nas suas conversações do dia a dia, tanto em casa, quanto nas suas relações de convivência comunitária, como poderemos verificar na análise do questionário sóciolingüístico que adiante apresentaremos. Ocorre, com freqüência, que eles chegam à secretaria da escola ou junto ao professor da turma, comunicando-se no dialeto alemão para pedir informações ou transmitirem recados, não sabendo como se expressar em língua portuguesa ou sentindo-se mais à vontade ou mais seguros quando o fazem em língua materna.

O mesmo ocorre em sala de aula. Na comunicação colega com colega raramente o fazem em língua portuguesa, mesmo com a insistência e a conscientização por parte dos professores, para que o façam. Nesta situação, achamos que a solução não é repreender o aluno, mas sim torná-lo consciente de que é ótimo que ele saiba falar o alemão, porém para ele, como nascido e morador do Brasil, a língua nacional é o instrumento de comunicação que ele precisa saber usar para exercer a cidadania na sociedade brasileira. Portanto, além da língua materna - o dialeto alemão - ele precisa também aprender a se comunicar com eficiência na língua portuguesa, nas diferentes situações de comunicação.

Percebe-se que nas horas culturais, quando é permitido aos alunos apresentarem algum número no dialeto alemão, se saem muito bem, apresentam-se espontaneamente e comunicam-se extraordinariamente bem; porém, quando são obrigados a apresentar um número em língua portuguesa, ficam tensos, fecham-se, perdem a naturalidade e sentem uma dificuldade enorme para se comunicar. Perdem toda a espontaneidade.

Já os alunos procedentes do meio urbano, embora se comuniquem também, na maior parte de suas relações de convivência fora do ambiente escolar, no dialeto alemão, quando estão

na escola falam mais a língua portuguesa. O que lhes favorece neste sentido, são as oportunidades de acesso aos meios de comunicação tais como rádio, televisão. Internet, leitura de jornais, revistas, além da frequência a cursos oferecidos fora do horário de aula, aos quais o pessoal do meio rural tem pouco acesso e, principalmente, não dispõe do tempo para o lazer e o estudo.

Pressupõe-se que o uso “excessivo” e costumeiro do dialeto alemão faz com que, muitas vezes, esses alunos encontrem dificuldades para estabelecer uma comunicação fluente e adequada, tanto na expressão oral, com acentuados traços de sotaque, quanto na expressão escrita, com troca de letras, como também problemas de ordem morfológica, sintática, lexical, semântica e pragmática, quando pretendem ou precisam se expressar na língua portuguesa e isto pode interferir no processo de alfabetização e ensino-aprendizagem.

Frente a essa problemática, achamos por bem efetuar um estudo para verificar até que ponto uma língua estrangeira, tida como nativa ou língua materna, pode ajudar ou atrapalhar no processo de alfabetização numa escola em que se alfabetiza e ensina na língua portuguesa, fazendo-se um estudo mais específico da interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa e sua conseqüente interferência na expressão escrita.

CAPÍTULO III

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.0 Línguas em contato

As pesquisas sobre as diversas línguas que estavam ou já haviam estado em contato começaram há muito tempo, porém, o termo “contato”, referindo-se à coexistência temporal e espacial de duas ou mais línguas, é ainda recente. Seu uso como termo técnico de circulação internacional se deu a partir de *Language in Contact*, de WEINREICH (1953).

Podemos concordar com vários estudiosos no assunto que o contato entre as línguas existe - e hoje de uma forma muito mais acentuada do que em qualquer outra época - devido aos modernos meios de comunicação que facilitam e viabilizam o contato das línguas, além da mobilidade social com constantes movimentos migratórios, ocasionando o que podemos chamar de “línguas mescladas ou mistas”.

No caso desse trabalho de pesquisa, este contato se dá em função do bilingüismo existente na comunidade onde moram e estudam nossos informantes. Trata-se de um grupo lingüístico minoritário de falantes de uma língua estrangeira - língua alemã - dentro do cenário lingüístico brasileiro. São João do Oeste é como se formasse imia comunidade de fala dita “ilha” dentro desse cenário lingüístico.

O universo do nosso trabalho de investigação lingüística consiste numa situação de convivência entre duas línguas, que entraram em contato direto, interno, *temporário* ou *permanente* entre si cujas principais conseqüências foram o surgimento de sujeitos bilíngües e de um dialeto específico, concentrados em uma área geográfica específica. Constata-se também que língua minoritária continua se mantendo, principalmente na oralidade, existindo grupos restritos que aprendem a ler e a escrever na língua alemã.

Como a língua portuguesa passa a ser imposta como a língua da educação e dos contextos formais na comunidade de fala e, conseqüentemente, dos informantes, interessa-nos, neste estudo, investigar as interferências que essa sofre no campo fonético na expressão oral e sua conseqüência na expressão escrita, pelo contato com o dialeto alemão.

BRENZINGER (1997 p. 282) diz que o contato com a língua é um pré-requisito para a mudança de língua e que as comunidades etnolingüísticas, geralmente aquelas com um *status* minoritário, tomam-se bilíngües de forma que, além de manter sua própria língua, ainda adquirem a língua do grupo dominante.

O processo de aquisição da língua do grupo dominante, no nosso caso, é efetuado na escola, embora não seja fácil devido à resistência do grupo à língua nativa.

Mais adiante o mesmo autor afirma que o processo de mudança de língua usualmente é efetivado no espaço de três gerações e que essa mudança não tem imi desenvolvimento unidirecional, mas com o passar do tempo fases sucessivas, com diferentes características, modificam o processo antes que uma língua se tome extinta.

Concordamos, neste sentido, com o autor e acreditamos que, se hoje existem traços de interferência lingüística entre as duas línguas em contato no nosso caso, com o passar do tempo estes irão se apagando e, talvez, até a língua minoritária aos poucos vá se extinguindo, com o advento dos meios de comunicação também às comunidades interioranas e com a insistência do ensino e do uso da língua portuguesa na escola.

3.1 Definições de Sociolingüística, Sotaque, Dialeto e Bilingüismo

LYONS (1981 p. 245), numa definição mais ampla, diz que sociolingüística seria um estudo da linguagem em relação à sociedade. Para ele, os sociolingüistas se interessam pelos universais lingüísticos e sociais.

O estudo da interferência de um dialeto alemão na expressão oral e conseqüentemente na expressão escrita, não deixa de ser, neste sentido, um estudo sociolingüístico, embora esteja

relacionado também à lingüística aplicada, pois o pressuposto da existência de problemas de interferência lingüística das duas línguas em contato está relacionado à questão social daquele grupo de falantes que, através de seus traços dialetais, se distingue das pessoas de outras regiões do Brasil. Pelas suas características de fala, costumes e tradições, São João do Oeste pode ser considerada uma “pequena Alemanha” dentro do Brasil.

Conforme LYONS, (1981 p. 246), o sotaque é restrito a variedades de pronúncia. Ele considera com sotaque o indivíduo que fala a língua padrão do seu país, com um sotaque regional forte como se estivesse falando em dialeto, sem diferenças de gramática e vocabulário como o dialeto.

O falar do povo de São João do Oeste pode ser considerado, nestes termos, caracteristicamente carregado de sotaque, não deixando de apresentar traços característicos dialetais, pois além de ocorrerem as interferências fonológicas e fonéticas na expressão oral da língua portuguesa, ocasionadas pela influência do dialeto alemão, também há interferências de ordem sintática, morfológica, lexical e pragmática que podem ser percebidas tanto na expressão oral quanto na expressão escrita.

Como neste trabalho de investigação nos interessam mais os traços fonéticos, procurar-se-á fazer um trabalho comparativo entre a língua portuguesa falada e a escrita dos informantes, a fim de verificar até que ponto há interferência daquela sobre esta, acreditando-se que o sotaque possa interferir na produção escrita.

Mais adiante o mesmo autor afirma que o que toma a noção de sotaque tão importante é que os membros de uma comunidade lingüística reagem freqüentemente às diferenças de pronúncias subfonêmicas e fonêmicas da mesma maneira, como indicadores de proveniência regional ou social do falante.

Por isso é muito comum alguém de São João do Oeste se encontrar num determinado grupo fora do seu município e ouvir: “Você é de Itapiranga”, pois o município de Itapiranga do qual São João do Oeste se desmembrou há 9 anos quando se emancipou é marcado lingüística-

mente pelo sotaque típico do falante nativo daquele lugar com sotaque carregado e traços dialetais do dialeto alemão.

Conforme TARALLO (1999 p. 11), as variantes de uma comunidade encontram-se sempre em relação de concorrência: padrão *versus* não padrão; conservadoras *versus* inovadoras; de prestígio *versus* estigmatizada.

Baseado no que diz TARALLO, supomos que as interferências lingüísticas no português falado pelos nossos informantes devem deixar, principalmente, marcas de sotaque, o que toma a fala deles estigmatizada e não padrão. Estas atitudes lingüísticas identificam o espaço que elas habitam, como também sua identidade cultural, seu perfil de comunidade, o grupo social ao qual pertencem.

LYONS nos coloca que certas diferenças fonéticas entre sotaques podem ser estigmatizadas pela sociedade, da mesma forma que certas diferenças lexicais e gramaticais entre dialetos o são. Diz ainda que pais e professores batalham para eliminar as marcas de sotaque ou regionalismos e, mesmo não bem sucedidos, perpetuam na comunidade lingüística a crença de que a pronúncia tal é indicadora de inferioridade ou de educação.

Esta crença faz, muitas vezes, com que pessoas com traços de sotaque se retraiam e se subestimem, afetando-lhes assim o sucesso escolar e/ou profissional. Por isso, ao realizarmos o presente trabalho de investigação, devemos ser muito cautelosos. Por outro lado, as marcas registradas de sotaque e/ou conseqüentes erros ortográficos que possivelmente vêm a ocorrer, fazem com que, muitas vezes, alunos sejam reprovados e, em virtude de repetição de séries e “insucesso” no estudo, abandonem a escola, o que muitas vezes os leva à finstração e ao fi^acasso na vida.

Pretende-se, neste estudo, averiguar se a causa da reprovação e repetência de séries dos alunos informantes está relacionada ou se é uma conseqüência da interferência do dialeto alemão que, com os possíveis traços de interferência na oralidade do aluno, possa ter interferido na expressão escrita de forma tal que eles fossem reprovados.

LYONS também observa que o sotaque e o dialeto de uma pessoa variam sistematicamente segundo a informalidade da situação em que se encontra. Como no trabalho de investiga-

ção que estamos realizando nos interessam mais as questões fonéticas, tentaremos observar como estas se efetivam numa situação de fala e, posteriormente, faremos uma comparação da fala com a escrita a fim de observar até que ponto uma interfere na outra.

Os traços de sotaque, constatados na língua portuguesa falada pelo povo de São João do Oeste, devem-se ao bilingüismo praticado pelos falantes nativos do dialeto alemão denominado *Husrückich*, os quais aprenderam a língua portuguesa na escola, como segunda língua. A maioria deles é só “falante” bilíngüe, sendo que apenas aprendeu a falar o dialeto alemão, sendo alfabetizada em língua portuguesa na escola; portanto, não sabe ler e escrever em alemão.

A comunidade de São João do Oeste pode ser considerada bilíngüe pois, conforme LYONS, para que uma comunidade seja bilíngüe é necessário que um número suficiente de seus membros o seja. No caso específico na comunidade em questão, cerca de 95% dos seus membros são falantes bilíngües, tendo o dialeto alemão como língua materna e aprendendo a língua portuguesa na escola.

A questão do bilingüismo interessa para o nosso trabalho, pois os traços fonéticos que serão analisados possivelmente têm a ver com esta situação. Por isso iremos esclarecer o que vem a ser uma pessoa bilíngüe.

Conforme LYONS (1981 p. 258), podemos admitir, como ideal teórico, a possibilidade do bilingüismo perfeito, definido como competência total em duas línguas, equivalente à competência que um falante nativo monolíngüe tem em uma. O bilingüismo perfeito, segundo LYONS, é extremamente raro, porque é raro que as pessoas estejam em posição de usar cada língua numa gama completa de situações e adquirir, dessa forma, a competência exigida em ambas. Para o autor, é comum as pessoas se aproximarem do bilingüismo perfeito sendo igualmente competentes em ambas as línguas numa gama razoavelmente ampla de situações.

Conforme LYONS (1981 p. 258), existem muitos tipos diferentes de comunidades bilíngües, mas independentemente de todas as diferenças existentes, há algo que a maioria das comunidades bilíngües, se não todas, têm em comum: imia diferenciação funcional razoavelmente clara das duas línguas com relação ao que muitos sociolingüistas denominam domínios. Ele cita

como um desses domínios o lar, definindo-se este em termos não simplesmente do local em si onde a conversa ocorre, mas também dos participantes do assunto da conversa, e de outras variáveis relevantes. Assim uma língua poderia ser considerada do lar no sentido de que seria sempre usada ao se falar informalmente com outros elementos da família, em casa, sobre assuntos domésticos.

Com a aplicação do questionário lingüístico, anexo a este trabalho de pesquisa, tentaremos averiguar se esta característica se faz presente nos nossos informantes. Procuraremos verificar que língua predomina nas situações informais de fala dentro do ambiente familiar, considerando-se ambiente familiar, neste caso, todas as situações de fala do informante em casa com seus familiares e, fora dela, com seus amigos, colegas e vizinhos, que são todas situações de comunicação informal.

3.2 Fonêmica, Interferência Lingüística, Fonética e Fonologia

Para fazermos este estudo, interessa-nos também esclarecer um pouco a questão fonêmica, visto que a variação de sotaque na língua portuguesa provavelmente seja proveniente da interferência do dialeto alemão que, supostamente, articula a realização de certos fonemas de forma diferente do Português. Esta é uma questão que iremos investigar no decorrer de nossa pesquisa. Sabe-se que muitos falantes de língua portuguesa de São João do Oeste têm dificuldades **em distinguir entre [+ son] e [- son] nos fonemas /b/ e /p/, /d/ e /t/, /l/ e /v/, /g/ e /k/, /J/ e /J7/, /s/ e /tJ/**, trocando também, muitas vezes, as letras na sua representação escrita.

Portanto, procuraremos fazer um estudo mais aprofundado referente aos fonemas acima citados, comparando-se vocábulos do dialeto alemão com vocábulos da língua portuguesa falada pelos informantes, para detectar se existe uma suposta interferência do sistema fonêmico português. Enfim, tentaremos descobrir por que esta interferência estaria ocorrendo.

Achamos conveniente esclarecer alguns fatos sobre a interferência lingüística que possam elucidar melhor o trabalho que estaremos realizando. Para PDCE (1945 : 57), os sons de uma

língua são organizados automática e inconscientemente pelos que a falam, em unidades estruturais, a que se dá o nome de fonemas. Para ele, o estudo dessas unidades é o objeto da fonêmica.

Conforme LADO (1971 p. 24-46), fonema vem a ser uma unidade complexa de sons existentes em todas as línguas, os quais contrastam uns com os outros: o falante comum de uma língua usa o sistema de contrastes com grande rapidez, sem ter consciência de estar usando um sistema complexo de fonemas. Segundo o autor, o uso do sistema fônico de uma língua funciona como um sistema de hábitos automatizados e inconscientes. É devida a este fator a grande dificuldade de um nativo quando muda o seu sistema, ao entrar em contato com outra língua. Para ele, o falante adulto de uma língua não consegue ouvir facilmente sons que não sejam os de sua língua nativa, possuindo a tendência de transferir o sistema de sons da língua nativa para a segunda língua. X'

É provavelmente isto o que ocorre com o nosso informante que, fora do contexto escolar, praticamente só fala o dialeto alemão: por isso o sistema fonêmico dessa língua deve ter provavelmente se automatizado nele de uma maneira inconsciente tal que é transferido para a fala na língua portuguesa, refletindo-se possivelmente na escrita, no momento de representar as idéias no papel. Em relação ao processo de interferência fonêmica entre línguas, vale ressaltar que esta existe e a incorreção na produção lingüística ocorre nos primeiros estágios; porém, concordamos com a opinião de alguns estudiosos no assunto, que a correção acontecerá com o tempo e maior exposição e vai depender da quantidade e qualidade do *input*. quanto mais exposição e mais correto for o *input* que o falante receber, melhor será sua produção lingüística.

Nós acrescentamos a esta afirmação que, quanto mais precocemente ocorrer este *input*, mais probabilidade e eficácia de correção é possível de se conseguir, pois, quanto mais tempo se demorar para aplicar este processo de correção no indivíduo, mais terá ele automatizado e fixado o traço dialético ou de sotaque e mais custará corrigi-lo, sendo até impossível de ser alcançado depois de uma certa idade.

WEINREICH (1953 p. 1) conceituou “Interferência Lingüística” como o caso de desvios de norma de uma das línguas faladas por um indivíduo bilíngüe. O mesmo autor definiu dois ti-

pos de interferência: *na língua* (empréstimo) e *na fala* (interferência). Para ele, a interferência seria o uso de elementos de um código dentro do contexto de um outro código nos níveis fonológico, sintático, lexical, semântico e pragmático.

Conforme DUBOIS (1978 p. 209), ocorre empréstimo lingüístico quando um falar A acaba por integrar uma unidade ou traço lingüístico que existia precedentemente num falar B e que A não possuía. O autor alerta-nos para o fato de que o empréstimo é o fenômeno sociolingüístico mais importante em todos os contatos de línguas.

MACKEY (1972) diz que as características de graduação, função e alternância é que determinam a interferência de uma língua na outra, na fala de bilíngües. Portanto, “interferência será o uso de traços de uma língua enquanto falando ou escrevendo outra”. Para o autor a graduação se refere à habilidade de ouvir X, escrever e falar X, escrever nos níveis gráfico-fonológico, gramatical, lexical, semântico. A função refere-se às condições em que o bilíngüe usa a língua, podendo ser: a) *externa*: o uso lingüístico no lar, na comunidade, na escola e o rádio, a televisão, a imprensa; b) *interna*: usos não comunicativos, como fala interior e a expressão de atitudes intrínsecas que levam a habilidade bilíngüe a resistir ou tirar proveito de situações com as quais entra em contato. A alternância remete-nos ao assunto, pessoa e tensão, que parecem ser três fatores de alternância de uma língua para outra, determinando a interferência na fala de bilíngües.

Conforme MACKEY, a descrição de interferência precisa ser distinguida da análise do empréstimo lingüístico. A primeira é um traço de *parole*; o segundo, é um traço de *langue*. Uma é individual e eventual; outro é coletivo e sistemático.

Conforme o que nos é colocado por MACKEY, no empréstimo lingüístico encontramos relação como integração: traços de uma língua são usados como se fizessem parte de outra. Estes traços estrangeiros ou externos são usados por falantes monolíngües que não conhecem nada da língua da qual se originaram tais traços. Entretanto, empréstimos podem estar integrados em apenas um dos dialetos da língua e não nos outros.

No caso da faixa de indivíduos bilíngües, o padrão e a soma da interferência não são os mesmos em todo o tempo e sob todas as circunstâncias. A interferência pode variar com o meio, o estilo, o registro e o contexto que o bilíngüe estiver usando.

Constata-se ainda, seguindo MACKEY, que a interferência varia de texto para texto. Portanto, é o texto, num contexto usado com o registro específico num determinado estilo e meio, o exemplo apropriado para a descrição de interferência.

Conforme a teoria de MACKEY, a descrição da interferência requer três procedimentos; a descoberta do elemento estrangeiro exato que é introduzido pelo falante em sua fala; análise do que ele faz com o mesmo - suas substituições e modificações e uma avaliação da extensão da substituição de elementos nativos por estrangeiros.

Inicialmente é necessário identificar o elemento estrangeiro, comparando-o com seus correspondentes na fala monolíngüe da área e descobrindo o modelo na língua estrangeira responsável pela interferência. Este procedimento depende de uma descrição completa e acurada das duas línguas envolvidas e de uma análise das diferenças entre as mesmas.

Para a nossa investigação sobre a interferência do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa e sua conseqüente interferência na expressão escrita, estas afirmações de MACKEY serão de grande utilidade, pois se as nossas questões são as de que existe interferência do dialeto alemão na expressão oral e de que esta interfere na expressão escrita, é necessário descobrir quais são os elementos responsáveis pela suposta interferência e, observando o fenômeno, posteriormente deverá ser feita a análise do que se constatou.

Vale salientar que, no presente trabalho, interessa-nos averiguar, de modo especial se existe a interferência do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa e se existe interferência desta sobre a expressão escrita, verificando-se até que nível pode ser afetado ou não o processo de alfabetização ou ensino/aprendizagem do aluno.

De acordo com o que se constata em sala de aula e através de estudos efetuados por lingüistas, é possível dizer que quando se estabelecer um contato entre duas ou mais línguas, tanto numa circunstância escolar de aprendizagem de uma segunda língua ou em situações de natureza

histórica, política e social, padrões peculiares a uma língua serão transferidos para os padrões de outra onde estes padrões não existem. Este fenômeno passou a chamar-se de interferência lingüística, interferência esta que seria resultante das semelhanças parciais e diferenças totais entre dois sistemas, operando simultaneamente em diversos níveis lingüísticos tais como o fonêmico, o morfológico, o sintático e o lexical, que são níveis estruturais.

Para HERNANDOREÑA o objeto de estudo da fonologia é a formação sistemática de como cada língua organiza os sons; enquanto o objeto de estudo da fonética é a realidade física dos sons produzidos pelos falantes de uma língua. A autora diz que fonologia e fonética apresentam campos de estudo relacionados, porém seus objetivos são independentes. Enquanto a fonética visa ao estudo dos sons da fala do ponto de vista articulatório, verificando como os sons são articulados ou produzidos pelo aparelho fonador, ou do ponto de vista acústico, analisando as propriedades físicas da produção e propagação dos sons ou ainda do ponto de vista auditivo, parte que cuida da recepção dos sons, a fonologia, ao dedicar-se ao estudo dos sistemas de sons, de sua descrição, estrutura e funcionamento, analisa a forma das sílabas, morfemas, palavras e frases, como se organizam e como se estabelece a relação “mente e língua” de modo que a comunicação se processe.

A autora ainda diz que por essa caracterização, pode-se ver que a fonética se dedica ao estudo de todo o som produzido pelo aparelho fonador e utilizado na fala; a fonologia, diferentemente, detém-se nos sons capazes de distinguir significados que tradicionalmente são designados de fonemas e na forma de como se organizam e se combinam para formar unidades lingüísticas maiores, bem como nas variações que esses fonemas podem apresentar. Ela nos coloca ainda que pelo processo de comunicação, ou seja, pela substituição de sons em contextos lingüísticos semelhantes, é possível observar a existência de contraste de significado e, conseqüentemente, identificar os fonemas de uma língua. A partir dos pares mínimos pala/ bala, selo/zelo, tela/dela, por exemplo, depreende-se que o traço sonoro nas consoantes é distintivo em português, permitindo que se afirme que /p/ e /b/, /s/ e /z/, /l/ e /d/ são fonemas diferentes.

Mais adiante a mesma autora diz que a fonética apreende os sons efetivamente realizados pelos falantes da língua em toda a sua diversidade e a fonologia abstrai essa diversidade para captar o sistema que caracteriza a língua.

Conforme a autora, todo falante possui uma informação fonológica que congrega duas formas diferentes das unidades lexicais de uma língua: uma representação fonológica, mais abstrata, subjacente ao nível fonético, que só contraiu informação não previsível (distintiva) e que estabelece a relação dos sons com significado, e uma representação fonética, que indica como a palavra é realizada, que isola as propriedades articulatórias e acústicas dos sons para a realização e a descodificação dos sinais da fala.

Nesse trabalho procuraremos transcrever foneticamente a fala dos vocábulos conforme o que aparece na figuras do anexo 2 e posteriormente serão comparadas à representação escrita dos mesmos. Os estudos supracitados embasarão o nosso trabalho de pesquisa e serão complementados com outros que porventura se fizerem necessários para explicarmos e argumentarmos as nossas constatações na análise dos resultados.

CAPÍTULO IV

ASPECTOS SÓCIO-HISTÓRICOS E CULTURAIS DE PORTO NOVO: ITAPIRANGA,

TUNÁPOLIS, SÃO JOÃO DO OESTE

4.0. Porto Novo

Neste Capítulo apresentaremos alguns aspectos sócio-históricos dos descendentes alemães de Porto Novo, que hoje abrange os municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, a fim de melhor compreender as raízes sócio-históricas do bilingüismo nessa região. Os dados foram obtidos em documentários encontrados na Prefeitura Municipal e Biblioteca Municipal Padre Afonso Hansen, de São João do Oeste, JUNGBLUTH (2000) e através de contatos mantidos com José Helmuth Kõrbes, pioneiro da comunidade.

Para entender melhor esta realidade, é importante esclarecer que a comunidade falante da qual procedem os informantes da presente pesquisa, faz parte de um projeto de colonização organizado pelos padres jesuítas oriundos da Europa, em 1880, para cuidar dos imigrantes alemães católicos do Rio Grande do Sul, que vieram, na sua maioria, refugiados da Alemanha para o Brasil. O maior líder desse movimento foi o Pe. Theodor Amstand, S. J.

Pela sua facilidade de relacionamento com os protestantes fundou uma associação interconfessional de colonos com a ajuda dos pastores, denominada Bauernverein, em 1900. Uma ala do Bauernverein achava que a associação deveria ser dividida em católicos e protestantes.

Foi então que os católicos, com o apoio do Pe. Amstand e outros, fundaram o Volksverein, somente para alemães católicos do Rio Grande do Sul, em 1912. Esse grupo, embora não se retirasse do Bauernverein, priorizava o Volkverein e com isso o primeiro perdeu importância. Mais tarde os evangélicos também fundaram uma entidade só para eles, acabando assim o Bauernverein.

O Volksverein tinha como um dos objetivos criar um núcleo familiar somente para alemães católicos, tendo como principal defensor desse projeto o Pe. João Evangelista Rick, S.J.

Esse objetivo foi alcançado 14 anos mais tarde, em 1926, criando-se a colônia de Porto Novo, hoje abrangendo a região formada pelos municípios de Itapiranga, Tunápolis e São João do Oeste, no extremo oeste de Santa Catarina, na divisa com a Argentina e o Rio Grande do Sul.

Essa colônia foi dividida em lotes e somente conseguia comprar um desses lotes quem era alemão e católico. Formou-se um preconceito racial e religioso muito forte tal que até hoje muitos jovens ainda enfrentam problemas sérios perante seus pais quando escolhem para o casamento um parceiro de cor, não falante do alemão ou que seja de outra religião. Isto hoje ocorre com certa freqüência porque muitos jovens, após terem concluído o ensino médio, rumam para grandes centros para freqüentarem um curso superior ou para procurarem um emprego. Ocorre que nestes lugares muitas vezes encontram um parceiro que não seja alemão e católico e resolvem casar. Houve já vários casos em que os pais proibiram que o filho ou a filha retomassem para casa com este tipo de parceiro, evidenciando a rejeição ao elemento que não seja da sua etnia ou religião, princípio incutido pela cultura da colonização.

Porto Novo nasceu sob a disputa entre as congregações religiosas dos jesuítas e dos missionários da Sagrada Família. Quando Porto Novo surgiu, em 1926, a área pertencia à Diocese de Florianópolis, onde era bispo Dom Domingos Oliveira. Foi este que criou, às pressas, a paróquia de Itapiranga, num acordo feito entre o bispo e os padres da congregação dos missionários da Sagrada Família, MSF, de Nanoai, com sede em Florianópolis, para que assumissem a direção espiritual da longínqua Porto Novo. Os nomes da cidade e da paróquia foram sugeridos pelo Pe. Max Von Lassberg, que celebrou a primeira missa em 11-04-1926. Em 11-04-1931, os padres jesuítas reassumiram Porto Novo com a posse do primeiro vigário Pe. Theodoro Treis. A paróquia de Itapiranga, como também a de Tunápolis e São João do Oeste, até hoje continuam sob a administração dos padres Jesuítas.

Parelelamente à religião, sociedade e igreja cultivaram o pangermanismo em oposição às medidas de nacionalização, não respeitando leis, decretos e resoluções que exigiam o ensino na escola e o ensino religioso na língua portuguesa. As aulas, a catequese e os sermões eram pro

feridos na língua alemã. Essa questão tomou-se crítica, principalmente no período da II Guerra Mundial, quando houve perseguições, torturas e até mortes dos que insistiam no ensino e na fala em língua alemã. Famílias foram expulsas e, com seus filhos e alguns pertences carregados em carroças, tiveram que abandonar sua propriedade e sair sem rumo. Mães, desesperadas por seus filhos serem descobertos falando alemão, colocavam ataduras nas bocas dos mesmos para que não falassem. Os adultos optavam pelo silêncio ou se comunicavam através de gestos, pois eram vigiados por espões dia e noite durante o período da guerra.

A igreja era muito rígida nas primeiras décadas da colonização e pregava o temor a Deus e o “terror” ao pecado. As famílias eram numerosas, porque o objetivo era habitar e colonizar a nova colônia. Se um casal passava dois anos sem ter um filho, o padre o visitava para ver o que estava acontecendo. Era comum as famílias terem em média 12 a 15 filhos. Nas igrejas e capelas a divisão das pessoas era feita por alas masculinas e femininas, sendo que este costume até hoje prevalece em muitas comunidades da antiga Porto Novo.

Mesmo que o governo tivesse proibido a divisão por sexo nas escolas em 1939, esta questão nas escolas do município foi superada somente na década de 70. Os prédios escolares eram construídos com duas alas divididas por um corredor. Do lado direito ficavam os meninos e do lado esquerdo, as meninas. Em 1950, o episódio da queima do Colégio das Irmãs em Itapiranga, foi atribuído aos que exigiam salas especiais para as meninas, pois na época neste colégio já haviam formado turmas mistas, por exigência do governo.

A Igreja teve um papel muito importante na organização comunitária, tendo influência fundamental na educação e na saúde. A construção de hospitais, tanto em Itapiranga quanto em São João do Oeste teve à frente o estímulo decisivo e a ação das irmãs Religiosas e dos padres. O mesmo aconteceu na edificação e administração dos colégios. Houve, desde o início, uma preocupação muito grande com a educação e talvez seja por isto que a região de Itapiranga hoje se destaca neste setor a nível de região e Estado.

Os jesuítas também tiveram significativa influência no desenvolvimento tecnológico agro-pastoril e agro-industrial de Porto Novo, destacando-se o padre Oscar Puhl, idealizador do

Colégio Agrícola São José de Sede Capela, conhecido e reconhecido a nível estadual e interestadual pela sua infraestrutura e qualidade de ensino na formação de técnicos agrícolas.

As famílias descendentes de alemães que habitam essa região, no geral, são praticantes da religião católica e bastante fervorosas: as gerações passadas praticavam a reza diária do Rosenkranz, terço ou rosário, antes de dormir. A comunidade de Porto Novo - Itapiranga, São João do Oeste e Tunápolis - já forneceu inúmeros padres, religiosos e religiosas à Igreja Católica.

Porém as inovações religiosas trazidas pelo Concílio Vaticano II, paralelas à globalização das novas idéias de liberdade total trazidas pelos meios de comunicação - rádio e televisão - que foram se infiltrando aos poucos nos lares dos portonovenses, deixaram as pessoas confusas e o processo de adaptação foi demorado.

Além disso, o advento desses meios de comunicação, colocou os falantes nativos do dialeto alemão, mais em contato com a língua portuguesa, acarretando uma mesclagem entre as duas línguas.

Vale ressaltar que a língua alemã falada em Porto Novo e, conseqüentemente, em São João do Oeste originou-se dos povos germânicos espalhados pela Europa e pela própria Alemanha, repleta de dialetos. Estes são tão diferentes que os alemães que os praticam têm dificuldade de se entenderem. No entanto, em Porto Novo, as diferenças diminuíram e prevaleceu o Hunsrückisch, denominado também de Hunsbuglích ou Plattdeutsch, falado na região da Renânia, também conhecida por região do Hunsrück ou do Mosel ou do Reno. A imposição deste dialeto se deveu ao fator maioria, ou seja, os renanos chegaram em maior número às regiões de imigração alemã do Rio Grande do Sul, de onde procedem os colonizadores de Porto Novo, ou seja, dos municípios de Montenegro, Estrela, Lageado, Arroio do Meio, Santa Cruz do Sul, Venâncio Aires e outros. Mesmo dentro do dialeto do Hunsrückisch existem algumas variações, porém mais ou menos próximas do alemão padrão - Hochdeutsch. Citaremos aqui alguns exemplos:

Wie heil3t du? [vi'haist du] - Wie häst tu? [vi'hest tu] - Wie Häscht tu? [vi'hejt tu] (Como você se chama?). - Geh such mal die Eier im Wagen. [ge 'suh ma di àia T 'vagè] - Geh such mohl di

Oia im Wón. [ge 'suh mo di Òia T 'võj - Ke such mo die Aia im Waan. [ke 'suh mo di 'aia T vã] (-Vá procurar os ovos na carroça). lá, ía, ío, iô.

Como podemos ver nos exemplos acima, no dialeto alemão numa variante a consoante é surda e na outra, no mesmo vocábulo, a consoante é sonora, como nos casos [gehj e [ke] e [du] e [tu], o que é crucial para a nossa pesquisa.

Pressupõe-se que antes que se iniciasse a colonização de Porto Novo, a região era habitada por nativos indígenas, visto que foram encontrados diversos vestígios deixados às margens do Rio Uruguai e dos seus afluentes, tais como cerâmicas, urnas funerárias, ferramentas de trabalho e outros. Na época em que se iniciou a colonização, por volta de 1926, a região era habitada pelos caboclos denominados de Waldläufer - andarilhos do mato. Esses não tinham lugar fixo para morar, eram nômades, andavam mal vestidos, portavam facão na cintura e carregavam, penduradas numa vara, uma mochila e uma pequena panela para preparar bóia. Em geral, alimentavam-se de caça e frutos do mato, porém alguns cultivavam produtos na terra.

Os Waldläufer aceitavam a chegada dos alemães sem resistência alguma e eram usados como mão-de-obra pelos mesmos, recebendo em troca alguma remuneração em dinheiro e comida. Não tinham noção de dinheiro e quando recebiam o pagamento, iam em grupos até uma bodega, botavam o dinheiro no balcão, pediam uma garrafa de cachaça e esperavam o troco para ver se podiam comprar mais. Em seguida punham mais dinheiro, pediam algum produto, esperavam o troco e recomeçavam o processo até que terminava o dinheiro; mas todos pediam caramelos (balas) pelo último troco.

Divertiam-se pregando peça nos alemães, principalmente no que dizia respeito ao cultivo da terra. Talvez esse seja um dos motivos pelos quais o relacionamento com os alemães, segundo alguns registros encontrados, não foi dos melhores.

A origem dos Waldläufer é desconhecida. Uns supõem que eram elementos braçais usados na exploração da madeira na região. Já outros admitem que eles fizessem parte de expedições portuguesas que para a região vieram seguidas vezes e foram deixando nestas matas de forma programada ou casual estes indivíduos, os quais, com o tempo, foram perdendo o contato

com a civilização branca, criando uma cultura própria. Porém para os colonizadores eles eram os índios guaranis que sobreviveram à interferência do homem branco seja pelos missionários, seja pelos conquistadores espanhóis ou pelos bandeirantes da Coroa Portuguesa.

Outro tipo de moradores que já se encontrava na região, quando esta foi colonizada, foram os caboclos intrusos, os quais tinham um certo grau de cultura européia, sendo que vários deles sabiam ler e escrever. Falavam o português, o espanhol e alguns, o guarani. No seu trato com os alemães, evidenciavam-se seus hábitos europeus. Vestiam-se bastante bem, com tecidos trazidos da Argentina. Diferenciavam-se dos Waldlâufer pelo modo de se portar e pela melhor organização familiar.

Os intrusos foram operários chefes das empresas exploradoras de madeira da Argentina e do Uruguai. Eles contratavam os Waldlâufer para os trabalhos de extração de toras e confecção de balsas para levar a madeira rio abaixo para ser comercializada.

Como a colonização do projeto do Volksverein foi avançando, os alemães foram tomando os espaços e os caboclos foram tratados com os seguintes estigmas sócio-culturais:

- são de raça inferior;
- não são capazes de executarem um serviço do início ao fim;
- exalam um odor característico pouco suportável para o branco;
- o caboclo não deve ser tratado com benevolência ou dignidade;
- são potencialmente criminosos;
- são ladrões;
- são lhes reservados serviços que o branco não quer fazer ou que lhe são muito pe-

sados.

Reinava um racismo preconceituoso bastante acentuado dos alemães em relação aos negros, cuja intensidade ainda hoje se faz sentir na sociedade local. Expressões como Neger Arbeit - serviço de negro - para designar serviços inacabados ou mal feitos; Haut die Neger Raub - toquem os negros embora; Der trãkiche Neger - o nego sujo... são muito comuns serem ouvidas na região do antigo Porto Novo.

Quando um caboclo era contratado para executar um serviço, recebia o prato de comida fora da casa e tinha que dormir no galpão, deitado na palha de milho ou enrolado numa lona de pano - Das Dreschtuch. Até hoje este costume continua na maioria das famílias alemãs. Quando um caboclo pede hospedagem, ele é hospedado num recinto separado da casa e sempre com uma certa desconfiança. Conforme alguns depoimentos, o Neger - caboclo - não podia tirar leite da vaca do alemão porque era considerado sujo por causa da cor da sua pele.

Hoje existem pouquíssimos descendentes desses caboclos na região, porém os poucos que restam freqüentemente são motivo ou causa de encrenca em promoções ou eventos sociais, pois o caboclo - der Neger - continua sendo visto como raça inferior numa comunidade como São João do Oeste, onde em tomo de 95% são descendentes alemãs. Já houve épocas em que os Neger não tinham acesso às promoções sociais dos brancos em Porto Novo, conforme contam as pessoas mais antigas.

Em Itapiranga hoje já existe a infiltração de pessoas de diferentes origens, isto devido a ampliação do frigorífico do grupo SEVAL - SEARA, enquanto São João do Oeste continua caracteristicamente alemã, com quase todos os seus habitantes falando como língua materna o dialeto alemão do Hunsrückisch, usando-o em quase todas as situações de comunicação informal do cotidiano, inclusive no comércio, repartições públicas, corredores e até dentro das salas de aula das escolas, igreja, como poderemos verificar pelo questionário aplicado aos nossos informantes.

4.1. A Comunidade de São João do Oeste

Nesta parte, pretendemos falar mais especificamente sobre a comunidade de São João do Oeste, que era Distrito do município de Itapiranga do qual foi desmembrada pela emancipação em 1991. É desta comunidade que são nossos informantes e por isso achamos conveniente contarmos alguma coisa sobre sua constituição e história.

O primeiro registro histórico de que se tem notícia de São João do Oeste remonta ao ano de 1931, o qual fala da insolubridade do local, escondido sob mata virgem. Naquele ano a área foi

loteada por Emst Maynthusen e Karl Schikling, ambos residentes em Sede Capela, Itapiranga, agrimensores nascidos e formados na Alemanha. Esses previram ali um futuro centro urbano pelos fatores geo-hidrográficos propícios - Land und Wassergünstiges Platz-, A colonizadora SUP - Sociedade União Popular ou W, Volksverein ordenou que os lotes 77, 79 e 81 da Linha Fortaleza e ainda os lotes 19 e 20 da Linha Ervalzinho fossem divididos em terrenos urbanos de 1000m* em média, duas praças e 23 chácaras.

Os primeiros moradores de São João do Oeste foram José Raymundo e Alvina Klein e os filhos Osvino, Veleda e Harri, vindos da Linha Espumoso, Montenegro, Rio Grande do Sul. A família veio com a mudança numa carroça, puxada por bois, viajando durante 12 dias. Chegaram a Sede Capela - Porto Novo - e de lá, acompanhados do irmão Afonso e do companheiro de viagem a Porto Novo, Gabriel Welter, foram até São João, através de uma picada feita pelo mato, a fim de iniciar a ocupação do lote. Estabeleceram-se às margens do Arroio Fortaleza onde construíram uma choupana de tábuas lascadas a braço.

As primeiras derrubadas de mata foram feitas em setembro de 1932.

Em 1933 já residiam em São João as famílias de José Raymundo Klein, Alberto Ziem, José Ziem, Emílio Angst, Nicolau Klein, Guilherme Willebring, Alberto Schwaab, Aloísio Kaspaiy, João Augusto Welter e a família Zott, todos de origem alemã e católicas, procedentes de municípios gaúchos de colonização alemã.

A primeira missa foi rezada em 18-01-34, pelo Pe. Theodoro Treis, S.J., vigário de Itapiranga. Nesta mesma data foi eleita a primeira diretoria da comunidade. Definiu-se também a

29

construção da primeira igreja-escola nesta mesma data, inaugurada em fins de março do mesmo ano. Esta era uma exigência do Volksverein para as comunidades que fossem fundadas em Porto Novo. As aulas tiveram início em 15-01-34, assumindo como professor provisório de uma turma de 17 alunos, o Sr. Emílio Angst, que era um ex-comerciante vindo do Rio Grande do Sul. O ensino foi totalmente ministrado em língua alemã.

Em 1937, Amo Herbele foi oficializado como professor paroquial, com 21 alunos. O professor paroquial - der Phárschullerer - era remunerado com uma parcela paga pelos alunos e o restante o Volkverein cobria. Cada aluno pagava 4 mil réis, que correspondia de 8 a 10 Kg de banha, moeda mais forte da época. O professor recebia, no mínimo, 120 mil réis por mês. As aulas eram ministradas obrigatoriamente em alemão, assim como o eram nas demais escolas de Porto Novo. As comunidades se reuniam com o padre, construía uma salinha que ocupavam para capela e sala de aula. Outras vezes alguém cedia uma repartição da sua residência para esta finalidade. O terreno da igreja e da escola era cedido pelo Volksverein. Era uma colônia de 25 hectares em média e a escritura saía no nome da Mitra Diocesana. Nesta propriedade também se construía, posteriormente, a casa do professor - Gemeindehaus - e este plantava a terra para ajudar na sua subsistência.

A partir de 1938, com a Lei de Nacionalização, exigiu-se a extinção das escolas paroquiais e estas deveriam ser assumidas pelo Estado, devendo as aulas ser ministradas em português, sem obediência à Igreja e ao clero.

Em 23 de agosto de 1938 foi criada a Escola Mista de São João e tiveram que misturar alunos dos dois sexos nas salas. Já em 06 de setembro do mesmo ano a escola foi fechada por decreto, pois a comunidade se reuniu e o conselho do Vigário decidiu não permitir que na igreja-escola fosse dada aula em português. Trancaram a tramela e a escola pública teve que funcionar por algum tempo numa construção tipo galpão existente nas proximidades.

Em 1949 o governo construiu duas salas de aula em madeira onde futuramente foi instalado o Colégio Estadual, com o nome de Escola Reunida Augusto Fausto da Luz. Este nome no mínimo soou estranho para a população local, aliás, como todos os nomes que foram atribuídos às escolas estaduais criadas na época. Acostumar-se a essa nova realidade criou diversos impasses na época, acostumados que estavam à Pharschule ou Gemeindeschul como também ao Gemeindeschullerer.

Em 1961 foi implantado o 5º ano primário, denominado de Admissão ao Ginásio. Dois anos mais tarde, mais precisamente em 04-03-1963, ocorreu a abertura do Jardim de Infân-

cia Jesus Menino que também foi assumido pelas Irmãs Religiosas, com 42 crianças. A comunidade doou um terreno ao Estado para a construção do prédio.

Em 1964 instituiu-se o Ginásio Normal Professor Murilo Braga, coexistindo com o Grupo Escolar Madre Benvenuta. Neste ano as irmãs entregaram a direção, mas continuaram ainda por diversos anos como professoras.

Nesta época também vieram para a região diversos professores concursados, provenientes do litoral, os quais não tiveram boa aceitação pelos alunos e, principalmente, pelos pais porque não falavam alemão e eram morenos. Criou-se uma situação de atrito em algumas comunidades e vários desses professores retomaram ao litoral em questão de pouco tempo.

Em 1973 ambas as escolas foram incorporadas à Escola Básica Madre Benvenuta que foi transformada em Colégio Estadual de Ensino Fundamental e Ensino Médio em Educação Geral, com 750 alunos, em 1992.

Em 18-03-74 inaugurou-se o curso de Técnicas Contábeis Jorge Lacerda, com 36 alunos matriculados.

Em 1998 foi iniciado o processo de nucleação, criando-se quatro núcleos de Ensino Fundamental de 1º a 4º série mantidos pelo município, com transporte gratuito dos alunos que moravam a mais de dois quilômetros de distância. Nestes núcleos, além da grade curricular normal, são ministradas aulas de datilografia, computação, natação e língua estrangeira inglesa aos alunos já desde as séries iniciais. O fato do ensino da língua estrangeira inglesa nos chama a atenção, visto que os alunos que freqüentam as séries iniciais vêm para a escola falando quase 100% como língua materna o dialeto alemão do Hunsrück. Questionamo-nos quanto à questão do ensino da língua estrangeira, pois acharíamos mais conveniente, ou talvez mais proveitoso, se os alunos aprendessem a ler e escrever na língua alemã e, concomitantemente, fossem alfabetizados em português, pois acreditamos que esse procedimento provavelmente facilitaria o processo de ensino-aprendizagem na língua nacional.

Além dos núcleos municipais do ensino fundamental de 1º a 4º série, São João do Oeste possui uma escola de Educação Básica de 5º a 8º série e Ensino Médio de Educação Geral, na

Linha Cristo Rei; outra de Ensino Fundamental de 1º a 8º série na Linha Ervalzinho, além da Escola de Educação Básica Madre Benvenuta, na sede municipal, a qual conta com 750 alunos. Em todos os estabelecimentos de ensino, mais que 95% dos professores e alunos são falantes nativos do dialeto alemão, sendo muito comum os professores entre si falarem neste dialeto nos intervalos ou até com os alunos. Muitos alunos vêm à secretaria da escola pedindo informações em língua alemã, pois não conseguem fazê-lo em português e muitas vezes são repreendidos por este ato pela direção da escola, proibindo-lhes a fala em alemão.

O comércio de São João do Oeste iniciou em 1934, com venda de produtos elementares trazidos do comércio de Sede Capela. Em 1945, Adolfo Grasel estabeleceu-se com uma casa comercial mais arrojada. A família Grasel tomou-se numerosa e destacou-se nas atividades comerciais, industriais e agropastoris e hoje está à frente de diversos estabelecimentos comerciais e industriais de São João do Oeste. Em 1948 surge o comércio Schoeler & Cia, ligado à família de José Schoeler de Sede Capela.

Por longos anos o comércio de Adolfo Grasel e de Schoeler & Cia. alimentavam uma forte concorrência em São João do Oeste, tanto que a população se dividia em torno dos dois comércios, admirando e respeitando as orientações emanadas de seu Geschäftsmann - comerciante. Em casos conflitantes, as pessoas tomavam partido da sua casa comercial. As famílias eram freguesas fiéis de um único estabelecimento comercial, na época. Os empreendimentos comunitários tinham que cuidar para não conflitar com um ou outro comerciante.

A partir dos anos sessenta outros estabelecimentos comerciais foram surgindo em São João do Oeste e, entre estes, quem mais se destacou foi a Cooperativa Agrícola, diminuindo assim a bipolarização comercial do lugar.

Além de diversos estabelecimentos comerciais, em São João do Oeste hoje proliferam também algumas pequenas indústrias, entre as quais a indústria de Laticínios São João.

No setor da saúde São João do Oeste teve, desde o início até hoje, também a participação ativa das irmãs da Divina Providência, além da comunidade que se empenha de uma forma extraordinária sempre que for solicitada.

Nos primeiros anos de colonização, as pessoas eram transportadas em macas improvisadas, ou no lombo do cavalo, até Sede Capela, onde havia um pequeno hospital funcionando ou, se era um caso mais grave, levava-se o paciente até Itapiranga, onde as Irmãs mantinham um hospital, atendido pelo médico Dr. Maximiliano Leon. Este vinha uma vez por mês atender consultas em São João do Oeste, montado no lombo de um burro e atravessando as matas através de uma estradinha feita a picareta pelos pioneiros.

Já em 04-02-1956 ocorreu o lançamento da pedra angular para a construção de um hospital assumida pelo Instituto de Assistência e Educação São João, cuja sede foi inaugurada em 12-12-1954. Em 07-01-1957 os sócios do Instituto aprovaram que as Irmãs da Divina Providência, já estabelecidas em São João, organizassem o hospital e que eventuais lucros seriam investidos na ampliação do prédio.

Assim, em 01-05-1960, foi inaugurado o hospital Santa Casa Rural, do Instituto de Assistência e Educação São João, que teve como primeiro médico o Dr. Jorge Schroeder Chagas. Depois desse, diversos outros médicos passaram pela entidade e hoje estão trabalhando no hospital o Dr. Marcelo da Cruz e o Dr. Hildor Schroeder, este último, filho da comunidade, sendo os dois clínicos gerais, mas continuam na chefia do corpo de enfermagem as Irmãs da Divina Providência. A grande maioria dos pacientes procura o Dr. Hildor Schroeder, por se tratar de um médico que fala a língua alemã. As enfermeiras e as Irmãs todas são falantes nativas do dialeto alemão.

Em São João do Oeste trabalha-se muito na saúde preventiva, através das agentes de saúde das comunidades. Também há um posto de saúde junto à prefeitura. O hospital recebe uma verba mensal no valor de R\$ 6.000,00 e, de comum acordo entre a população e o hospital, cada pessoa paga uma taxa de R\$ 3,00 por consulta em horário comercial e R\$5,00 fora do horário comercial, para evitar que alguns paguem consulta integral quando acabam as AIHs. Em termos de atendimento à saúde, conforme depoimentos de diversas pessoas, São João do Oeste está muito à frente de outros lugares onde o pessoal vai para se consultar.

No setor sócio-cultural São João do Oeste destaca-se pela sua organização, tendo o maior salão social da região, inaugurado em 1º e 11 de fevereiro de 1977, todo ele em alvenaria. Os Clarins de Ouro animaram os bailes de inauguração. A obra foi construída por doação de dias de serviço dos sócios, com dinheiro dos cofres do Clube Aliança e o restante foi suprido por meio de verbas públicas. O povo de São João do Oeste, como também de Itapiranga e Tunápolis - antigo Porto Novo - prima pelas obras comunitárias, pela união e trabalho conjimto, o que mais uma vez foi comprovado neste evento. Este clube social é usado para eventos sociais e culturais que se realizam na comunidade.

Assim como a sede, também todas as comunidades do município possuem seu salão social e o seu time de futebol organizado. Nos finais de semana as pessoas se reúnem no clube para lazer: bailes, festas comunitárias com comes e bebidas típicas, não faltando o tradicional chopp, uma partida de fútebol, um Schaffcoph ou então um simples bate-papo com os amigos.

A festa tradicional, realizada em São João do Oeste, é a Erntedankfest que ocorre sempre no primeiro domingo de maio. Para esta festa são escolhidas a Rainha e as Princesas entre uma representante de cada uma das 11 comunidades que compõem o município. Esta escolha é feita numa data anterior à festa, geralmente em abril, num baile comunitário realizado no clube social da sede, do qual toda a comunidade participa. É um baile típico alemão, parecido com a Oktoberfest, animado com música de banda e a participação das famílias de todo o município. As candidatas desfilam com trages típicos e são escolhidas por uma comissão composta por lideranças de municípios vizinhos. As escolhidas fazem a divulgação da festa. Uma das exigências para ser candidata é que saiba falar a língua alemã.

No dia da Erntedankfest - festa de agradecimento pela colheita - faz-se uma alvorada festiva com a banda mimicipal, com foguetório e o toque dos sinos. Às 9:30 horas é celebrada uma missa festiva com a participação e animação do coral comunitário e da banda municipal. A igreja é toda enfeitada com produtos da terra. Ao meio-dia serve-se churrasco e comes típicos. Não podem faltar, é claro, as tradicionais cucas e sobremesas. Jogos, música de banda, café colo-

nial e muito chopp não faltam para ocupar e animar os visitantes que chegam de toda região também pela parte da tarde.

Além disso, todas as comunidades do interior promovem sua festa anual, na qual pessoas de todo o município e redondezas se reúnem.

Promovem-se também bailes sociais, em geral num número de quatro bailes anuais em cada uma das comunidades do município. Desses, um deles é o tradicional Kerpbaal, em homenagem ao padroeiro da comunidade. Escolhe-se uma das comunidades do município para promover, anualmente, o festival da canção alemã, dividido em quatro categorias: infantil, juvenil, adulta e terceira idade, com premiação para todos os inscritos.

Outra promoção conhecida a nível interestadual é o FESTI-OESTE, que é um festival de canção popular e sertaneja que conta com a participação de calouros de toda a região sul do Brasil, realizado todos os anos no Clube Social da sede municipal.

O município de São João do Oeste também cultiva a cultura das tradições germânicas através de grupos de danças folclóricas existentes em quase todas as comunidades do município. Promove-se, anualmente, um encontro de integração desses grupos numa das comunidades do município, contando também com a participação de grupos visitantes dos municípios vizinhos.

Mas imi dos espetáculos que mais fascina e orgulha os sãojoestinos é, sem sombra de dúvida, o show de patinação do Clube de Patinação Rosas do Sul que anualmente apresenta um espetáculo natalino sobre rodas no clube social da sede do município. Além disso, o Clube de Patinação Rosas do Sul faz diversas apresentações durante o ano em vários pontos do país, inclusive tendo dois programas gravados e apresentados na Rede Vida de Televisão. Dentre os números apresentados, encontram-se alguns referentes às tradições e origens do povo do município.

Sendo Itapiranga, município mãe de São João do Oeste, o Berço Nacional da Oktoberfest, o povo sãojoestino também participa ativamente desta festa típica que se realiza durante o mês de outubro.

Quanto aos meios de comunicação, nos primeiros anos de colonização era difícil. Para manter contato com Itapiranga, os únicos meios de transporte eram o cavalo e a carroça, deven-

do-se passar por estradinhas abertas pelo mato a picareta e enxada. Quando alguém de São João ia a Itapiranga, verificava no comércio de lá se não havia um Brief - carta - vinda da Colônia Velha. Estas cartas demoravam às vezes meses para chegar ao seu destino e eram escritas em alemão.

Outro meio de comunicação foi o telegrama que era distribuído no comércio local, via Itapiranga.

Em 1940 entrou o primeiro rádio em São João do Oeste, adquirido pelo comerciante José Zimm. À noite, as pessoas se reuniam no seu estabelecimento comercial para ouvirem rádio.

Em 1960, Alois Kirchner instalou a primeira estação de rádio, funcionando onde hoje se localiza o Mercado Meurer e a Casa Miriane. A rádio funcionava duas horas por dia, com gerador próprio, pois na época ainda não havia energia elétrica na comunidade.

Em 1963, quando foi criada a rádio Itapiranga, a rádio local passou a transmitir só à noite e, em 1964, emprestou a aparelhagem à Rádio Itapiranga, fechando assim a estação da rádio em São João.

O telefone foi instalado em 1960, na casa Canônica, sendo encarregado para cuidar o Senhor Hugo Werle. Mais tarde foi construído um posto telefônico ao lado da residência de Hugo Werle. Na época o telefone era automático e gratuito. Mais tarde o automático estragou, passando a ser manual. Teve que ser contratada uma pessoa que se encarregasse de fazer as ligações que eram efetuadas através de chaves e cabos.

Em 1998 São João do Oeste criou uma rádio comunitária através da qual se divulga a cultura comunitária, com programas apresentados por diferentes segmentos da sociedade sãojoestina, tendo também a participação das escolas. Porém, o funcionamento desta rádio ainda não está devidamente autorizado pelas autoridades competentes e por isto já foi duas vezes fechada. Nesta rádio apresentam-se programas em alemão, que são muito sintonizados e apreciados pelos moradores da região.

Atualmente está-se trabalhando para transformar São João do Oeste num pólo turístico, com o aproveitamento das águas termais que jorram numa temperatura de 57° da profundidade de

um poço de 1374 metros de profundidade. Já foi adquirida a área para a construção das piscinas e as primeiras já estão concluídas. Com certeza, esta pacata e tranqüila cidade do extremo-oeste catarinense terá muito a oferecer aos seus futuros visitantes e, mesmo que seus habitantes enrolem um pouco mais a língua para poderem se comunicar em língua nacional, devido ao sotaque e interferência da língua alemã, o visitante sairá desta pequenina, mas maravilhosa cidade, com a pretensão de voltar outras vezes para esta terra hospitaleira, que se desmembrou de Itapiranga e proclamou a independência política pela Lei Estadual nº 8475 de 12/12/91, com instalação da primeira administração, produto de uma ação de consenso entre os partidos políticos do PFL, PMDB, PPR, PDT e PT, em 01-01-93, assumindo como primeiro prefeito Ottmar José Schneiders.

Atualmente o município está sendo administrado pela sua terceira legislatura, na pessoa do Senhor Rudi Aloísio Rasch, tendo como vice o senhor Hugo Theobaldo Bracht, reeleitos no último pleito eleitoral, mérito pela boa condução dos trabalhos, que deixou o município entre os poucos, a nível nacional, que encerrou o mandato com um bom saldo positivo em caixa. São João do Oeste hoje é invejada em diversos setores, entre os quais a educação e a saúde, por muitos municípios da região, sendo considerado por muitos visitantes, pela sua qualidade de vida, um recanto do primeiro mundo.

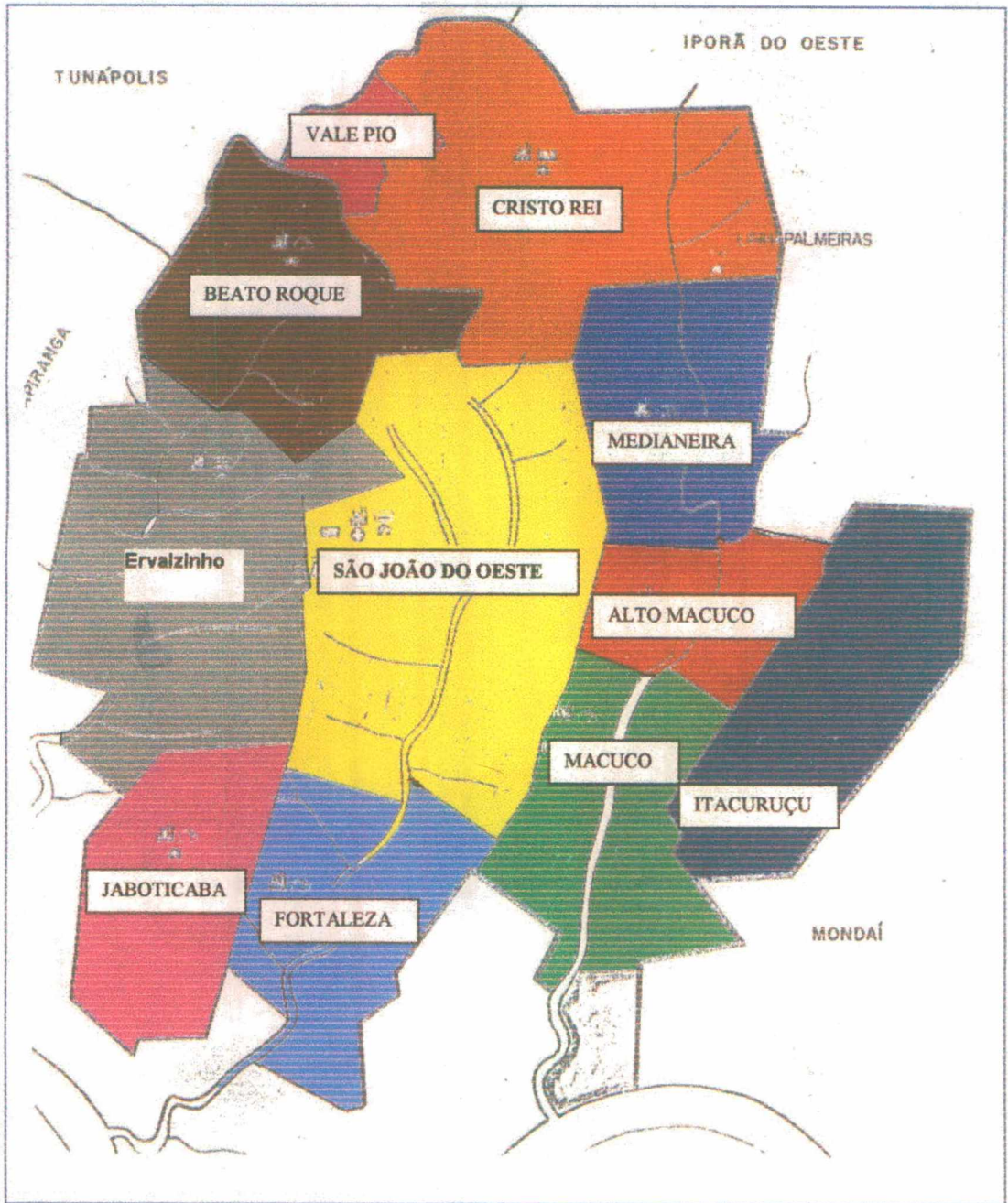
Sua área é de 161,10 km². Além da sede possui mais dez comunidades. Limita-se ao sul com Itapiranga, ao Norte com Timópoli, ao oeste com Iporã do Oeste e ao leste com Mondai.

A população, na sua quase totalidade constituída por pessoas de origem alemã, é de 5.900 habitantes, sendo que destes em torno de 1.500 residem no perímetro urbano e os demais no interior. É um povo ordeiro e trabalhador e o índice de analfabetismo está zerando nas gerações mais novas. Na cidade, as pessoas sobrevivem de micro-empresas e serviços diversos tais como enfermeiras, professores, funcionários da prefeitura, diaristas e outros. Os habitantes do interior dedicam-se à avicultura, suinocultura e gado de leite, basicamente. Outros, tanto da cidade quanto do interior, trabalham na Seara Alimentos, em Itapiranga.

Esperamos que estes dados referentes à colonização de Porto Novo e São João do Oeste possam ser de alguma utilidade para entender melhor o trabalho de análise da suposta interferência da língua alemã na expressão oral e a conseqüente interferência na expressão escrita dos nossos informantes que moram nesta pacata cidade que prolifera no extremo-oeste de Santa Catarina, com um povo ordeiro, trabalhador e hospitaleiro, num lugar tranqüilo em que ainda se pode dormir à noite um sono sossegado sem temer que alguém invada a residência para se apoderar de bens alheios.

ESTADO DE SANTA CATARINA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DO OESTE
Departamento de Educação

MAPA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOÃO DO OESTE





Cidade de Itapiranga – antiga Porto Novo



Cidade de São João do Oeste



Igreja de São João do Oeste, toda em madeira.



Integrantes do grupo de patinação *Rosas do Sul*, numa exibição em show

CAPÍTULO V

METODOLOGIA DA COLETA DE DADOS

No presente capítulo será feita a descrição da metodologia que utilizamos no transcorrer da pesquisa de campo com os nossos informantes. Procuramos descrever etnograficamente a comunidade de fala alemã, pela observação participante e por um roteiro de entrevistas sociolinguísticas, conforme anexo I.

Para levarmos a efeito o nosso trabalho, procuramos levar em consideração as condições em que este foi realizado e a interação entre pesquisadores e informantes pois acreditamos que estas duas variáveis são de suma importância para que a pesquisa possa alcançar os seus objetivos.

Como na Classe de Aceleração trabalhamos com Atividades de Aprendizagem, propusemos para esta classe uma atividade de Resgate de Valores e, entre estes valores, mencionamos a importância do resgate da cultura e das tradições que os antepassados alemães trouxeram da Europa para as colônias alemãs gaúchas e posteriormente para a colonização de Porto Novo, através do projeto de colonização do Volksverein, encabeçado pelos padres jesuítas. Uma das atividades propostas para a turma foi efetuar um levantamento sociolinguístico para fazermos uma análise da situação etnolinguística dos alunos da Classe de Aceleração, através da aplicação de um questionário sociolinguístico. Este foi aplicado a todos os alunos da Classe de Aceleração e, para integrar outras turmas neste trabalho, convidamos também alguns elementos, escolhidos aleatoriamente, das turmas de 7ª e 8ª séries, para também responderem este questionário. Ao todo, 30 alunos da Classe de Aceleração e 25 de outras turmas responderam as questões que elaboramos, conforme anexo 1.

Após a aplicação do questionário, escolhemos, aleatoriamente, 14 alunos da Classe de Aceleração, 7 rapazes e 7 meninas e 12 alunos das outras turmas, sendo 6 rapazes e 6 moças. Desses, a metade são alunos procedentes do interior e outra metade procedente do meio urbano.

Da Classe de Aceleração foram selecionados apenas alunos do meio rural visto que nesta turma há somente dois alunos do meio urbano. Formamos assim, ao todo, seis grupos de investigação, que vêm especificados no cap. VI:

Tabela 5.0: Descrição dos Informantes

Grupo	Informante	Série	Idade	Sexo	Meio
I	1	CA	16	Masculino	Rural
	2	CA	15	Masculino	Rural
	3	CA	18	Masculino	Rural
	4	CA	16	Masculino	Rural
	5	CA	17	Masculino	Rural *
	6	CA	15	Masculino	Rural
	7	CA	18	Masculino	Rural
n	1	CA	14	Feminino	Rural
	2	CA	16	Feminino	Rural
	3	CA	17	Feminino	Rural
	4	CA	15	Feminino	Rural
	5	CA	17	Feminino	Rural
	6	CA	15	Feminino	Rural
	7	CA	16	Feminino	Rural
m	1	8 ^o _T	15	Feminino	Rural
	2	8 ^o	14	Feminino	Rural
	3	8 ^o	14	Feminino	Rural
IV	1	8 ^o	16	Masculino	Rural
	2	8 ^o	15	Masculino	Rural
	3	í	14	Masculino	Rural
V	1	8 ^o _T	15	Feminino	Urbano
	2	8 ^o	14	Feminino	Urbano
	3	8 ^o	16	Feminino	Urbano
VI	1	í	14	Masculino	Urbano
	2	8 ^o	17	Masculino	Urbano
	3	8 ^o *	15	Masculino	Urbano

Os critérios estabelecidos para a escolha dos informantes eram que fossem descendentes de alemães e que tivessem entre 14 e 18 anos. Após a aplicação do questionário aos alunos, lemos e separamos todos os que preenchiam os requisitos. Do total de 55 questionários aplicados, somente dois não preencheram os requisitos de descendência alemã, sendo descendentes de caboclos, ou seja, 3,8% do total de entrevistados não eram descendentes de alemães.

Separados os questionários que preenchiam os requisitos, os dividimos em 6 grupos: meninos da Aceleração, meninas da Aceleração, meninos da cidade, meninos do interior, meninas da cidade, meninas do interior. Após esta separação, sorteamos 7 meninos e 7 meninas da Classe de

Aceleração, 3 meninos e 3 meninas do interior e 3 meninos e 3 meninas da cidade, que não fazem parte da Aceleração. Os informantes que não são da Classe de Aceleração, são alunos de *i* e 8* séries e se encontram também na faixa etária entre 14 e 18 anos.

O objetivo de selecionar os grupos desta forma foi verificar se há diferença entre imi grupo e outro em termos de interferência fonética do alemão na expressão oral e uma suposta interferência desta na expressão escrita em língua portuguesa.

Neste primeiro momento do nosso trabalho de campo, analisamos somente os resultados das entrevistas dos informantes selecionados visto que apenas estas nos interessaram mais diretamente para alcançarmos os objetivos da nossa pesquisa.

Para a segunda etapa foram feitas tabelas para transcrição e análise criteriosa dos dados significativos.

No projeto de pesquisa, para esta etapa, ou seja, para verificar a interferência fonêmica e fonética do dialeto alemão na expressão oral em língua portuguesa, havíamos proposto a gravação de um texto que seria escolhido aleatoriamente e levado aos alunos informantes a fim de que esses o lessem. Neste texto seriam destacadas palavras-chave que serviriam de ponto de referência para a posterior análise. Também seria gravada uma conversa informal para estabelecer um paralelo comparativo entre imia situação de fala mais cuidada, no caso, a leitura, e uma situação de fala em que o aluno conversa despreocupadamente sobre fatos do seu cotidiano. Por fim, o aluno produziria um texto, que poderia ter como base o assunto utilizado na fala informal.

Porém, por ocasião da apresentação do projeto à banca, esta sugeriu que seria mais viável fazer um painel de figuras e deixar o aluno falar sobre o que ele vê, para facilitar o trabalho da transcrição que, no caso do texto, seria mais complicada e se correria o perigo da possível interferência da expressão escrita na fala do informante, no caso da leitura prévia do texto. Assim, aderimos à sugestão da banca e confeccionamos um painel com 32 figuras enumeradas de 01 a 32, conforme anexo **n**, cuidando para que não houvesse, nestas figuras, coisas desconhecidas para os informantes.

Os informantes foram chamados um por um, para falarem o que viam nas figuras. Em seguida, receberam uma folha com os números de 01 a 32 para escreverem nela o que viam na figura.

Para o aluno não suspeitar do objetivo do nosso trabalho, falou-se que a gravação seria feita para ele depois se ouvir e auto-avaliar sua produção, assim como já fizemos em outras ocasiões quando filmamos ou gravamos trabalhos dos alunos.

A parte referente à citação das figuras foi toda gravada e posteriormente ouvida para ser transcrita foneticamente, primeiro, informante por informante em folha, com duas colunas: uma para a transcrição fonética da fala e outra para a representação escrita, ou seja, a forma como o informante escreveu a palavra, (ver anexo III).

O passo seguinte foi a elaboração de outra tabela, desta vez coletiva, conforme o anexo IV, separando-se nesta, por grupo, os informantes, a fim de se efetuar a transcrição fonética da expressão oral, como também a representação escrita das palavras referentes a cada figura em separado para a análise comparativa entre os diferentes grupos de informantes.

CAPÍTULO VI

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO SOCIOLEVGÜÍSTICO

DOS INFORMANTES

Número de Informantes por Grupo:

A tabela abaixo nos apresenta uma mostragem dos informantes que serviram de base para a nossa pesquisa.

Tabela 6.0. Número de Informantes por Grupo

Grupo	Nº de alunos	Proporção
I	07	27%
n	07	27%
m	03	11,5%
IV	03	<u>11,5%</u>
V	03	<u>11,5%</u>
VI	03	11,5%
Total	26	100%

Como podemos verificar, são seis grupos assim distribuídos:

Grupo **I**, meninos da Classe de Aceleração, com um total de 7 elementos, perfazendo 27% dos informantes..

Grupo **n**, formado por 7 meninas da Classe de Aceleração, somando também 27% dos informantes.

Grupo **m**, formado por 3 meninas de *i* e *i* séries, somando 11,5% dos informantes.

Grupo **IV**, composto por 3 meninos de 1^a e 8^{*a} séries, correspondendo também a 11,5% dos informantes.. Os grupos **III** e **IV** são compostos por informantes residentes no interior do município.

Grupo **V**, composto por 3 informantes femininos da zona urbana, alimos de 7^o e 8^o séries, correspondendo a 11,5% dos informantes.

Grupo VI, formado por 3 informantes masculinos da zona urbana, de 7^o e 8^o séries, correspondendo também a 11,5% dos informantes.

Como já citamos anteriormente, estes informantes estão na faixa etária de 14 a 18 anos e são descendentes de alemães, tendo como língua materna o dialeto alemão do Hunsrückisch.

Todos eles aprenderam a falar a língua portuguesa na escola, tendo-a como segunda língua.

6.1. Sexo dos Informantes

Dos 26 informantes que compõem nosso objeto de pesquisa, 13 são do sexo masculino e 13 do sexo feminino. Uma das nossas questões de pesquisa é verificar se há maior incidência de interferência fonética da língua alemã em informantes do sexo masculino. Por isso, dividimos os informantes em dois grupos, um de cada sexo, com número igual de elementos.

Tabela 6.1. Sexo dos Informantes

	Sexo	
Masculino	13	50%
Feminino	13	50%
Total	26	100%

6.2. Confissão Religiosa dos Informantes;

A tabela abaixo confirma o que já informamos em capítulos anteriores. O povo de São João do Oeste preserva ainda as premissas ditadas pelo Volksverein referentes à religião. A colônia estava destinada a alemães católicos. Constatamos que 100% dos nossos informantes são pertencentes à religião católica. Os padres jesuítas dirigem a comunidade católica de São João do Oeste, sendo que todos os padres que até hoje ali trabalharam eram de origem alemã, irnia das exigências do povo da comunidade.

Tabela 6.2. Confissão Religiosa dos Informantes

Religião	Número de informantes	Proporção
<i>Católica</i>	26	100%
<i>Evangélica</i>	-	-
<i>Outra</i>	-	-

6.3. Ascendência Étnica dos Informantes

Como nosso objetivo foi o de trabalhar com informantes descendentes de alemães, a satisfação desta exigência pode ser constatada pela tabela abaixo onde se verifica que 100% dos nossos informantes têm ascendência étnica alemã materna e paterna, isto é, são descendentes de alemães tanto por parte de pai quanto por parte de mãe. Isto fez com que todos aprendessem a falar como língua materna o alemão, falando somente esta língua até começarem a freqüentar a escola.

Tabela 6.3. Ascendência Étnica dos Informantes

Ascendência	Paterna		Materna		Média
	Nº	%	Nº	%	%
Alemã	26	100	26	100	100
Italiana	-	-	-	-	-
Outra	-	-	-	-	-

6.4. Ascendência Alemã: Alunos cujos pais têm sobrenome alemão

Assim como na tabela anterior, aqui mais uma vez se confirma a descendência alemã dos nossos informantes. Pela tabela abaixo, podemos constatar que 100% dos informantes possuem pai e mãe com sobrenome alemão.

Tabela 6.4. Ascendência alemã: alunos cujos pais tem sobrenome alemão

Ascendência Alemã	Número	Proporção (%)
Só paterna	-	-
Só materna	-	-
Paterna e materna	26	100
Total	26	100

Aqui podemos também confirmar uma das colocações que havíamos feito no capítulo IV, de que havia muito rigor no caso dos casamentos que deviam ser realizados entre indivíduos de origem alemã e não de outras etnias. Preserva-se ainda esta tradição entre o povo de São João do Oeste, pelo que nos informa a tabela. A maioria dos pais ainda hoje não admite que seus filhos casem com um parceiro que não seja de origem alemã.

6.5. Bilingüismo dos Pais

Tabela 6.5. Demonstrativo do Desempenho Lingüístico dos Pais dos Informantes em Alemão

HABILIDADE								
	Entende		Faia		Lê		Escreve	
Pais	Nº	%	Nº	%	Nº	%	NO	%
Pai	26	100	26	100	15	57,6	3	11,5
Mãe	26	100	26	100	20	76,9	5	19,2

Pela tabela anterior podemos verificar que o índice dos pais que falam alemão é de 100%, o que nos permite concluir que a língua de origem ainda é cultivada de forma muito expressiva pelos descendentes de imigrantes alemães, fazendo-nos crer que o será ainda por muitos anos na parte da oralidade, enquanto que na leitura este índice cai praticamente para a metade. Apenas 57% dos pais e 76,9% das mães dizem saber ler em alemão. Mais surpresos nos deixa o índice da escrita, pois somente 11,5% dos pais e 19,2% das mães dizem saber escrever em alemão. Este resultado deve-se provavelmente ao fato de as escolas locais alfabetizarem em língua portuguesa e os que aprenderam a ler e a escrever em alemão, supomos que o aprenderam em casa com seus pais ou avôs. A escola, por vários anos, não oferecia mais o ensino da língua alemã e somente há poucos anos algumas voltaram a incluir, na sua grade curricular, a língua alemã como uma das opções do ensino de língua estrangeira. Porém foram muito poucas as escolas que preencheram os requisitos para poder oferecer na disciplina de língua estrangeira como opção de ensino a língua alemã, por falta de docentes com curso superior especializado para ministrarem esta disciplina. Acreditamos que seria mais viável as escolas da região que abrange a antiga Porto

Novo investirem em professores que possam ensinar a língua alemã aos alunos nas aulas de língua estrangeira em vez do inglês, pois como estes já falam o dialeto alemão, poderiam aprimorar seus conhecimentos lingüísticos referentes a sua língua materna, aprendendo também a ler e a escrever na mesma.

Tabela 6.6. Uso do Alemão Pelos Informantes no Meio Familiar

Interlocutor	Frequência de uso						Total de bilingüismo em família	
	<i>Quase sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>		Nº	%
	Nº	%	Nº	%	Nº	%		
Pai	22	84,6	04	15,4	-	-	26	100
Mãe	22	84,6	04	15,4	-	-	26	100
Irmãos	20	76,9	06	23,1	-	-	26	100
Avós/Parentes	26	100	-	-	-	-	26	100
Total de informantes: 26								

Pela tabela acima, constatamos que é muito significativo o número de informantes que faz uso da língua alemã para se comunicar no ambiente familiar e este índice aumenta quando o interlocutor são os avós. Observamos que no relacionamento com os pais o índice de uso do alemão na comunicação é igual e isto se deve ao fato de que ambos, tanto pai quanto mãe, fazem uso da língua alemã para as relações de comunicação intra-familiar.

Por outro lado observamos que este índice cai quando se refere à comunicação entre irmãos. Mesmo assim, verificamos que 76,9% dos informantes quase sempre se fazem valer da língua alemã para se comunicar com os irmãos e 23,1% somente às vezes fazem uso do alemão para estabelecerem este tipo de comunicação.

Pelos dados acima, é possível verificar que o bilingüismo domina em todas as situações de comunicação entre familiares e este indício nos leva a crer que as futuras gerações de São João do Oeste continuarão a se comunicar em língua alemã, embora estes índices possam diminuir, o que podemos deduzir pelo fato de que o índice de fala predominante da língua alemã entre irmãos é inferior ao dos outros interlocutores. Talvez as gerações mais jovens, devido às influências que sofrem através dos meios de comunicação que se alastram cada vez mais também para o

interior, tendam a diminuir a frequência do uso da língua alemã nas diversas situações de comunicação, mas acreditamos que este processo seja bastante lento devido à persistência e à insistência dos pais e avós a fim de que os filhos e netos continuem a falar a língua materna dos seus antepassados.

Tabela 6.7. Uso do alemão como língua de comunicação na comunidade

Interlocutor	FREQUÊNCIA PE USO						Média de bilingüismo	
	<i>Ouase sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>		N°	%
	N°	%	N°	%	N°	%		
Professores	05	19,2	21	80,8	-	-	26	100
Colegas	17	65,4	09	34,6	-	-	26	100
Compras	20	76,9	06	23,1	-	-	26	100
Igreja	15	57,6	11	42,4	-	-	26	100
Amigos/vizinhos	23	88,4	03	11,6	-	-	26	100
Padre	17	65,4	09	34,6	-	-	26	100
Bailes e festas	23	88,4	03	11,6	-	-	26	100
Prefeito	10	38,4	16	61,6	-	-	26	100
Médico	16	61,5	10	38,5	-	-	26	100
Enfermeiras	20	76,9	06	23,1	-	-	26	100
Diretora do colégio	03	11,5	20	77	03	11,5	23	88,5
Total de informantes : 26								

Conforme a tabela acima, observamos que 19,2% dos informantes fazem uso, quase sempre, da língua alemã para se comunicar com os professores e 80,8% às vezes se fazem valer da língua alemã para se comunicar com seus professores. Queremos ressaltar aqui que este fato ocorre geralmente fora da sala de aula, embora existam situações em que os alunos falem ou peçam informações aos seus professores em alemão, dentro da sala de aula, referentes aos conteúdos que lhes são passados ou relacionados a outros assuntos de seu interesse.

No que diz respeito à comunicação entre colegas, observamos que 65,4% quase sempre se comunicam em língua alemã e 34,6% às vezes fazem uso do alemão para este tipo de comunicação. É interessante observar que, quando é feito um trabalho em grupo na sala de aula, os alunos falam entre si basicamente só em alemão, explicando, em língua materna, os conteúdos um para o outro. O interessante é que estas explicações em geral são eficazes e, muitas vezes, desta

forma conseguem entender, pela explicação do colega, o conteúdo que não haviam entendido quando o professor lhes explicou o mesmo em português.

Constatamos também que é elevado o índice de uso da língua alemã nas transações comerciais e sociais. Para fazer compras, nos encontros com amigos e vizinhos, nas conversas com o padre, o prefeito, o médico e as enfermeiras, também predomina o uso da língua alemã.

Por outro lado, é interessante observar que, quando eles falam com a diretora da escola, este índice cai e há alguns que não falam alemão com a diretora. Pelo contato com os alunos durante a realização da entrevista, os mesmos nos confiaram que têm medo de falar em alemão com a direção da escola, pois por diversas vezes já foram repreendidos ou não foram ouvidos, dizendo que “nós moramos no Brasil e que a nossa língua é a língua portuguesa”. Os mesmos nos informaram que geralmente só falam alemão com a diretora fora da escola.

Comentando este fato, achamos que é importante zelar pela preservação da cultura das origens e, simultaneamente, aprender também a se comunicar bem na língua portuguesa, visto que esta é o instrumento de comunicação para se exercer a cidadania. Acreditamos que para isto não é necessário perder a língua de origem. É importante cultivar e aprimorar ambas, para se sentir um ser mais íntegro.

Tabela 6.8. Uso do Alemão em Situações Individuais - Sem Interlocutor.

Situação	Frequência de uso						Total de bilingüisino em família	
	<i>Quase sempre</i>		<i>Às vezes</i>		<i>Nunca</i>		N°	%
	N°	%	N°	%	N°	%		
<i>Rezar</i>	04	15,4	22	84,6	.	.	26	100
<i>Cantar</i>	04	15,4	22	84,6	.	.	26	100
<i>Brincar</i>	15	57,7	11	42,3	.	.	26	100
<i>Sonhar</i>	18	69,2	08	30,8	.	.	26	100
<i>Fazer Contas</i>	12	46,1	14	53,9	.	-	26	100
<i>Xingar</i>	20	77,9	06	23	.	-	26	100
Total de informantes: 26								

As relações do bilingüismo fazem-se presentes também nas situações individuais dos nossos informantes, como podemos observar na tabela acima. Constatamos que em situações tais

como rezar, cantar, brincar, sonhar, fazer contas e xingar o nosso informante se vale também da língua alemã, numas mais e noutras menos. O índice mais elevado do uso da língua alemã se verifica no ato de xingar, onde 77% dos informantes disseram que xingam, quase sempre em alemão e 23% nos informaram que xingam às vezes em alemão, o que revela o peso da emoção na preferência lingüística.

Também é alto o índice dos que sonham em alemão, ou seja, 69,2% dos informantes nos garantiram que quase sempre sonham em alemão e 30,8% nos disseram que às vezes sonham em alemão, nos confirmando o papel do inconsciente na preferência lingüística.

A freqüência mais baixa do uso do alemão em situações individuais constatou-se na reza, embora também rezem em alemão. Constatamos que 15,4% dos nossos informantes rezam quase sempre em alemão e os outros 84,6% rezam somente às vezes em alemão. Isto talvez deva-se ao fato de estar em decadência a prática do culto familiar devido às circunstâncias e às exigências do mundo moderno em que sobra pouco tempo para a família se reunir e rezar, assim como faziam os antepassados que rezavam diariamente o terço - der Rosenkranz - na língua alemã, em família.

Pela freqüência da prática da língua alemã em situações individuais dos informantes, temos mais imi forte indício de que em São João do Oeste a prática da língua alemã vai persistir ainda para as próximas gerações.

Tabela 6.9. Desempenho Individual em Relação à Língua Alemã

Respostas	Perguntas							
	1		2		3		4	
	N°	%	N°	%	N°	%	N°	%
<i>Bem</i>	26	100	26	100	2	7,7	.	.
<i>Re^lar</i>	7	27	5	19,2
<i>Mal</i>	3	11,5	4	15,4
<i>Não</i>	14	53,8	17	65,4

Os resultados constantes na tabela acima estão relacionados às perguntas a seguir:

1-Você fala alemão?

2-Você entende alemão?

-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
-	-	-	-	22	84,6	-	-	25	96,1	20	77	26	100	26	100	26	100	
-	-	-	-	04	15,4	-	-	01	3,9	06	23	-	-	-	-	-	-	

Na tabela acima, apresentaremos os resultados correspondentes às perguntas que seguem:

1. Que língua você mais gosta de falar?
2. Você entende os professores quando explicam os assuntos em português?
3. Você entenderia melhor se eles explicassem em alemão?
4. Qual língua você acha mais fácil para você expressar seus pensamentos?
5. Você gostaria de estudar alemão?
6. Você gostaria de ter um jornal ou revista, um programa de TV ou de rádio em alemão?
7. Seus pais, avós ou parentes insistem em que você fale alemão em casa?
8. Você gostaria que seus filhos aprendessem alemão?
9. Você acha que o alemão vai continuar a ser falado em São João do Oeste?

Analisando os resultados constantes na tabela acima, observamos que a maioria dos nossos informantes, ou seja, 80,8%, tem preferência pela fala da língua alemã. Isto nos garante mais uma vez a continuidade do bilingüismo em São João do Oeste, pois enquanto a geração jovem - no nosso caso os informantes possuem entre 14 e 18 anos - continuar a cultivar a língua da sua origem, a previsão é de que esta será ainda praticada na próxima geração, embora esteja sujeita à “mesclagem” pela interferência da língua portuguesa na escola e dos meios de comunicação que cada vez mais estão se alastrando também para o interior.

Reportando-nos à segunda questão, constatamos que 69,2% dos informantes dizem entender quase sempre os seus professores quando explicam os assuntos em língua portuguesa, enquanto 30,8% afirmam que entendem poucas vezes. Nenhum informante afirmou que entende sempre os professores, nem que nunca os entende. É complicado ao pensarmos nos 30,8% dos informantes que dizem entender poucas vezes os professores nas suas explicações em língua portuguesa. Talvez, para minorar este problema, seria interessante o professor valer-se do bilingüismo para explicar os conceitos básicos que o aluno precisa dominar no processo ensino- a-

prendizagem , já que todos os professores que atuam na escola da qual procedem nossos informantes são também falantes nativos da língua alemã. Porém, como não foram preparados nos cursos de formação para trabalharem com alunos que aprendem o português como uma língua estrangeira, muitas vezes não se dão conta da importância do uso do bilingüismo a fim de que seus alunos possam internalizar melhor os conceitos correspondentes aos conteúdos que lhes são repassados.

Novamente esta preocupação se faz presente ao analisarmos o resultado correspondente à questão 3, à qual 84,6% dos alunos responderam afirmativamente quando foram questionados se entenderiam melhor os professores se eles explicassem em alemão.

Questionados sobre em que língua eles teriam mais facilidade em expressar seus pensamentos, 84,6% responderam que possuem mais facilidade de se expressar em alemão.

Constatamos também que, pelo índice de 96,1% de respostas afirmativas, a maioria dos nossos informantes gostaria de estudar alemão. Abrimos um parêntese aqui para dizer que a escola, em outras épocas, oferecia curso de alemão fora do período normal de aula, porém, atualmente não está em andamento nenhum curso de alemão na Escola de Educação Básica Madre Benvenuta, não se sabendo se por falta de interesse por parte da direção ou por falta de professor habilitado na área.

Reportando-nos aos meios de comunicação, 77% dos entrevistados mostraram interesse para que eles contivessem alguma coisa em alemão. Percebe-se que há um interesse bastante acentuado para a preservação da língua alemã em todos os sentidos e, talvez, um dos suportes seja a insistência dos pais, avós ou parentes para que as crianças e os jovens falem alemão em casa, como podemos constatar pelo resultado da questão n° 7, com 100% afirmando que isto está ocorrendo com os informantes.

Faz-nos acreditar também na continuidade do cultivo da língua alemã em São João do Oeste, ao constataremos o resultado de 100% afirmativo quanto ao desejo dos informantes de que seus filhos aprendam a falar alemão. Esta constatação é reforçada pela totalidade dos informantes afirmando que acham que o alemão vai continuar a ser falado em São João do Oeste.

Tabela 6.11. Acesso aos Meios de Comunicação e Cultura

Respostas	Perguntas															
	1		2		3		4		5		6		7		8	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Freqüentemente	15	57,7	08	30,7	03	11,6	-	-	08	30,7	-	-	12	46,1	-	-
Poucas vezes	11	42,3	18	69,3	21	80,7	-	-	13	50	-	-	14	53,9	-	-
Nunca	-	-	-	-	02	7,7	-	-	05	19,3	-	-	-	-	-	-
Português	-	-	-	-	-	-	24	100	-	-	21	100	-	-	26	100
Alemão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1

Os resultados apresentados na tabela acima são referentes às questões relacionados a seguir:

1. Você costuma assistir televisão?
2. Você costuma ouvir rádio?
3. Você costuma ler jornais?
4. Em que língua?
5. Você costuma ler livros?
6. Em que língua?
7. Você costuma ler revistas?
8. Em que língua?

Partindo para a análise dos resultados apresentados na tabela acima, constatamos que 57,7% dos nossos informantes assistem freqüentemente à televisão, enquanto os restantes 42,3% assistem poucas vezes.

Quanto à audiência ao rádio, 30,7% afirmam que ouvem rádio freqüentemente, enquanto 69,3% afirmam que ouvem rádio poucas vezes.

Analisando o resultado da pergunta número 3, observamos que o índice de freqüência diminui consideravelmente. Temos somente 11,6% dos informantes que possuem o costume de ler jornal freqüentemente, enquanto 80,7% praticam este tipo de leitura poucas vezes e os restantes 7,7% afirmam que não lêem jornal.

Quanto à questão de número 5, verificamos que 30,7% têm costume de ler livros com frequência, 50% praticam a leitura de livros com pouca frequência e 19,3% não possuem o costume de ler livros.

Reportando-nos à questão número 7, constatamos que 46,1% dos informantes lêem revistas frequentemente, enquanto 53,9% o fazem poucas vezes.

Questionando em que língua as leituras são feitas, todos responderam que lêem em língua portuguesa.

Vale salientar que a maior parte das leituras é feita na escola sendo que a mesma possui uma variedade razoável de assinaturas de jornais e revistas que se encontram à disposição na biblioteca, como também uma boa coletânea de livros. Semanalmente os alunos têm uma aula de leitura na biblioteca.

Para concluir esse capítulo, podemos dizer que o mesmo nos permite ter uma visão parcial das relações que o grupo de informantes mantém frente à manutenção da língua alemã em São João do Oeste.

Pelos dados obtidos, pode-se afirmar que se evidencia uma recorrência bastante significativa, por parte da geração mais jovem, em relação ao uso e ao domínio da língua alemã, tanto em situações familiares quanto em situações sociais. Há uma tendência bastante significativa em relação à manutenção da língua materna para as próximas gerações. Esperamos que esses dados nos possam ajudar a entender melhor a análise da interferência da língua alemã na expressão oral e sua provável interferência na expressão escrita em língua portuguesa, a partir dos dados que passaremos a analisar no capítulo seguinte.

CAPÍTULO vn

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DA EXPRESSÃO ORAL E REPRODUÇÃO DA EXPRESSÃO

ESCRITA, COM DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Conforme Uriel Weinrich (1970:14), a interferência surge quando um bilíngüe identifica um fonema do sistema secundário como um do sistema primário e, ao reproduzi-lo, sujeita-o a regras fonéticas da língua primária. Pode-se dizer então que a primeira língua exerce uma interferência fônica, no aprendizado de imia segunda língua.

Para podermos entender melhor as interferências ocorridas na pesquisa realizada, apresentamos, a seguir, o quadro fonêmico do dialeto de Hunsrückich e o quadro fonêmico do português, com o sistema fonêmico das duas línguas:

Tabela 7.0. Quadros fonêmicos

QUADRO FONÊMICO DO DIALETO							QUADRO FONÊMICO DO PORTUGUÊS				
		Bil.	Láb. Dent.	Alv.	Pal.	Vel.	Bil.	Láb. Dent.	Alv.	Pal.	Vel.
Oclusivas	Surdas	p		t		k	p		t		k
	Sonoras						b		d		g
Nasais		m	n			ɲ	m		n	ɲ	
Fricativas	Surdas		f	s	ʃ	x		f	s	ʃ	
	Sonoras		v					v	z	ʒ	
Laterais				l					l	ʎ	
Vibrantes				r					r		R
Semivogais					j	w				j	w
Vogais i i: u u:							i u e o í ó a a;				

O sistema fonêmico representado no quadro acima é fruto de pesquisa feita por Ivo Zimmermann, na Dissertação de Mestrado apresentada em 1981, na UFSC. Esta coincide com o dialeto do trabalho que estamos realizando, ou seja, o Hunsrückisch. O do português se apóia em J. Mattoso Câmara Jr.

A seguir faremos a descrição dos fonemas consonantais e seus alofones:

/p/ Consoante oclusiva, bilabial, surda. Varia com [b], exceto quando precedida por [j] ou seguida de [s]; a última posição não ocorre no português do Brasil;

/t/ consoante oclusiva, alveolar, surda. Varia livremente com [d], exceto quando precedida por [f] ou seguida de [s]; a última posição não ocorre no português do Brasil;

/k/ consoante oclusiva, bilabial, surda. Varia livremente com [g], exceto quando precedida por [f] ou seguida por [s]; a última posição não ocorre no português do Brasil;

/m/ consoante nasal, bilabial, sonora;

/n/ consoante nasal, lábio-dental, sonora;

/ŋ/ consoante nasal, velar, sonora;

/l/ consoante fricativa, lábio-dental, surda;

/v/ consoante fricativa, lábio-dental, sonora;

/s/ consoante fricativa, alveolar, surda realizando-se como [s] na maioria das palavras, podendo ocorrer [z] em palavras empréstimos do alemão culto.

/ʃ/ consoante fricativa, palatal, surda;

/x/ consoante fricativa, velar, surda. Está em distribuição complementar com [ç] e [h]. usa-se: [x] precedido de vogal baixa [a] ou vogais posteriores, [ç] precedido de vogal anterior e depois de consoante líquida, [h] em início de palavras; [ɹ] consoante lateral, alveolar, sonora;

/r/ consoante tepe, alveolar, sonora;

/w/ semivogal posterior, alta, arredondada;

/j/ semivogal anterior, alta, não arredondada.

A descrição dos fonemas consonantais e seus alofones, feita acima, está baseada na pesquisa de Zimmermann (1981 : 98,99).

Neste capítulo passaremos a apresentar e a analisar os resultados correspondentes aos dados da pesquisa de campo que foi efetuada com nossos informantes a fim de apurarmos a interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral e na expressão escrita em Língua Portuguesa. Como já informamos nos procedimentos metodológicos no capítulo V deste trabalho, para realizarmos esta parte da pesquisa nos valem de um painel de figuras conforme anexo U, que foi apresentado aos informantes a fim de que eles citassem os elementos constantes em cada figura. Enquanto o informante ia citando os elementos, gravamos esta fala. Para que o informante não desconfiasse do objetivo do nosso trabalho, informamo-lhes que a gravação estava sendo feita a fim de que ele pudesse se auto-avaliar posteriormente quanto ao seu desempenho oral na fala em língua portuguesa, assim como já havia sido feito em outras ocasiões quando gravamos ou filmamos conversas ou atividades com os alunos. O painel era composto por 32 figuras enumeradas numa seqüência em ordem crescente.

Após termos gravado a citação dos elementos das figuras, entregamos uma folha enumerada nesta mesma seqüência ao informante, conforme anexo in, na qual ele escreveu o nome dos elementos constantes no painel.

Esta atividade foi realizada com todos os 26 informantes que compõem o nosso grupo de pesquisa e os dados transcritos nas próximas páginas, em tabelas distribuídas pela seqüência das figuras. Procuramos observar, de modo especial, a expressão das consoantes surdas e sonoras, que são o nosso foco de estudo, mas também observamos o comportamento dos róticos e do ditongo nasalizado em final de vocábulo, para conferir a possível interferência fonética do dialeto alemão na expressão oral e sua conseqüente interferência na expressão escrita em língua portuguesa.

Nas tabelas constará o grupo ao qual pertence o informante, o número do informante dentro do seu grupo, além de uma coluna para a transcrição fonética da expressão oral e outra para a transcrição da escrita. Após cada tabela, analisaremos os dados nela constantes.

O motivo de optarmos por esta metodologia para levarmos a efeito nossa pesquisa já esclarecemos no capítulo V.

Daremos atenção específica à explicação das consoantes surdas e sonoras, bem como aos róticos e ao ditongo nasalizado [9w] em final de vocábulo, não dando muita atenção às vogais.

7.1. Transcrição Fonética da Expressão Oral e Transcrição da Expressão Escrita, com Descrição dos Dados das Tabelas.

Passaremos, a seguir, a transcrever nas tabelas os dados da pesquisa e em seguida será efetuada uma breve descrição dos mesmos.

Tabela 7.1.1. Figura 1: jogador

Grupo	Informante	Expressão Oral	Expressão Escrita
I	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[3oga'dor]	Chogador
	3	[3oga'dor]	Jogator
	4	[3oka'tor]	Jocator
	5	[3oga'dof]	Jogador
	6	[Jbga'dor]	Chogador
	7	[foKa'dor]	Chogador
n	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[3oga'dor]	Jogador
	3	[3oga'dor]	Jogador
	4	[foka'dor]	Jogador
	5	(3oga'dor)	Jogador
	6	[3oga'dor]	Jogador
	7	r/oga'dor]	Jogador
ra	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[3oga'dor]	Jogador
	3	f5oga'dor]	Jogador
IV	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[foka'dor]	Jocador
	3	[3oga'dor]	Jogador
V	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[3oga'dor]	Jogador
	3	f3oga'dor]	Jogador
VI	1	[3oga'dor]	Jogador
	2	[3oga'dor]	Jogador
	3	ftogaMor]	Jogador

A tabela acima refere-se à figura 1, do anexo II que nos apresenta um jogador de futebol.

O que nos interessa para a análise é o vocábulo jogador.

Pela representação acima, constata-se que ocorreu o maior índice de troca de sonora por surda no grupo I, em que 28,6% dos meninos da Classe de Aceleração trocaram o som [ʒ] por [ʒ̃] e 42,8% trocaram a letra j por eh na representação escrita. Houve também o mesmo índice de troca na oralidade do grupo n, que é o das meninas da Classe de Aceleração, porém não houve troca de letras na escrita deste grupo.

Ocorrem também uma troca do som [ʒ] por [f] no grupo IV, que é o dos meninos do interior. Este número corresponde ao índice de 33,3%; porém não houve troca de j por ch na escrita deste grupo. Nos demais grupos não ocorreram trocas.

Constatamos ainda um caso de troca do som [g] por [k] no grupo IV, ocorrendo também a troca da letra g por c na expressão escrita. Ainda houve uma ocorrência de troca do som [d] por [t] no grupo I e duas trocas da letra d por t no grupo I na expressão escrita.

Transpondo para a tabela, temos;

Tabela T.1.1.a: troca de [ʒ] por [f]

Gnipo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	2	1
n	2	-	-
m	-	-	-
w	1	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.1.b: troca de [g] por [k]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	-
n	1	-	-
in	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.1.c: troca de [d] por [t]

I	1	1	-
	-	-	-
m	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.2. Figura 2; geladeira

Grupo	Informante	Expressão Oral	Expressão Escrita
I	1	[3ela'derB]	Geladeira
	2	[3ela'derB]	Geladeira
	3	[3ela'deɸB]	Gelatera
	4	[3ela'derB]	Chelateira
	5	Uela'dejrB]	Geladeira
	6	[fela'dejrB]	Chelateira
	7	[fela'deirB]	Geladeira
n	1	[3ala'dejɸB]	Jaladeira
	2	[fela'dejrE]	Geladeira
	3	[3ela'derB]	Geladeira
	4	[fela'dejrB]	Geladeira
	5	[3ela'derB]	Geladeira
	6	[3ela'dejrB]	Geladeira
	7	ɸ3ela'derB]	Geladeira
m	1	[3ela'dejrB]	Geladeira
	2	[3ela'derB]	Geladeira
	3	ɸ3ela'derB]	Geladeira
IV	1	[3ela'derB]	Geladeira
	2	[Jela'terB]	Gelateira
	3	r3ela'deɸB]	Geladeira
V	1	[3ela'dejɸB]	Geladeira
	2	[3da'dejrB]	Geladeira
	3	ɸ3ela'deirB]	Geladeira
VI	1	[3ela'derB]	Geladeira
	2	[3ela'dqrB]	Geladeira
	3	r3ela'dejrB]	Geladeira

Nesta tabela pretendemos analisar a palavra geladeira que corresponde à figura 2.

Constatamos que no Grupo I a troca de [3] por [J] ocorreu numa frequência de 42,8%, diminuindo para 28,6% na fala do grupo n. Houve também uma troca no grupo IV, correspondendo ao índice de 33,3%. Nos demais grupos não ocorreu troca quanto à consoante inicial.

Observamos também que na escrita do grupo 1,28,6% trocaram a letra g por ch e houve uma troca letra g por j.

Por outro lado, verificamos que 14,3% do grupo I trocou o som [d] por [t] e na escrita o índice de troca da letra d por t aumentou para 42,8%. Houve também uma frequência de 33,3% de troca do som [d] por [t] no grupo IV, ocorrendo o mesmo índice na escrita. Nos demais grupos não ocorreu troca.

Nos chamou atenção no grupo II, na expressão oral, a ocorrência de [saladejra] que na escrita foi representada por jaladeira.

Transpondo para a tabela, teremos:

Tabela 7.1.2.a; troca de [ʒ] por [j]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	1	1
n	2	-	-
m	-	-	-
IV	1	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.2.b: troca de [d] por [t]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	3
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.3. Figura 3; jacaré

Grupo	Informante	Expressão Oral	Expressão Escrita
I	1	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	2	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaga'rɛ]	Jagare
	4	[ʒaka'rɛ]	Chacaré
	5	[uaka'rɛ]	Jagaré
	6	[uaka'rɛ]	Chacaré
	7	[faka'rɛ]	Jacaré
n	1	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	2	[u'aka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	4	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	5	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	6	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	7	[ʒaka'fɛ]	Jacaré
m	1	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	2	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
rv	1	[faka'rɛ]	Jacaré
	2	[faka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
V	1	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	2	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
VI	1	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	2	[ʒaka'rɛ]	Jacaré
	3	[ʒaka'rɛ]	Jacaré

Observando a tabela acima, verificamos que o vocábulo que está sendo analisado é jacaré. Quanto à consoante inicial verificamos que no grupo I ocorreu uma incidência de 57,1% de troca do som [ʒ] por [J], enquanto na escrita dois informantes trocaram o j por ch.

Já no grupo II houve somente uma ocorrência de troca deste som, o que corresponde a 14,3%, não havendo trocas na escrita. Transcorreu também uma troca do som [ʒ] por [fj] no grupo IV, correspondendo a 33,3%. Nos demais grupos não ocorreu troca na expressão oral, nem na escrita.

Por outro lado, constatamos também uma troca do som [k] por [g] no grupo I. Esta troca refletiu-se também na expressão escrita neste mesmo grupo, ocorrendo dois casos de troca da letra c por g.

Passando os dados para a tabela, teremos:

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	2	-
n	1	-	-
m	-	-	-
IV	2	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.3.b: troca de [k] por [g]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	1
n	-	-	-
ni	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.4. Figura 4; choca

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ʃɔkɐ]	Choca
	2	[gaˈljɲe]	Galinha
	3	[ʃ^kɐ]	Joca
	4	[ʃɔkɐ]	Choga
	5	-	-
	6	[ʃɔkɐ]	Choca
	7	[ʃɔkɐ]	Jóca
n	1	[ʃ^kɐ]	Choca
	2	[ʃ^kɐ]	Choca
	3	[ʃpkɐ]	Choca
	4	[ʃ3kɐ]	Choca
	5	[ʃj3kɐ]	Choca
	6	[ʃpkɐ]	Choga
	7	[ʃj3kɐ]	Choca
III	1	[ʃpkɐ]	Choca
	2	[gaˈũɲɐ]	Galinha
	3	[ʃjDkɐ]	Choca
IV	1	[ʃ^kɐ]	Choca
	2	[ʃj3kɐ]	Choca
	3	[ʃɔkɐ]	Choca
V	1	[gaˈlɪfɐ]	Galinha
	2	[ʃ/3kɐ]	Choca
	3	[ʃj3kɐ]	Choca
VI	1	[ʃpkɐ]	Choca
	2	[ʃ^kɐ]	Choca
	3	[ʃf5kɐ]	Choca

Na tabela correspondente à figura 4, verificamos como se processa foneticamente a palavra choca. Reportando-nos ao grupo I, observamos que todos pronunciam o som inicial [ʃ],

exceto um informante que falou [ga'liʃB] e outro que não soube como o elemento apresentado pela figura se chamava em português. O informante 5 deste grupo só soube dizer a palavra em alemão.

No grupo **n** não ocorreu troca do som [ʃ] por [ʒ]. Já no grupo **in** e **IV** houve em cada qual uma ocorrência da palavra [ga'liŋB] em vez de [ʃDkB], isto na expressão oral e o correspondente na escrita, galinha e choca.

Ocorreram erros de representação gráfica, trocando o ch por j com dois informantes do grupo I, o que corresponde a 28,6%. Nos demais grupos não houve troca de ch por j. Observa-se ainda que no grupo I e II registrou-se uma ocorrência de troca de c por g na expressão escrita, o que demonstra a instabilidade no sistema alfabético, na área da representação das surdas e sonoras.

Representando em tabela, temos;

Tabela 7.1.4.a: troca de [ʃ] por [ʒ]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	2
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.4.b; troca de [k] por [g]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	1
n	-	-	1
ra	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	2	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	3	Ui'nɛlo]	Xinelo
	4	Ui'nɛlo]	Chinelo
	5	Ui'nɛlo]	Chinelo
	6	[fi'nOo]	Chinelo
	7	[íi'nɛlol]	Chinelo
n	1	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	2	tfi'nɛlo]	Chinelo
	3	Ui'nɛlo]	Chinelo
	4	[fi'nɛlo]	Chinelo
	5	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	6	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	7	[fi'nɛloɪ]	Chinelo
m	1	Ui'nɛlo]	Chinelo
	2	[Ti'nɛlo]	Chinelo
	3	fri'nɛlol]	Chinelo
IV	1	[fi'nɛlo]	Chinelo
	2	[ji'nɛlo]	Chinelo
	3	[fi'nɛlol]	Chinelo
V	1	tTi'nɛlo]	Chinelo
	2	Ui'nɛlo]	Chinélo
	3	[fi'nɛlol]	Chinelo
VI	1	Ui'nɛlo]	Chinelo
	2	[fi'nɛlo]	Chinelo
	3	[n'nɛlol]	Chinelo

Pelo que consta acima, verificamos que a palavra chinelo, correspondente à figura 5, do anexo n, não apresentou maiores problemas aos informantes, tanto articulatorios quanto na expressão gráfica.

Na oralidade houve somente um caso de troca do som [ʃ] por [ʒ], ocorrido com o informante 5, do grupo I, correspondendo a 14,3%. Na expressão escrita, o informante 3, do grupo I, grafou este vocábulo com a letra x e o informante 2, do grupo V, colocou acento na letra e, o que revela problemas ortográficos, pois este contexto é competitivo na escrita (consulte-se SCLiar - CABRAL; SCLiar CABRAL, 2001). Transpondo os dados para a tabela, vamos ter:

Tabela 7.1.5.a: troca de [f] por [ʒ]

I	l	-	-
	-	-	-
ffl	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.6. Figura 6: chaleira

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[fa'lejrB]	Saleira
	2	LfaMejre]	Chaleira
	3	Ua'lerB]	Jalera
	4	tfa'lejB]	Chaleira
	5	UenejrB]	Geleira
	6	tfa-lejrB]	Chaleira
	7	ha'leirB]	Jaleira
n	1	[fa'lejrB]	Chaleira
	2	[falejrB]	Chaleira
	3	IfaMere]	Chaleira
	4	Ua'lejB]	Chaleira
	5	[faMejre]	Chaleira
	6	Ua'lejrB]	Jaleira
	7	[fa-leirB]	Chaleira
m	1	[/□a'lejrB]	Chaleira
	2	[3a'lejrB]	Chaleira
	3	[fa'lerB]	Chaleira
IV	1	Ua'lejrB]	Chaleira
	2	Ifa'lejrB]	Chaleira
	3	ffa'lerB]	Chaleira
V	1	Ua'lejriB]	Chaleira
	2	tfa'lejrB]	Chaleira
	3	[fa'leirB]	Chaleira
VI	1	Lfa'lerB]	Chaleira
	2	Ifa'lejrB]	Chaleira
	3Ifa'leirB]	Chaleira

A palavra chaleira, que corresponde à figura 6, como vemos na tabela acima, apresenta uma série de dificuldades para os informantes, especialmente do grupo I.

Quanto à oralidade, constatamos que não houve tanta dificuldade: somente o informante 7, que corresponde a 14,3% deste grupo, trocou o som [J] por [5], enquanto na escrita, observamos que houve uma troca do ch por s, duas do ch por j e uma por g onde o informante que processou foneticamente o vocábulo como [felejra], escreveu geleira. Com exceção do informante

que trocou o **ch** por **s** (problema de má internalização dos princípios do sistema alfabético), as ocorrências decorrem da interferência do dialeto alemão.

No grupo II, foneticamente não houve problema. Somente na escrita houve uma troca de **ch** por **j**. No grupo III, o informante 2 trocou o fonema /ʃ/ por [ʒ]. Nos demais grupos não ocorreu troca de ordem fonética, como também na representação gráfica do vocábulo em questão.

Transpondo o resultado da tabela correspondente à figura 6, temos:

Tabela 7.1.6.a: troca de [ʃ] por [ʒ]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	2
II	-	-	1
III	1	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.7. Figura 7: papagaio

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[papa'kajo]	Papacaio
	2	[papa'gajo]	Papagaio
	3	[paba'kajo]	Pabacaio
	4	[paba'kajo]	Pabacaio
	5	[paba'gajo]	Papagaio
	6	[papa'kajo]	Papacaio
	7	[paba'kajo]	Papagaio
II	1	[papa'gajo]	Papagaio
	2	[papa'gajo]	Papagaio
	3	[papa'gajo]	Papagaio
	4	[papa'gajo]	Papagaio
	5	[papa'gajo]	Papagaio
	6	[papa'gajo]	Papagaio
	7	[papa'gajo]	Papagaio
III	1	[papa'gajo]	Papagaio
	2	-	-
	3	[papa'kajo]	Papacaio
IV	1	[paba'kajo]	Papacaio
	2	[papa'gajo]	Papagaio
	3	[papa'gajo]	Papagaio
V	1	[papa'gajo]	Papagaio
	2	[papa'gajo]	Papagaio
	3	[papa'gajo]	Papagaio
VI	1	[papa'gajo]	Papagaio
	2	[papa'gajo]	Papagaio
	3	[papa'gajo]	Papagaio

Como observamos pela tabela anterior, o vocábulo papagaio apresenta uma série de trocas da consoante surda pela sonora e esta troca ocorre com mais frequência no grupo I dos informantes, correspondente aos meninos da Classe de Aceleração. Neste grupo houve quatro trocas do som [p] por [b], correspondente a 57,1% dos informantes deste grupo, isto referente à segunda consoante do vocábulo. É interessante observar que na escrita deste grupo ocorreram apenas duas trocas da letra p pela letra b.

Já no grupo n não houve trocas na oralidade, nem na escrita. Porém no grupo IV o informante 1 trocou o som [p] por [b] na segunda sílaba da palavra, não transportando esta troca para a escrita. No grupo V e VI não houve trocas, o que indica que na grafia do p não houve interferência.

Além disso registramos quatro trocas de g por c na escrita dos informantes do grupo I, uma no grupo EI e uma no grupo IV.

Constatamos ainda que um informante do grupo III não soube como denominar o elemento apresentado pela figura em português.

Acreditamos que a troca da consoante na oralidade ocorreu porque o termo papagaio, no dialeto alemão dos nossos informantes, é usado como [paba'kaj] ou [baba'kaj], havendo assim, provavelmente, a interferência do dialeto alemão na expressão oral desse termo em língua portuguesa, mas nem sempre na expressão escrita.

Transpondo a análise acima para a tabela, temos:

Tabela 7.1.7.a: troca de [p] por [b]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	2	-
n	-	-	-
ffl	-	-	-
IV	1	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.7.b: troca de [g] por [k]

I	5	4	-
	-	-	-
m	1	1	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.8. Figura 8: sapato

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'Wo]	Sabato
	3	[sa'Tsatos]	Sabato
	4	[sa'pato]	Sapato
	5	[sa'pato]	Sapato
	6	[sa'bato]	Sabato
	7	fsa'patol	Sapato
n	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'pato]	Sapato
	3	[sa'pato]	Sapato
	4	[sa'pato]	Sapato
	5	[sa'pato]	Sapato
	6	[sa'pato]	Sapato
	7	[sa'patol]	Sapato
m	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'^jato]	Sabato
	3	[sa'pato]	Sapato
IV	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'pato]	Sapato
	3	[sa'pato]	Sapato
V	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'pato]	Sapato
	3	[sa'pato]	Sapato
VI	1	[sa'pato]	Sapato
	2	[sa'pato]	Sapato
	3	[sa'pato]	Sapato

Pela tabela correspondente à figura 8, constatamos que mais uma vez a incidência de troca da surda pela sonora é mais elevada nos informantes do grupo I. Na oralidade, houve três trocas do som [p] por [b], sendo que os mesmos informantes transpuseram esta troca para a escrita, escrevendo b em vez de p.

Já no grupo II não ocorreram erros de troca tanto fonética quanto graficamente, porém no grupo in, o informante número 2 trocou a surda pela sonora, transportando esta para a escrita.

É interessante observar que é com este informante que com maior frequência ocorrem trocas neste grupo.

Nos demais grupos não ocorreu a troca de sons surdos por sonoros, nem a troca de letras na escrita.

Transpondo para a tabela, teremos;

Tabela 7.1.8.a: troca de [p] por [b]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	3	-
n	-	-	-
m	1	1	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.9. Figura 9: poltrona

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[bortronB]	Boltrona
	2	[portronB]	Poltrona
	3	[pordronB]	Poldrona
	4	[bortronB]	Boltrona
	5	[bortronB]	Boltrona
	6	[bol'tronB]	Boltrona
	7	[bordronB]	Boltrona
n	1	[portronB]	Poltrona
	2	[bol'tronB]	Boltrona
	3	[portronB]	Poltrona
	4	[bortronB]	Boltrona
	5	[portronB]	Poltrona
	6	[portronB]	Poltrona
	7	[portronB]	Poltrona
m	1	[portronB]	Poltrona
	2	[bortronB]	Boltrona
	3	[portronB]	Poltrona
IV	1	[portronB]	Poltrona
	2	[bortronB]	Boltrona
	3	[portronB]	Poltrona
V	1	[pow'tronB]	Poltrona
	2	[pow'tronB]	Poltrona
	3	[portronB]	Poltrona
VI	1	[portronB]	Poltrona
	2	[portronB]	Poltrona
	3	[portronB]	Poltrona

Podemos verificar pela tabela acima que mais uma vez ocorreu, com bastante frequência, a troca da consoante surda pela sonora, desta vez com certo grau de incidência em quase todos os grupos. O vocábulo [pol'tronç] ofereceu um certo grau de dificuldade para ser processado foneticamente, sendo que isto foi passado para a escrita na maioria dos casos.

No grupo I, 57,1% dos informantes trocaram o som inicial [p] por [b], enquanto na escrita aparece cinco vezes a troca da letra p por b, o que perfaz um total de 71,4%.

Já no grupo n, o índice de troca cai para 28,6% na expressão oral, enquanto na escrita houve uma troca de 28,6% de p por b.

No grupo ni e IV ocorreu uma troca do som [p] por [b], correspondendo a 33,3%. Em ambos os casos esta troca foi transposta para a escrita.

Além disso ocorreram também dois casos de troca do som [t] por [d] no grupo I, aparecendo uma troca da letra t por d na escrita, coincidindo com o informante que pronunciou [d] na expressão oral.

Transpondo esta análise para as tabelas, temos:

Tabela 7.1.9.a: troca de [p] por [b]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	5	-
n	2	2	-
ffl	1	1	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.9.b: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	1	-
n	-	-	-
ra	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[borbo'letB]	Borboleta
	2	[borbo'letE]	Borboleta
	3	[porbo'letB]	Porboleda
	4	[porbo'letB]	Porboleta
	5	[porbo'letB]	Porboleta
	6	[porbo'letB]	Porboleta
	7	fporbo'letBl	Borpoleta
n	1	[borbo'letB]	Borboleta
	2	[borbo'letB]	Borboleta
	3	[bofbo'letB]	Borboleta
	4	[borbo'letB]	Borboleta
	5	[borbo'letB]	Borboleta
	6	[borbo'letB]	Borboleta
	7	fborbo'letBl	Borboleta
m	1	[borbo'letB]	Borboleta
	2	[borbo'letB]	Borboleta
	3	fborbo'letBl	Borboleta
IV	1	[borbo'letB]	Borboleta
	2	[porbo'letB]	Porboleta
	3	fborbo'letBl	Borboleta
V	1	[borboUetB]	Borboleta
	2	tborbo'letB]	Borboleta
	3	fborbo'letBl	Borboleta
VI	1	[borbo'letB]	Borboleta
	2	[borbo'letB]	Borboleta
	3	fborbo'letBl	Borboleta

A palavra borboleta, cujo processamento fonético e gráfico está representado acima, corresponde à figura número 10 do painel do anexo II. Constatou-se que 71,4% dos informantes do grupo I trocaram o som inicial [b] por [p], com uma redução para 57,1% na expressão escrita, com quatro informantes trocando a letra inicial b por p. Na escrita ocorreu um caso de troca do segundo b por p, sendo que este foi o único caso ocorrido em todos os grupos. Também houve, neste grupo, uma ocorrência de troca da letra t por d, na expressão escrita.

No grupo II e III não há registro de ocorrência de trocas de ordem fonética ou de ordem gráfica, o mesmo ocorrendo com o grupo V e VI. Porém, no grupo IV registramos uma troca do som [b] por [p] e esta troca oral foi passada para a escrita.

Passando para as tabelas, teremos:

Tabela T.1.10.a: troca de [b] por [p] na consoante inicial

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	4	.
n	.	.	.
m	.	.	.
IV	1	1	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Tabela T.1.10.b: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	1
n	-	-	-
ra	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.11. Figura 11: bombeiro

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[põ**berol]	Pombeiro
	2	[põ^^berol]	Bombeiro
	3	[põ^befo]	Pompero
	4	[põ'^berol]	Pombeiro
	5	[põ***berol]	Pombeiro
	6	[põ**bejrol]	Bombeiro
	7	[põ""bejfo]	Pombeiro
n	1	[bõ*^bejrol]	Bombeiro
	2	[bõ^^bejrol]	Bombeiro
	3	[bõ**berol]	Bombeiro
	4	[põ'"bejrol]	Bombeiro
	5	[bõ""berol]	Bombeiro
	6	[bõ""bejrol]	Bombeiro
	7	[bõ" bejrol]	Bombeiro
m	1	[bõ""bejrol]	Pompeiro
	2	[bõ""bejrol]	Bombeiro
	3	[bõ**berol]	Bombeiro
IV	1	[põ**berol]	Bompeiro
	2	[põ""berol]	Pombeiro
	3	[bõ""bejrol]	Bombeiro
V	1	[bõ^^bejrol]	Bombeiro
	2	[bõ^^bejrol]	Bombeiro
	3	[bõ^^bejrol]	Bombeiro
VI	1	[bõ""berol]	Bombeiro
	2	[bõ'^berol]	Bombeiro
	3	[bõ^bejrol]	Bombeiro

A figura 11 nos apresenta um bombeiro. Pelo que observamos na tabela, todos os informantes do grupo I trocaram, o som [b] pelo [p], enquanto na expressão escrita 71,4% trocaram a letra b pelo p na sílaba inicial. Já na segunda sílaba, na oralidade não ocorreu troca de som neste grupo, enquanto na escrita um informante, correspondendo a 14,3%, grafou p em vez de b.

Já no grupo II apenas 14,3% trocaram o som inicial [b] por [p], não transpondo esta troca para a escrita.

No grupo ni somente um informante praticou a troca fonética da consoante sonora inicial, trocando também a letra na escrita. No grupo IV houve duas trocas fonéticas da consoante inicial, sendo que na escrita ocorreu apenas uma troca da consoante sonora inicial pela surda. No grupo IV ocorreu também uma troca gráfica de b por p na segunda sílaba.

No grupo V e VI não houve troca de sonora por surda, tanto fonética quanto gráfica.

Transpondo para a tabela, temos:

Tabela 7.1.11.a: troca de [b] por [p] na consoante inicial

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	7	5	.
n	1	.	.
m	.	.	.
IV	2	1	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Grupo			
I	1	[põ'''bõ]	Pombom
	2	[bõ'''bõ]	Bombom
	3	[pfr'bõ]	Pombom
	4	[põ*'''bõ]	Pombom
	5	[põ-^^bõ]	Pombom
	6	[põ*'bõ]	Bombom
	7	<u>rpõ^'bõ1</u>	Pombom
n	1	[bõ'''bõ]	Bombom
	2	[bõ*'bõ]	Bombom
	3	[bõ*'''bõ]	Bombom
	4	[põ'''bõ]	Bombom
	5	[bõ'''bõ]	Bombom
	6	[bõ^^bõ]	Bombom
	7	<u>fbõ^^bõ1</u>	Bombom
m	1	[põ-'bõ]	Pombom
	2	[bõ''bõ]	Bombom
	3	□ MTMI	Bombom
IV	1	[põ''bõ]	Pombom
	2	[bõ''bõ]	Pombom
	3	<u>rbõ''bõ1</u>	Bombom
V	1	[bõ'''bõ]	Bombom
	2	[bõ*'''bõ]	Bombom
	3	<u>[bõ'''bõ]</u>	Bombom
VI	1	[bõ'''bõ]	Bombom
	2	[bõ'''bõ]	Bombom
	3	<u>[bõ^^bõ1</u>	Bombom

Na tabela acima, que nos apresenta o vocábulo [bõ'''bõ] referente à figura 12, mais uma vez constatamos a troca da consoante sonora pela surda tanto na oralidade quanto na escrita e este fato mais uma vez se constata com a consoante inicial.

No grupo I, 85,7% dos informantes fez a troca do som sonoro [b] pelo surdo [p], sendo que cinco, ou seja 71,4%, passaram esta troca para a expressão escrita.

No grupo n este índice cai para 14,3% na articulação oral, sendo que a grafia está correta em todas as ocorrências. Já no grupo III e IV existe a troca fonética da consoante inicial de [b] para [p], num índice de 33,3%, havendo também a troca da letra neste mesmo percentual nos dois grupos. No grupo V e VI não ocorre troca fonética, nem gráfica em relação às consoantes deste vocábulo.

Transpondo para a tabela a análise referente figura 12, temos;

I	6	5	-
	1	-	-
m	1	1	-
IV	1	1	1
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.13. Figura 13:cigarro

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[si'karo]	Cicaro
	2	[si'garo]	Cicarro
	3	[si'karo]	Cicaro
	4	[si'garo]	Cicaro
	5	[si'garo]	Cigarro
	6	[si'garo]	Cigarro
	7	[si'karol]	Cigarro
n	1	[si'karo]	Cigarro
	2	[si'garo]	Cigarro
	3	[si'garo]	Cigarro
	4	[si'garo]	Cigarro
	5	[si'garo]	Cigarro
	6	[si'gafo]	Cigarro
	7	rsi'garol	Cigaros
m	1	[si'garo]	Cigarro
	2	[si'garo]	Cigarro
	3	[si'garol]	Cigarro
IV	1	-	-
	2	[si'karol]	cicaro
	3	[si'garo]	cigarro
V	1	[si'garo]	Cigarro
	2	[si'garo]	Cigarro
	3	[si'garo]	Cigarro
VI	1	[si'garo]	Cigaro
	2	[si'garo]	Cigarro
	3	rsi'garol	Cigarro

A figura 13 apresenta um maço de cigarros e o que nos interessa investigar é o processamento fonético dos róticos no vocábulo cigarro. Pode-se verificar, pela tabela acima, que nos grupos I e n, todos os informantes processam [r] como [r], isto é, como o tepe. Porém na escrita 57,1% do grupo I e 85,7% do grupo II escreveram a palavra com dois erres, o que, conforme já observado, revela a intemalização do léxico ortográfico do português.

Já no grupo EI constatamos que 100% dos informantes pronunciou [r] e escreveu a palavra com dois erres. No grupo IV o informante 1 não sabia dizer a palavra em português, o segundo produziu um [r] e o terceiro produziu um [r], enquanto na escrita, correspondentemente, um deixou em branco, um escreveu com um erre e o outro escreveu com dois erres, demonstrando coerência com a pronúncia.

No grupo V houve duas ocorrências de [r]. Na expressão escrita, todos os informantes do grupo V usaram dois erres.

Ocorreu também, a troca do som [g] por [k] em 42,8% das ocorrências no grupo I, enquanto que na escrita 57,1% trocaram a letra g por c. O mesmo também ocorreu com um informante do grupo IV, correspondendo ao índice de 33,3% deste grupo.

O resultado dos dados acima está nas tabelas a seguir:

Tabela 7.1.13.a: troca de [g] por [k]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	2	2
n	1	.	.
m	.	.	.
IV	1	.	.
V	.	.	.
VI	.	.	-

Tabela 7.1.13.b: troca de [r] por [r]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	7	3	-
n	7	1	-
ra	-	-	-
IV	1	1	-
V	1	-	-
VI	2	1	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ka'rafa]	Carafa
	2	[ka'rafa]	Carrafa
	3		Carafa
	4	[ka'rafa]	Carafa
	5	[ka'rafa]	-
	6	-	-
	7	[ka'rafa]	Garrafa
n	1	[ga'rafa]	Garrafa
	2	[ga'rafa]	Garrafa
	3	[ga'rafa]	Garafa
	4	[ga'rafa]	Garrafa
	5	[ga'rafa]	Garrafa
	6	[ga'rafa]	Garrafa
	7	[ga'rafa]	Garrafa
m	1	[ga'rafa]	Garrafa
	2	-	-
	3	[ga'rafa]	Garrafa
IV	1	-	-
	2	[ka'rafa]	Carafa
	3	[ga'rafa]	Garafa
V	1	[ga'rafa]	Garrafa
	2	[ga'rafa]	Garrafa
	3	[ga'rafa]	Garrafa
VI	1	[ga'rafa]	Garafa
	2	[ga'rafa]	Garrafa
	3	[ga'rafa]	Garrafa

Referente a palavra garrafa, correspondente à figura 14, podemos observar pela tabela que somente 14,3% dos informantes do grupo I pronunciaram [r]. Dois informantes não souberam citar a palavra em português. Grafaram-na com dois erres somente dois informantes, correspondendo a 28,6%. Observamos também que 57,1% dos informantes deste grupo trocaram o som [g] por [k], sendo que 42,8% transpuseram este erro para a escrita, trocando a letra g por c.

Já no grupo n, nenhum informante pronunciou [r]. Este índice não se refletiu na escrita, sendo que todos grafaram a palavra com dois erres, exceto um. Isto significa que houve intemalização do léxico ortográfico da palavra. Não ocorreu troca de [g] por [k] ou de g por c neste grupo.

No grupo ni e rv não ocorreu nenhuma pronúncia [r]. Em ambos os grupos houve um informante que não soube dizer o nome do objeto constante na figura, em português. No grupo II, dois informantes grafaram a palavra com dois erres, enquanto que no grupo IV ocorreu a interfe-

rência da fala na escrita em ambos os informantes. Houve também, no grupo IV, uma troca do som [g] por [k], sendo esta transposta para a escrita.

No grupo V dois informantes pronunciaram [r] e um [r], Na escrita todos grafaram a palavra com dois erres. Por fim, no grupo VI, houve duas ocorrências de [r], Na escrita todos grafaram a palavra com dois erres. Por fim, no grupo VI, houve duas ocorrências de [r] e uma de [r]. Somente um informante deste grupo grafou a palavra com imi erre.

As trocas acima serão representadas, como segue:

Tabela 7.1.14. a: troca de [g] por [k]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
1	4	4	-
n	-	-	-
in	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.14. b: troca de [r] por [r]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	3	-
n	7	1	-
III	2	-	-
IV	2	2	-
V	1	-	-
VI	2	1	-

Grupo			
I	1	[ka'ra3êj]	Caragem
	2	[kaVasêj]	Caragem
	3	[ka'ra3êj]	Caragem
	4	Pca'ra3êj]	Caragem
	5	[ga'ra3êj]	Garragem
	6	[ka'ra3êj]	Carrage
	7	[ka'ra3&ij]	<u>Garragem</u>
n	1	[ga'ra3êj]	Garragem
	2	[ka'ra3êj]	Carragem
	3	[ga'ra3êj]	Garagem
	4	[ga'ra3êj]	Garragem
	5	[ga'ra3ej]	Garragem
	6	[ka'ra3êj]	Caragem
	7	[ka.yasêj]	<u>Caragem</u>
m	1	[ka'ra3ej]	Carragem
	2	lga'ra3êj]	Garragem
	3	-	-
IV	1	[ga-rasêj]	Garagem
	2	[ka'ra3êj]	Caragem
	3	[ka'.ra5&j]	<u>Caragem</u>
V	1	[ka'ra3êj]	Caragem
	2	[ga'ra3êj]	Garagem
	3	[laa rasêj]	<u>Garagem</u>
VI	1	[ga'ra3êj]	Garagem
	2	[ga'ra3êj]	Garragem
	3	[qa'ra3&1]	<u>Garagem</u>

Quanto à palavra [ga'ra5êj], correspondente à figura 15, podemos verificar que no grupo I, 28,6% dos informantes pronunciaram [r]. Já na escrita, 42,8% grafaram a palavra com dois erros. Houve também a troca da consoante sonora pela surda num índice bastante elevado, ou seja, 85,7% trocaram o som [g] pelo [k], enquanto 71,4% transferiram esta troca para a escrita, trocando a letra g pelo c.

No grupo n todos os informantes processaram foneticamente o tepe. Na expressão escrita 57,1% dos informantes escreveu a palavra garagem com dois erros. Houve também troca fonética de [g] para [k] em 42,8% dos casos, enquanto na escrita houve 57,1% dos informantes que trocaram a letra g pelo c.

No grupo in os informantes todos pronunciaram [r], transpondo isto para a escrita, processando graficamente a palavra com dois erros. Nos grupos IV, V e VI todos processaram fone-

ticamente correto o vocábulo, pronunciando [r], Houve apenas uma troca da consoante [g] por [k], no grupo IV, o que foi transposto para a escrita.

No grupo IV um informante grafou a palavra com dois erres e no grupo ÛI um informante não soube como se chamava garagem em português.

Transpondo as trocas para as tabelas temos:

Tabela 7.1.15.a: troca de [g] por [k]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	6	5	-
n	3	3	-
ffl	1	1	-
IV	2	2	-
V	1	1	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.15.b: troca de [r] por [r]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	2	1
n	-	-	4
in	2	2	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	1

Grupo			
I	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Carro
	3	[ˈkaro]	Caro
	4	[ˈkaro]	Caro
	5	[ˈkaro]	Carro
	6	[ˈkaro]	Carro
	7	fˈkaro1	Carro
n	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Carro
	3	[ˈkaro]	Caro
	4	[ˈkaro]	Carro
	5	[ˈkaro]	Carro
	6	[ˈkaro]	Carro
	7	[ˈkaro]	Caro
m	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Carro
	3	[ˈkaro]	Carro
IV	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Caro
	3	[ˈkaro]	Carro
V	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Carro
	3	[ˈkaro]	Carro
VI	1	[ˈkaro]	Carro
	2	[ˈkaro]	Carro
	3	[ˈkaro]	Carro

Na figura 16 aparece um carro e na tabela acima podemos observar como este vocábulo se processou fonética e graficamente nos diversos grupos de informantes. Constatamos que no grupo I, 42,8% processaram foneticamente o rótico [r], enquanto na escrita este índice se eleva para 71,4% grafando a palavra com dois erres.

No grupo n, 28,6% pronunciaram [r] e na escrita 71,4% grafaram a palavra carro com dois erres. No grupo III todos os informantes pronunciaram [r], o que se refletiu também na escrita, escrevendo a palavra com dois erres.

Já no grupo IV, 66,6% dos informantes pronunciaram [f] e 33,4% [r] e na escrita 66,6% representaram a palavra carro com dois erres e 33,4% com um erre.

No grupo V, 66,6% pronunciaram [r] e no grupo VI 33,4% pronunciaram [r], enquanto na escrita todos escreveram a palavra carro corretamente.

Não houve troca da consoante inicial na expressão oral nem na expressão escrita.

Transcrevendo as trocas para as tabelas temos:

Tabela 7.1.16.a; troca de [k] por [g]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	-
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.16.b: troca de [r] por [r]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	2	-
n	4	2	-
IU	-	-	-
IV	2	1	-
V	1	-	-
VI	2	-	-

Tabela 7.1.17. Figura 17: máquina de costura

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	-	-
	2	PcostuVejrF de'rowpel	costureira de roupa
	3	-	-
	4	['maginB de goz'durB]	máquina de gostura
	5	-	-
	6	-	-
	7	['maginB de koz'dure]	máquina de cosdura
n	1	['maginB de koz'durB]	Maguina de costura
	2	-	-
	3	-	-
	4	-	-
	5	['makinBdekos'tufB]	máquina de costura
	f ₂	-	-
	7	r'makinBdekos'turBI	máquina de costura
III	1	['makinB de kos'turB]	Máquina de costura
	2	-	-
	3	['makine de kos'turBI	máquina de costura
IV	1	-	-
	2	['makinB de kos'tufB]	máquina de costura
	3	-	-
V	1	['makinB de kos'turB]	Máquina de costura
	2	['makinB de kos'turB]	Máquina de costura
	3	['makinB de kos'turB]	Máquina de costura
VI	1	['makine de kos'turB]	Máquina de costura
	2	['makinB de kos'tufB]	Máquina de costura
	3	['makinB de kos'turB]	Máquina de costura

Na figura 17 nos é apresentada uma máquina de costura. Inicialmente, o que surpreende é o alto índice de informantes que não soube dizer o nome deste referente em português. Foram 57,1% do grupo I, o mesmo percentual do grupo n, 33,3% do grupo ni e 66,6% do grupo IV, perfazendo um total de 42,3% do total de informantes que não souberam nomear o referente em português.

No grupo I um informante denominou o referente de [kɔstu'rejrB de 'rowpc], passando esta denominação também para a escrita. Houve três trocas do som [k] por [g] e duas de [t] por [d] neste mesmo grupo. Na escrita ocorreu uma troca da letra q por g, uma de c por g e outra de t por d.

No grupo II verificamos uma troca de [k] por [g] e uma de [t] por [d]. Na expressão escrita observamos uma troca de q por g. Não houve troca de t por d.

No grupo ni não houve troca de som, nem troca de letra, o mesmo ocorrendo nos grupos IV, V e VI.

As trocas acima estão sumariadas a seguir:

Tabela T.1.IT.a: troca de [k] por [g] na palavra *máquina*

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	1	.
n	1	1	.
m	.	.	.
IV	.	.	.
V	.	.	.
VI	.	-	-

Tabela 7.1.17.b: troca de [k] por [g] na palavra *costura*

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	.
n	1	.	.
ra	.	.	.
IV	.	□	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2		-
n	1	-	-
m	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.18. Figura 18; brinco

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ˈprɪˈko]	Princo
	2	[ˈprɪˈko]	Brinco
	3	.	.
	4	(ˈprɪˈkos)	Princos
	5	[ˈbrɪˈgo]	Bringo
	6	[ˈprɪˈko]	Bringos
	7	.	.
n	1	[ˈbrɪˈko]	Brinco
	2	[ˈbrɪˈgo]	Bringo
	3	[ˈbɲˈko]	Brinco
	4	[ˈbɲˈko]	Brinco
	5	[ˈprɪˈko]	Brinco
	6	[ˈbrɪˈgo]	Bringo
	7	[ˈbrɪˈqol]	Brinco
m	1	[ˈbrɪˈgo]	Brinco
	2	[ˈbrɪˈgo]	Brinco
	3	[ˈbrɪˈqol]	Bringo
IV	1	[ˈprɪˈko]	Princo
	2	.	.
	3	[ˈbrɪˈgo]	Brinco
V	1	[ˈbɲˈko]	Bringo
	2	[ˈbrɪˈko]	Brinco
	3	[ˈbrɪˈko]	Brinco
VI	1	[ˈbrɪˈko]	Brincos
	2	[ˈbrɪˈko]	Brinco
	3	[ˈbrɪˈko]	Brinco

A palavra [ˈbɲˈko], que se refere à figura 18 do painel do anexo II, foi processada pelos informantes conforme observamos pela tabela acima, como segue: No grupo I, 28,6% dos informantes não souberam citar a palavra em português. Quanto ao som [k] houve um caso de troca para [g], correspondendo a 14,3%. Na escrita, 28,6% dos informantes trocou a letra c por g. Já a

consoante inicial sofreu troca fonética de [b] para [p] num índice de 42,8%, enquanto na escrita ocorreu a troca de b por p numa frequência de 28,6%.

No grupo n, ocorreram duas trocas do som [k] por [g], sendo ambas transferidas para a escrita, trocando-se a letra c por g, equivalendo a 28,6% dos informantes. Não houve outras trocas nesse grupo.

No grupo in, V e VI todos os informantes processaram fonética e graficamente correta a palavra ['brí ko], enquanto no grupo IV, 33,3% trocou o som [b] por [p] e o mesmo percentual não soube denominar o elemento constante na figura em língua portuguesa.

Transpondo para as tabelas, temos:

Tabela 7.1.18.a; troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	2	-
n	1	-	-
ffl	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.18.b: troca de [k] por [g]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	1
n	3	2	-
m	3	1	-
IV	1	-	-
V	-	-	1
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[re'ID5jo]	Relógio
	2	[re'ID5jo]	Relógio
	3	[re'ID5jio]	Relógio
	4	[re'IDj}io]	Relóchio
	5	[reiDjio]	Relógio
	6	[re'135jo]	Relógio
	7	[re'ID3jo]	Relógio
n	1	[re'ID3jo]	Relógio
	2	[re'ID3jo]	Relógio
	3	[re'135jo]	Relógio
	4	[re'ID3jo]	Relógio
	5	[re'ID3jo]	Relógio
	6	tre'ID3jo]	Relógio
	7	[re'ID3fol]	Relógio
m	1	[re'ID3jo]	Relógio
	2	[re'ID3jo]	Relógio
	3	[reiDjiol]	Relógio
IV	1	[re'ID5jo]	Relógio
	2	[re'ID5jo]	Relógio
	3	[re'ID5fo]	Relógio
V	1	[re'ID5jo]	Relógio
	2	[re'ID5jo]	Relógio
	3	[re'DI5jo]	Relógio
VI	1	[re'ID3jo]	Relógio
	2	[re'ID3jo]	Relógio
	3	KI^SJo]	Relógio

No vocábulo representado na tabela acima, correspondente à figura 19 do painel conforme anexo **n**, nos interessa o processamento fonético do som [r] em início de palavra.

No grupo I, constatamos que 28,6% dos informantes pronunciaram [r] enquanto 71,4% pronunciaram [r], No grupo II todos os informantes pronunciaram [r] e no grupo III todos falaram [r], Nos demais grupos houve uma ocorrência de [r] em cada um.

Verificamos também, no grupo I, uma ocorrência de troca do som [5] por [/], o que se refletiu na expressão escrita com a troca da letra g por ch.

Transcrevendo as trocas para as tabelas, temos:

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	-	-
n	7	-	-
in	-	-	-
IV	2	-	-
V	2	-	-
VI	2	-	-

Tabela 7.1.19.b: troca de [ʒ] por [f]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	-
n	-	-	-
ra	-	-	-
rv	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.20. Figura 20: soldado

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[sortado]	Soltado
	2	[sordado]	Soldado
	3	[so'ldado]	Soldado
	4	[sortado]	Soltato
	5	[sordado]	Soldado
	6	[sol'tado]	Soltado
	7	[sortado]	Soltado
n	1	[sordado]	Soldado
	2	[sordado]	Soldado
	3	[sordado]	Soldado
	4	[sordado]	Soldado
	5	[sordado]	Soldado
	6	[sordado]	Soltado
	7	[sortado]	Soltado
in	1	[sol'dado]	Soldado
	2	[sordado]	Soldado
	3	[sordado]	Soldado
IV	1	[sordado]	Soldado
	2	[sol'tado]	Soltado
	3	[sordado]	soldado
V	1	[sow'dado]	Soldado
	2	[sow'dado]	Soldado
	3	[sordado]	Soldado
VI	1	[sordado]	Soldado
	2	[sordado]	Soldado
	3	[sordado]	Soldado

A figura número 20 apresenta-nos um soldado, vocábulo que passará a ser analisado a partir da tabela acima. Constatamos que 56,1% dos informantes do grupo I trocaram foneticamente o [d] por [t] na segunda sílaba da palavra, refletindo a mesma troca na expressão escrita. Houve também uma troca da letra d por t na última sílaba da palavra, eqüivalendo a 14,3%.

No grupo n todos processaram fonética e graficamente correto a palavra em questão, exceto um informante que trocou [d] por [t], transpondo esta troca também para a escrita, correspondendo ao índice de 14,3%.

Já nos grupos in, V e VI todos processaram de forma correta a palavra soldado, tanto na oralidade quanto na escrita, enquanto houve uma troca do som [d] por [t], na segunda sílaba da palavra, por 33,3% dos informantes do grupo IV, passando esta troca para a escrita.

o1, em coda silábica, foi pronimciado [ɹ] em todos os casos, exceto por dois informantes do grupo V, que processaram-no como [w], o que revela a influência nestes dois sujeitos dos meios de comunicação de massa.

Transpondo para as tabelas temos:

Tabela 7.1.20.a: troca de [d] por [t] na 2* sílaba

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	4	1
n	1	1	1
m	.	.	.
IV	1	1	.
V	.	.	.
VI	.	-	.

Tabela 7.1.20.b: troca de [d] por [t] na 3* sílaba

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	.	.	1
n	.	.	.
m	.	.	.
rv	.	.	1
V	.	.	.
VI	-	.	.

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ves'tʃido]	Vestido
	2	.	.
	3	.	.
	4	[ves'tʃido]	Vestito
	5	.	.
	6	.	-
	7	rves'tʃido]	Vestido
n	1	[ves'tʃido]	Vestido
	2	[ves'tʃido]	Vestido
	3	[ves'tʃido]	Vestido
	4	[ves'tʃido]	Vestido
	5	[ves'tʃido]	Vestido
	6	[ves'tʃido]	Vestido
	7	fves'tʃido]	Vestido
ra	1	[ves'tʃido]	Vestido
	2	.	.
	3	[ves'tʃido]	Vestido
rv	1	[ves'tʃido]	Vestito
	2	[ves'tʃido]	-
	3	rves'tʃido]	Vestido
V	1	[ves'tʃido]	Vestido
	2	[ves'tʃido]	Vestido
	3	[ves'tʃido]	Vestido
VI	1	[ves'tʃido]	Vestido
	2	[ves'tʃido]	Vestido
	3	fves'tʃido]	Vestido

Na palavra vestido, referente à figura 21, tentamos observar o processamento dos sons [t] e [d] e sua transcrição na escrita.

No que tange ao grupo I, os rapazes da Classe de Aceleração, 57,1% desses informantes não souberam como se chama vestido em português. Os restantes todos processaram foneticamente como [tʃ] e como [d] e na escrita um informante trocou a letra d por t.

No grupo II, 100% dos informantes pronunciaram [tʃ] e [d]. Todos grafaram corretamente a palavra.

Nos grupos in, rv, V e VI todos grafaram corretamente o vocábulo em questão, exceto um informante do grupo IV que grafou t em vez de d. Quanto à expressão oral, os informantes destes grupos todos pronunciaram [tʃ] para a consoante surda antes da vogal i e [d] para a sonora, com exceção do informante 1, do grupo IV, o qual pronunciou [t] na consoante surda. Houve

um caso, no grupo IV, de um informante que não soube como se chamava em português o referente apresentado pela figura.

Transcrevendo as trocas acima para as tabelas, temos:

Tabela 7.1.21.a: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	-
n	-	-	-
ra	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.21.b: troca de [d] por [t]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	1
n	-	-	-
III	-	-	-
IV	-	-	1
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[kSʃɔda'dof]	Computador
	2	[kʃ^uda'dor]	Computador
	3	[kõ*T)uda'dor]	Computador
	4	[kõn>uta'dor]	Combutador
	5	[kõ*T)uda'dor]	Computador
	6	[kõ""puta'dor]	Computador
	7	rkõ^uta'dor]	Computador
n	1	[kõ^uta'dor]	Computador
	2	[kS^uta'dor]	Computador
	3	[kS~puta'dor]	Computador
	4	[kS^puta'dof]	Computador
	5	[kõl)uta'dor]	Computador
	6	[kõ*^uta'dor]	Computador
	7	rkõ^puta'dor]	Computador
nr	1	[kõ^puta'dor]	Computador
	2	[kõ**puta'dor]	Computador
	3	[kõ*^uta'dor]	Computador
IV	1	[kS^uta'dor]	Computador
	2	[kõ^puta'dor]	Computador
	3	f{S^uta'dor]	Computador
V	1	[kõ^puta'dof]	Computador
	2	[kõ^puta'dor]	Computador
	3	[kõ'^uta'dor]	Computador
VI	1	[kõ^puta'dor]	Computador
	2	Pcõ""puta'dor]	Computador
	3	fkõ*^puta'dor]	Computador

Observando a tabela anterior, que se refere à figura 22, na qual está representado um computador, verificamos que este vocábulo apresentou dificuldades somente para os informantes do grupo I. Houve 71,4% dos informantes que trocaram [t] por [d] além de 14,3% dos informantes que trocaram [p] por [b], Todas essas ocorrências da expressão oral foram transpostas para a expressão escrita, onde os mesmos informantes trocaram a letra t por d e p por b, na mesma proporção.

Nos demais grupos todos processaram, de maneira adequada, tanto fonética quanto graficamente, o vocábulo em questão.

Representamos as trocas acima, nas tabelas a seguir;

Grupo	Troca no orai	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	5	.
n	.	.	.
m	.	.	.
IV	.	.	.
V	.	.	.
VI	.	-	.

Tabela 7.1.22.b: troca de [p] por [b]

Grupo	Troca no orai	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	.
n	.	.	.
III	.	.	.
IV	.	.	.
V	.	.	.
VI	-	.	.

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[dele'fone]	Telefone
	2	[dele'fone]	Telefone
	3	[dele'fone]	Delefone
	4	[dele'fone]	Delefone
	5	[dele'fone]	Delefone
	6	[tele'fone]	Telefone
	7	[dele'fone]	Delefone
n	1	[tele'fone]	Telefone
	2	[dele'fone]	Telefone
	3	[tele'fone]	Telefone
	4	[dele'fone]	Telefone
	5	[tele'fone]	Telefone
	6	[tele'fone]	Telefone
	7	[tele'fone]	Telefone
ra	1	[tele'fone]	Telefone
	2	[dele'fone]	Telefone
	3	[tele'fone]	Telefone
IV	1	[dele'fone]	Delefone
	2	[dele'fone]	Delefone
	3	[ftele'fone]	Telefone
V	1	[tele'fone]	Telefone
	2	[tele'fone]	Telefone
	3	[tele'fone]	Telefone
VI	1	[tele'fone]	Telefone
	2	[dele'fone]	Telefone
	3	[tele'fone]	Telefone

No vocábulo telefone, constatamos que 85,7% dos informantes do grupo I trocaram o som [t] por [d] na articulação oral, sendo que 57,1% transpuseram esta troca para a expressão escrita, trocando a letra t por d.

Já no grupo II este índice caiu para 28,6% na oralidade, sendo que na expressão escrita não ocorreu nenhum erro ortográfico.

Nos grupos in, IV e VI houve uma ocorrência de troca do som [t] por [d], sendo que somente um informante do grupo IV transpôs esta troca para a escrita.

No grupo V não ocorreu nenhuma troca fonética nem gráfica no vocábulo em questão.

Transcrevendo as trocas para a tabela, temos:

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	6	4	-
n	2	-	-
m	1	-	-
IV	2	2	-
V	-	-	-
VI	1	-	-

Tabela 7.1.24. Figura 24: tomate

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[do'mate]	Domate
	2	[do'mate]	Tomate
	3	[do'mate]	Domate
	4	[do'made]	Tomade
	5	[to'mate]	Domate
	6	[do'mate]	Tomate
	7	[to'mate]	Tomate
n	1	[to'mate]	Tomate
	2	[do'mate]	Domate
	3	[to'mate]	Tomate
	4	[to'mate]	Tomate
	5	[to'mate]	Tomate
	6	[do'mate]	Tomate
	7	rto'matel	Tomate
m	1	[to'mate]	Tomate
	2	.	.
	3	fto'mate]	Tomate
IV	1	[to'mate]	Tomate
	2	[do'mate]	Domate
	3	[to'matel	Tomate
V	1	[to'mate]	Tomate
	2	[to'matj1]	Tomate
	3	[to'mate]	Tomate
VI	1	[to'mate]	Tomate
	2	[to'mate]	Tomate
	3	rto'matel	Tomate

Na figura 24 nos é apresentado um tomate. Referente a este vocábulo, constatamos que no grupo I, 71,4% dos informantes trocaram o som surdo inicial [t] pelo sonoro [d], sendo que desses, 42,8% o transpuseram para a expressão escrita. Houve também uma troca da consoante sonora, o que foi transposto também para a escrita.

No grupo n, dois informantes processaram [d] em vez de [t] na consoante inicial, transpondo esta troca para a escrita apenas em um caso. Nos grupos III, V e VI não houve troca no processamento fonético da consoante surda inicial, o mesmo acontecendo na escrita.

No grupo IV, 33,3% dos informantes processou [d] em vez de [t] na consoante inicial, ocorrendo a mesma frequência de troca de t por d na expressão escrita. Somente um informante dos 26, ou seja, o informante 2 do grupo V, processou [tj] antes da vogal final, passando essa para [i] na expressão oral.

Transcrevendo as trocas para a tabela, temos:

Tabela 7.1.24.a: troca de [t] por [d] na sílaba inicial

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	2	1
n	2	1	.
m	.	-	.
IV	1	1	.
V	.	-	.
VI	.	-	.

Referente às tabelas correspondentes às figuras 20 a 24, nos propusemos a observar, de forma especial, o processamento dos fonemas /d/ e /t/. Pelos resultados apresentados, verificamos que houve um elevado índice de troca da consoante surda pela sonora e vice-versa, principalmente com os informantes do grupo I e II, alunos da Classe de Aceleração. O 3º maior índice de trocas ocorreu com os informantes do grupo IV, correspondente aos meninos do interior. Nos demais grupos houve um baixo índice de trocas, tanto na expressão oral quanto na expressão escrita.

Observamos que a maior parte das ocorrências de troca fonética da consoante surda pela sonora e vice-versa se refletiu na expressão escrita.

Nas trocas de consoantes ocorridas, acreditamos que no caso dos vocábulos soldado, computador, telefone, tomate, estas ocorreram provavelmente porque no dialeto alemão estas palavras são usadas como: [sol'tadB], [kõ puda'do], [dele'fon], [do'mad] ou [do'mat]. Possível-

mente houve esta interferência do alemão na expressão oral em português, interferindo, em grande parte dos casos, na expressão escrita dos nossos informantes.

Tabela 7.1.25. Figura 25: tesoura

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[de'zorB]	Desoura
	2	[de'zowrB]	Tesoura
	3	-	-
	4	[te'sorB]	Tesoura
	5	-	-
	6	[de'sowrB]	Desoura
	7	[te'sowrB]	Tessoura
n	1	[te'zowrB]	Tesoura
	2	[te'sowfB]	Tessoura
	3	[tJi'zorB]	Tisora
	4	[te'zofB]	Tesoura
	5	[te'zowrB]	Tesoura
	6	[te'zowrB]	Tesoura
	7	[te'zowrB]	Tesoura
m	1	[te'zowrB]	Tesoura
	2	[fe'zowrB]	Tesoura
	3	[te'zowfB]	Tesoura
IV	1	-	-
	2	[de'sorB]	Desoura
	3	[te'sorB]	Tesoura
V	1	[te'zowfB]	Tesoura
	2	[te'zowfB]	Tesoura
	3	[te'zowfB]	Tesoura
VI	1	[te'zowrB]	Tesoura
	2	[te'zowfB]	Tesoura
	3	[te'zorB]	Tesoura

A figura 25 do painel, conforme anexo II, apresenta uma tesoura. Neste vocábulo pretendemos observar o processamento dos sons [t] e [z] e sua transcrição na expressão escrita.

No grupo I, percebemos que 42,8% trocaram o som surdo [t] por [d], refletindo-se esta troca em 28,6% dos casos na escrita. Quanto ao som [z], observamos que este se processou de forma correta em apenas 28,6% de suas ocorrências, enquanto na expressão escrita apenas um informante grafou a palavra com ss.

Já no grupo n todos os informantes processaram foneticamente correta a consoante inicial, grafando-a também corretamente. Quanto ao som [z], houve uma troca por [s], equívocando

a 14,3% dos informantes desse grupo. Na expressão escrita houve um informante que grafou o vocábulo com ss, ocorrendo a interferência da expressão oral.

Nos grupos in, V e VI não houve troca do som [t] nem do som [z], acontecendo o mesmo na representação escrita. Já no grupo IV houve imia troca do som [t] por [d] e do som [z] por [s], Na expressão escrita ocorreu um caso de troca de t por d. Neste grupo também houve um informante que não soube citar o referente em português constante na figura.

A transcrição das trocas na tabela fica assim:

Tabela 7.1.25.a: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	2	-
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.25.b: troca de [z] por [s]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	1	-
n	1	1	-
III	-	-	-
IV	2	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[bra'zil]	Brasil
	2	[pra'zil]	Brasil
	3	[bra'zil]	Brasil
	4	[bra'zil]	Brasil
	5	[bra'zil]	Brasil
	6	[bra'sil]	Brasil
	7	fbra'sin	Brasil
n	1	[bra'zil]	Brasil
	2	[bra'zü]	Brasil
	3	[bra'zál]	Brasil
	4	[pra'sU]	Brasil
	5	[bra'ziw]	Brasil
	6	[bra'zU]	Brasil
	7	rbfa'sil1	Brasil
m	1	[bra'zU]	Brasil
	2	[bra'zil]	Brasil
	3	fbra'sil1	Brasil
IV	1	[bra'sil]	Brasil
	2	[bra'sil]	Brasil
	3	fbra'zin	Brasil
V	1	[bra'ziw]	Brasil
	2	[bra'ziw]	Brasil
	3	fbfa'ziw]	Brasil
VI	1	[bra'zil]	Brasil
	2	[bra'zil]	Brasil
	3	[bfa'zil1	Brasil

Na figura 26, consta o mapa do Brasil e o vocábulo que nos interessa para análise é [bra'zil] para observarmos o processamento do som [z] e o [ɹ] em coda silábica.

No grupo I, verificamos que há duas trocas do som [z] por [s], correspondendo a 28,6% dos informantes. Graficamente, todos processaram de forma correta o vocábulo.

No grupo II também houve dois casos de troca do som [z] por [s], não ocorrendo erro na escrita.

Nos grupos in, V e VI todos processaram de forma correta o som [z] enquanto no grupo rv há duas trocas de [z] por [s]. Na expressão escrita não ocorreu troca de letra.

Quanto ao [ɹ] em coda silábica, todos os informantes processaram foneticamente [ɹ], exceto um informante do grupo H e os três informantes do grupo V, que processaram foneticamente como [w], em final de sílaba. Na escrita todos escreveram l.

Transpondo para a tabela temos;

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	-	-
n	2	-	-
m	1	-	-
IV	2	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1..26.b: troca de [bj por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	-	-
n	1	-	-
in	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.27. Figura 27: zebra

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	['zebre]	Zebra
	2	['zebrB]	Zeba
	3	['sepre]	Cepra
	4	['sebre]	Sepra
	5	['sebfB]	Zebra
	6	['seprB]	Sebra
	7	['sebfBl]	Zebra
n	1	['zebre]	Zebra
	2	['zebre]	Zebra
	3	['zebre]	Zebra
	4	['sebre]	Zebra
	5	['zebre]	Zebra
	6	['zebre]	Zebra
	7	['zebre]	Zebra
m	1	['zebre]	Zebra
	2	['zebre]	Zebra
	3	['zebre]	Zebra
IV	1	['sebre]	Cebra
	2	['sebre]	Zebra
	3	['sebre]	Zebra
V	1	['zebre]	Zebra
	2	['zebre]	Zebra
	3	['zebrei]	Zebra
VI	1	['zebre]	Zebra
	2	['zebre]	Zebra
	3	['zebrei]	Zebra

Nesta figura encontramos uma **zebra**, cujo vocábulo foi processado pelos nossos informantes conforme a tabela acima.

No grupo I constatamos que a consoante sonora inicial foi foneticamente processada como [z] por apenas dois informantes e os demais processaram como [s], correspondendo a 71,4% que fizeram a troca de /z/ por [s]. Três informantes, ou seja 42,8% transpuseram esta troca para a escrita sendo que um trocou o z por c e dois o trocaram por s, tratando-se de um contexto competitivo, conforme SCLiar-CABRAL; SCLiar CABRAL (2001). Ocorreram também duas trocas fonéticas dos sons [b] por [p], havendo também a troca de **b** por **p** em ambos os casos na escrita.

No grupo n registramos uma ocorrência de troca fonética de [z] por [s], porém na escrita não houve troca.

Não ocorreu troca fonética da consoante sonora [b] nos grupos n, m, IV, V e VI. No grupo IV há uma ocorrência de troca do som [z] por [s], que se refletiu na escrita do mesmo informante, trocando a letra z por c.

Transpondo as trocas para a tabela, temos:

Tabela 7.1.27.a: troca de [z] por [s]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	5	3	.
n	1	.	.
m	.	.	.
IV	3	1	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Tabela 7,1.27.b; troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	1	1
n	.	.	.
III	.	.	.
IV	.	.	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[kaba'sete]	Cabacete
	2	[kaba'sete]	Cabacete
	3	[kapa'sete]	Capasede
	4	[kaba'sete]	Capacete
	5	[kaba'sete]	Cabacete
	6	[kaba'sete]	Cabasete
	7	[kaba'sete]	Capacete
n	1	[kapa'sete]	Capacete
	2	[kapa'sete]	Gapazete
	3	[kapa'sete]	Capacete
	4	[kapa'sete]	Capacete
	5	[kapa'sete]	Capacete
	6	[kaba'sete]	Cabaçede
	7	[kapa'setel]	Capasete
m	1	[kaba'sete]	Capasete
	2	[kaba'sete]	Capacete
	3	[kaba'sete]	Capacete
IV	1	[kapa'sete]	Cabacete
	2	[kapa'sete]	Cabacete
	3	[kapa'setel]	Capacete
V	1	[kapa'sete]	Capacete
	2	[kapa'setji]	Capacete
	3	[kapa'sete]	Capacete
VI	1	[kapa'sete]	Capacete
	2	[kapa'sete]	Capacete
	3	fkapa'sete]	Capacete

A palavra capacete, que se refere à figura 28 do painel, pelo que podemos observar na tabela acima, apresenta mais problemas em relação ao som [p] do que a [s].

Registramos que, em todas as ocorrências, o som [s] foi pronunciado como tal por 100% dos informantes. Porém, o som [p] sofreu 85,7% de troca por [b] no grupo 1, 14,3% no grupo El e 100% no grupo IV.

Houve troca da letra p por b de 57,1% dos informantes do grupo 1, 14,3% do grupo n, e 66,6% do grupo IV.

Na escrita houve duas trocas de c por s no grupo II; uma troca de c por z, uma de c por ç e uma por s no grupo II e iraiá troca de c por s no grupo III. Nos demais grupos não houve troca da letra c por outra. Estas trocas revelam que tais informantes não intemalizaram os princípios de codificação do fonema /s/ na posição intervocálica, ou quando a segunda vogal for [-post], isto é, /e/, quando grafaram z, ç ou s.

Observamos ainda que na expressão escrita aconteceu uma troca da letra t por d na sílaba final do grupo n e duas no grupo I.

Já quanto ao som [s], observamos que não houve dificuldade, porém ocorreram algumas trocas na expressão escrita.

Transcrevendo para a tabela temos:

Tabela 7.1.28.a: troca de [s] por [z]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	.	.	2
n	.	.	2
m	.	.	1
IV	.	.	.
V	.	.	.
VI	.	.	.

Tabela 7.1.28.b: troca de [p] por [b]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	6	4	.
n	1	1	.
III	3	.	.
IV	.	.	2
V	.	.	.
VI	.	-	.

Tabela 7.1.28.c: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	.	.	2
n	.	.	1
III	.	.	.
IV	.	-	.
V	.	.	.
VI	.	-	.

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[vio'lø]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	[vio'lø]	Violão
	4	[vio'lø]	Violom
	5	[vio'lø]	Violão
	6	[vio'lø]	Violão
	7	[vio'lø]	Violão
n	1	[vio'lø]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	[vioiõ]	Violão
	4	[vio'lø]	Violão
	5	[vio'lø]	Violão
	6	[vio'lø]	Violão
	7	fvioUõl	Violão
ra	1	[vio'lø]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	rvio'iõi	Violão
IV	1	[vio'lø]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	rvioiõi	Violão
V	1	[vio'iirw]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	fvio'lø]	Violão
VI	1	[vio'lø]	Violão
	2	[vio'lø]	Violão
	3	rvio'iõi	Violão

Da figura 29 a 32 tentaremos observar, de modo especial, o processamento fonético e gráfico do ditongo nasalizado [iúw] realizado como [õ]. Pelo que constatamos na tabela acima, todas as ocorrências fonéticas do ditongo nasalizado [s̃w̃], que está presente na palavra [vio'law̃], foram processadas foneticamente como [õ], exceto por um informante do grupo V - menina da cidade - que processou o ditongo [S̃w̃].

Na expressão escrita todos os informantes grafaram corretamente a palavra em estudo, com exceção de um informante do grupo I que escreveu violom.

Transpondo as trocas para a tabela temos:

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	7	1	.
n	7	-	.
m	3	.	.
IV	3	.	.
V	2	.	-
VI	3	.	.

Tabela 7.1.30. Figura 3 10: balão

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ba'lø]	Balão
	2	[ba'lø]	Balão
	3	[ba'lø]	Balão
	4	[ba'lø]	Balon
	5	[ba'løj	Balão
	6	[pa'lø]	Balão
	7	[pa'lø]	Balão
n	1	[ba'láTw]	Balão
	2	[ba'lø]	Balão
	3	[ba'lø]	Balão
	4	[ba'lø]	Balão
	5	[ba'lø]	Balão
	6	[ba'lø]	Balão
	7	rba'101	Balão
m	1	[ba'lø]	Balão
	2	[ba'lø]	Balão
	3	rba'løl	Balão
IV	1	[ba'lø]	Balão
	2	[ba'lø]	Balão
	3	[ba'irwl]	Balão
V	1	[ba'irw]	Balão
	2	[ba'irw]	Balão
	3	rba'irwl	Balão
VI	1	[ba'lø]	Balão
	2	[ba'lø]	Balão
	3	fba'løl	Balão

Na palavra [baUãw], que se refere à figura 30 do nosso painel, o ditongo nasalizado [ãw] foi mais uma vez foneticamente processado como [õ] pela maioria dos informantes. Registramos apenas uma ocorrência de [ãw] no grupo **n**, uma no grupo **IV** e três no grupo **V**.

Quanto à grafia, houve um caso de troca de ão por on; coincidentemente, trata-se do mesmo sujeito que grafou violom.

Podemos aqui mais uma vez constatar a tendência dos informantes, que são todos de origem alemã, em processar foneticamente [õ] em vez de [9w], porém esta marca raras vezes é repassada para a escrita, o que demonstra a inexistência do ditongo nasalizado no dialeto, por um lado e, por outro, a aprendizagem do léxico ortográfico no português.

Constatamos ainda, no vocábulo em estudo, que houve imia troca fonética do som [b] pelo surdo [p], isto no grupo I.

Transcrevendo para a tabela, temos:

Tabela 7.1.30.a: troca de [aw̃] por [õ]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	7	-	-
n	6	-	-
m	3	-	-
IV	2	-	-
V	-	-	-
VI	3	-	-

Tabela 7.1.30.b: troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	-	-
n	-	-	-
in	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[ba'tʃw]	Batão
	2	[ba'tõ]	Batom
	3	[pa'tõ]	Padão
	4	[pa'tõ]	Patom
	5	[ba'tõ]	Batão
	6	[pa'tõ]	Batão
	7	[Pa^tõ]	Batom
n	1	[ba'tõ]	Batão
	2	[ba'tõ]	Batão
	3	[ba'tõ]	Batão
	4	[ba'tõ]	Batom
	5	[ba'tõ]	Batão
	6	[ba'tõ]	Batom
	7	[ba'tõ]	Batom
ra	1	[ba'tõ]	Batão
	2	[ba'tõ]	Batom
	3	fba'tõ1	Batom
IV	1	[ba'tõ]	Batão
	2	[pa'tõ]	Patão
	3	[baHõ]	Batão
V	1	[ba'tõ]	Batom
	2	[ba'tõ]	Batão
	3	[ba'tõ]1	Batom
VI	1	[ba'tõ]	Batão
	2	[ba'tõ]	Batom
	3	fba^tdl	Batão

Na figura 31 encontra-se representado um batom. Pelo que constatamos na tabela acima, todos os informantes processaram foneticamente de forma correta o som [õ], exceto um informante do grupo I que o processou em [aʃw] realizando uma ultra-generalização. Ou seja, na maior parte das vezes quando deveriam dizer [aʃw], os falantes do dialeto dizem [õ], o falante aplicou uma regra de ultra-correção ao dizer [ba'tʃw], ultrageneralização que vai se notar mais marcadamente na escrita, quando os sujeitos grafam ão ao invés de om. Verificamos também que foneticamente ocorreu a troca do fonema /b/ por [p] com 57,1% dos informantes do grupo I e 33,3% dos informantes do grupo IV.

Na expressão escrita notamos que no grupo I, 57,1% dos informantes grafaram ão em vez de om, com a mesma porcentagem de troca no grupo n. No grupo DI e V 33,3% dos informantes incorreram no mesmo erro. Já no grupo IV todos os informantes trocaram o dígrafo om

pelas letras que representam o ditongo nasalizado [ãw], dissociando sua fala da respectiva representação gráfica e aplicando uma ultra-generalização ortográfica, uma vez que são raros os vocábulos que se grafam com om; no grupo VI, 66,6% dos informantes fizeram esta troca na expressão escrita.

Transcrevendo as trocas para a tabela temos:

Tabela 7.1.31.a: troca do [õ] por [aw]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	3
n	-	-	4
in	-	-	1
IV	-	-	3
V	-	-	1
VI	-	-	2

Tabela 7.1.31.b; troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	4	2	-
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	1	1	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.31.c: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	1
n	-	-	-
m	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Grupo	Informante	Fala	Escrita
I	1	[bo'dõ]	Bodão
	2	-	-
	3	[po'tõ]	Potom
	4	-	-
	5	-	-
	6	-	-
	7	[po'tõ]	Botão
n	1	[bo'tõ]	Botão
	2	[bo'tõ]	Botão
	3	[bo'tõ]	Botão
	4	-	-
	5	[bo'tõ]	Botão
	6	[bo'tõ]	Botão
	7	rbo'tõl	Botão
m	1	[po'tõ]	Potão
	2	-	-
	3	fbo'tõl	Botão
IV	1	-	-
	2	-	-
	3	rbo'tõl	Botão
V	1	[bo'tS̃w]	Botão
	2	[bo'tS̃w]	Botão
	3	fbo'tS̃wl	Botão
VI	1	[bo'tõ]	Botão
	2	[bo'tõ]	Botom
	3	fbo'tõl	Botão

Conforme observamos na tabela acima, mais uma vez a maioria dos informantes processou foneticamente em [õ] ao invés de [aõ̃] na maior parte dos casos, exceto os três informantes do grupo V que processaram em [aõ̃], porém na expressão escrita inverteu-se a situação: quase todos os informantes escreveram ão, com exceção de um informante do grupo I e um do grupo VI, que escreveram om em vez de ão, valendo novamente, a explicação sobre a ultrageneralização na grafia.

Outrossim, ocorreram duas trocas do som [b], por [p] no grupo I e uma no grupo III, como também uma troca do som [t] por [d] no grupo I. Em todas as ocorrências, a troca da consoante foi transposta para a escrita.

É importante observar também que um bom número de informantes não soube citar em português o referente constante da figura. Ao todo são 08 informantes que deixaram em branco a

palavra, correspondendo a 30,8%, ou seja, quatro informantes do grupo I, um do grupo II, um do grupo III e dois do grupo IV.

Transpondo as trocas para as tabelas, temos:

Tabela 7.U2.a: troca de [aw] por [õ]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	3	1	-
n	6	-	-
m	2	-	-
IV	1	-	-
V	-	-	-
VI	3	1	-

Tabela 7.1.32.b; troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	2	1	-
n	-	-	-
m	1	1	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.1.32.c: troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	1	1	-
n	-	-	-
III	-	-	-
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Concluindo esta parte, apresentaremos o número total de trocas, por grupo, referente às consoantes como também aos róticos e ao ditongo nasalizado [S^h], em final de vocábulo.

7.2. Análise geral dos dados verificados

Tabela 7.2.1. troca de [3] por [fj]:

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	10	06	02
n	05	-	-
ffl	-	-	-
IV	04	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Pelo que consta, observamos que o maior número de trocas ocorreu no grupo I, ou seja, o dos meninos da Classe de Aceleração, com 10 trocas no oral, sendo 06 passadas para a escrita. Em segundo lugar aparece o grupo n, das meninas da Classe de Aceleração, com 05 trocas, seguido pelo grupo IV, com 04 trocas. Estes dois grupos não transpuseram as trocas para a escrita. Nos demais grupos não ocorreram trocas. Ocorreram ainda 02 trocas, só na escrita, do grupo I.

Presumimos que as trocas do som [5] por [f] tenham acontecido devido à não existência do som [3] no sistema fonêmico do dialeto alemão falado pelos informantes. Como na fala materna deles não existe este fonema, eles não o internalizam e, conseqüentemente, têm dificuldade em processá-lo na oralidade em língua portuguesa e, como a escrita reflete, em grande parte, a expressão oral, o fenômeno da troca se registra na expressão escrita de parte dos informantes que realizaram a troca na fala, como nos mostra a tabela. Concluiu-se, também, que os meninos do grupo de aceleração são os que apresentam a maior interferência na escrita. Pode-se conjecturar se esta é uma das causas do insucesso escolar, ou se o grupo apresenta dificuldades para a aprendizagem do léxico ortográfico, uma vez que as meninas do grupo de aceleração não transferiram a fala à escrita.

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	02	01	04
n	.	.	01
m	01	-	.
TV	.	.	.
V	.	.	.
VI	-	.	.

Pelo que observamos na tabela, o som [j] não apresentou, foneticamente, muitos impasses. Houve somente 03 ocorrências de [j], trocando-se a consoante surda pela sonora. Transpõe-se uma troca para a escrita e 05 informantes trocaram a consoante surda pela sonora somente na escrita. Novamente o maior índice de trocas ocorreu no grupo I. As dificuldades de aprendizagem do léxico ortográfico pelo grupo I se confirmam nestas ocorrências.

Provavelmente houve menos problemas para processar o som [f] em língua portuguesa porque este existe também no dialeto alemão como em Schuh [‘/u] - sapato, Schiff [‘Jif] - navio.

Tabela 7.2.3. troca de [k] por [g]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	05	04	03
n	05	03	01
m	03	01	.
IV	01	.	.
V	.	.	01
VI	.	.	.

A tabela nos mostra que mais uma vez o maior índice de trocas foi registrado no grupo I, seguido pelo grupo n. Em terceiro lugar aparece o grupo III. Houve também uma troca no oral do grupo IV e uma, só na escrita, do grupo V.

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I			
			-
m	02	02	-
IV	06	05	-
V	01	01	-
VI	-	-	-

Como constatamos acima, o número de trocas de [g] por [k] foi bem superior ao da troca verificada na tabela anterior de [k] por [g], O falante nativo do dialeto tende mais a trocar a sonora pela surda no caso destas oclusivas. Registramos, novamente, o maior número de trocas na Classe de Aceleração. No grupo I, houve 19 ocorrências no oral, passando 16 para a escrita. Houve também duas trocas só na escrita, neste grupo.

No grupo n, meninas da Classe de Aceleração, ocorreu um total de 05 trocas no oral, passando 03 para a escrita. Também houve um alto índice de trocas no grupo IV, o dos meninos do interior, num total de 06 ocorrências, passando 05 para a escrita.

O grupo das meninas do interior marcaram duas trocas, passando ambas para a escrita e, no grupo V, ocorreu uma troca que também foi transposta para a escrita. O alto índice de transporte da troca oral para a escrita reforça a questão de suposição da interferência da expressão oral na expressão escrita.

Tabela 7.2.5. troca de [d] por [t]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	05	05	05
n	01	01	01
ra	-	-	-
IV	02	02	01
V	-	-	-
VI	-	-	-

No total das ocorrências do som [d], registramos a troca por [t] em **05** informantes do grupo I, os quais repassaram esta troca, na íntegra, para a escrita. Neste grupo também registramos **05** trocas só na escrita. No grupo n, houve somente uma troca que foi transposta também

para a escrita, registrando-se ainda uma ocorrência de troca só na escrita. No grupo IV, houve duas trocas no oral, ambas transpostas para a escrita. Neste grupo também ocorreu uma troca só na escrita. Nos demais grupos não ocorreu troca.

Comparando os grupos, registramos, mais uma vez, um alto índice de trocas nos meninos da Classe de Aceleração e algumas nos meninos de 7^o e 8^o séries procedentes do interior.

Tabela 7.2.6. troca de [t] por [d]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	24	16	05
n	05	01	01
m	01	-	-
IV	04	04	-
V	-	-	-
VI	01	-	-

Pelo constante acima, outra vez se confirma a nossa questão inicial. Está ocorrendo mais uma vez a maior incidência de trocas no grupo I, meninos da Classe de Aceleração, num total de 24 no oral, mantendo-se em 16 ocorrências na escrita. Além disso, houve 05 trocas só na escrita, neste grupo. As meninas da Classe de Aceleração fizeram um total de 05 trocas de [t] por [d], transpondo somente uma troca para a escrita. No grupo **in** registramos somente uma troca no oral, não transposta para a escrita, enquanto no grupo IV, dos meninos do interior, ocorreram 04 trocas no oral, sendo todas refletidas na escrita. Ocorreu ainda uma troca no oral do grupo VI, enquanto no grupo V não registramos trocas.

O sistema fônico do dialeto alemão dos falantes não está muito bem definido em relação ao uso de [d] e [t], usando, em vários casos, ora um som, ora outro, no mesmo vocábulo. Assim, para a 'í pessoa do singular, por exemplo, usa-se ora "du" ora "tu". Este procedimento deixa o falante confuso e, ao falar a segunda língua, no caso a língua portuguesa, transfere provavelmente esta insegurança, usando ora [d] e ora [t] como neutralização de dois fonemas. Como já se verificou, o fonema do dialeto é /t/ e pode variar livremente com [d]. No português, há a oposição fonêmica entre surdez e sonoridade, neste caso, o que não acontece no dialeto. Verifica-se, então.

que a divergência fonêmica do dialeto e do português leva o aluno a transferir o problema para a segunda língua.

Tabela 7.2.7. troca de [p] e [b]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	19	15	-
n	03	03	-
m	05	02	-
IV	02	01	02
V	-	-	-
VI	-	-	-

o total das trocas de [p] por [b], registrado no grupo I, foi de 19 no oral, mantendo-se, na escrita, em 15 casos. No grupo II, o índice caiu para 03 trocas no oral, sendo todas refletidas na escrita. Houve também 05 trocas orais no grupo III, refletindo-se 02 na escrita. No grupo IV, registramos 02 trocas no oral, transferindo-se uma para a escrita. Neste grupo houve também duas trocas só na escrita. Como observamos, continua se confirmando que o maior índice de trocas ocorre na Classe de Aceleração e os resultados nos mostram que este ocorre, mais especificamente, no grupo dos meninos desta classe.

Outro dado que se confirma, ao analisarmos os dados finais desta pesquisa, é que os informantes do interior apresentam maiores dificuldades no processamento da língua portuguesa do que os da cidade. Para tal, basta observar, nas tabelas, os dados referentes ao grupo III e IV. Isto deve-se ao fato de que os informantes da cidade têm mais acesso aos meios de comunicação e dedicam mais tempo à leitura. Estes também praticam, de modo geral, mais a língua portuguesa do que os informantes do interior.

Tabela 7.2.8. troca de [b] por [p]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	33	20	01
n	04	-	-
m	02	02	-
IV	06	05	01
V	-	-	-
VI	-	-	-

As trocas de [b] por [p] são bastante acentuadas no grupo I, perfazendo um total de 33 no oral e transpondo-as, em 20 ocorrências, para a escrita, neste grupo. O segundo maior índice registrou-se no grupo IV, o dos meninos do interior, com 06 trocas no oral, refletindo-se 05 na escrita. Houve também uma troca só na escrita deste grupo. Também ocorreram duas trocas no oral do grupo **in**, ambas transpostas para a escrita. No grupo **II**, o das meninas da Classe de Aceleração, registramos apenas 04 trocas no oral.

Como observamos nas tabelas acima, é muito acentuada a troca dos sons [b] por [p]. O informante oscila muito quanto ao uso dessas consoantes tanto na expressão oral quanto na expressão escrita e esta troca ocorre, com maior frequência, com a consoante em posição inicial do vocábulo. Esta troca provavelmente ocorre porque no dialeto alemão dos informantes temos vocábulos que iniciam com estas consoantes e aceitam as duas possibilidades, como por exemplo: ['paba] ou ['baba] - pai; [pa'pia] ou [ba'pia] - papel; ['brot] ou ['prot] - pão; ['pinje'bom], ['binje'bom] ou ['pinje'pam] - pinheiro. Por causa dessa oscilação no dialeto falado pelo informante, é possível que, ao se expressar em língua portuguesa, este também fique oscilando entre a pronúncia sonora e surda e, quando troca foneticamente a surda pela sonora, muitas vezes esta se reflete na escrita, como observamos pelo resultado apresentado nas tabelas.

Tabela 7.2.9. troca de [r] por [rj]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	20	08	-
n	25	04	-
m	02	-	-
IV	07	04	-
V	05	-	-
VI	08	02	-

Tabela 7.2.10. troca de [r] por [r]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	02	02	1
n	-	-	4
m	02	02	-
rv	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	1

Observando as tabelas referentes aos róticos, verificamos que, de modo geral, os informantes apresentam dificuldade na pronúncia do som [r], pronunciando [r], enquanto na escrita as trocas são bem menores. Isto é um fenômeno comum do falante nativo do dialeto alemão, visto que o som [r], no dialeto do informantes só é praticado como tepe, como podemos observar em [kom'raws] - vem para fora; [es'rent] - está chovendo; [rajsa'kofa] - mala de viagens. Em final de sílaba, em geral o som [r] é apagado, confundindo-se o mesmo com a vogal que o antecede, como em Papier - [pa'pia] - papel; Schmier - ['Jmia]. Como o informante, no seu dialeto, internalizou a pronúncia do som [r], supomos que esta internalização se transferiu para a aquisição da segunda língua, no caso, a língua portuguesa. Vale lembrar que no dialeto somente existe o “fiap” [r] e, como o informante está habituado a realizar o “fiap” na língua materna, não consegue processar o [r] na língua alvo.

Tabela 7.2.11. troca de [z] por [s]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	10	04	-
n	04	01	-
m	01	-	-
IV	07	01	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Tabela 7.2.12. troca de [s] por [z]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	-	-	02
n	-	-	02
ra	-	-	01
IV	-	-	-
V	-	-	-
VI	-	-	-

Pelo constante nas tabelas acima, observamos que o informante teve dificuldade em pronunciar o som [z], enquanto o som [s] não apresentou problemas. No grupo I, houve 10 ocorrências de [z] no oral, sendo 04 transpostas para a escrita. Ocorreu também um alto índice de troca

de [z] por [s] no grupo IV, com 07 ocorrências, seguido pelo grupo n, com 04 ocorrências. Em ambos os grupos, registra-se uma transferência para a escrita. Houve ainda uma troca no oral, do grupo in, não sendo esta transposta para a escrita. Na tabela 1, registramos somente trocas na escrita, com duas ocorrências no grupo I e II e uma no grupo EI.

A troca do som [z] por [s] deve-se provavelmente ao fato de que no dialeto alemão do Hunsrück não se processa foneticamente o som [z]. Este som não existe neste dialeto, a não ser por empréstimo do Hochdeutsch, ou seja, do alemão padrão. Por este motivo, alguns informantes, como não internalizam foneticamente o [z] na sua língua materna, provavelmente não conseguem processar na aquisição da segunda língua. Este fenômeno, em diversos casos, tem seu efeito também na expressão escrita, conforme observamos no registro das tabelas. E novamente o fenômeno acentua-se nas Classes de Aceleração, mais acentuadamente, no grupo dos meninos dessa classe e no grupo IV, que é o dos meninos de 7 e 8^o séries procedentes do interior. Não houve registro de trocas nos grupos V e VI, que são os dos alunos da cidade, o que revela a influência, nestes sujeitos, dos meios de comunicação de massa.

Para LADO o uso do sistema fônico de uma língua funciona como um sistema de hábitos automatizados e inconscientes e é devido a este fator a grande dificuldade para um nativo quando muda o seu sistema, ao entrar em contato com outra língua. Segundo este autor, o falante adulto de uma língua não consegue ouvir facilmente sons que não sejam os de sua língua nativa, possuindo a tendência de transferir o sistema de sons da língua nativa para a segunda língua. Supomos que é isto que esteja ocorrendo com os nossos informantes que realizam as trocas das consoantes surdas e sonoras em várias situações.

Tabela 7.2.13. troca de [a[~]w] por [õ]

Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	17	02	-
n	19	-	-
ra	08	-	-
IV	06	-	-
V	02	-	-
VI	09	01	-



Grupo	Troca no oral	Manutenção da troca na escrita	Troca só na escrita
I	01	01	03
n	.	.	04
in	.	.	01
IV	.	.	03
V	.	.	01
VI	.	.	02

Observando a tabela 7.2.13., constatamos que grande parte dos informantes troca o ditongo nasalizado [5w̃] por [õ], não transpondo, na maioria das ocorrências, esta troca para a escrita, o que significa que houve a intemalização do léxico ortográfico. Porém, se observarmos a tabela 7.2.14., constatamos que um informante do grupo I aplicou uma regra de ultra-generalização ao falar [ba'tsw̃]. Esta ultrageneralização é percebida mais marcadamente na escrita, quando vários sujeitos grafam ão ao invés de om.

Reportando-nos ao processamento do ditongo nasalizado [ãw̃] em final de sílaba, constatamos que a maioria dos informantes pronunciou [õ], enquanto na expressão escrita grafaram ão. No processamento fonético a maioria dos sujeitos só utiliza [õ] para os vocábulos [ba'tõ] e

[bo'taw], por exemplo. Isto é muito comum na maioria dos falantes nativos do dialeto alemão que fala o português como língua alvo, pois o ditongo nasalizado não ocorre na língua alemã.

Outra observação que se tem a fazer é quanto à pronúncia do som [vs^] em coda silábica. Registramos apenas uma ocorrência deste fenômeno na tabela referente à figura 26, em que aparece a palavra Brasil. Constatamos que a maioria dos informantes, com exceção de 4, pronunciaram [1] no final da sílaba. Somente 4 informantes pronimciaram [w], o que deduzimos que seja influência dos meios de comunicação de massa, pois é típico dos falantes de São João do Oeste pronunciarem [1] em coda silábica.

Ao termos transcrito os resultados da nossa pesquisa, é possível constatar que realmente aparecem diversos problemas relacionados à expressão oral dos nossos informantes, que são mui-

to comuns com falantes nativos da língua alemã, os quais aprendem, como segunda língua, as variedades sociolingüísticas do português do Brasil.

Como é possível constatar pelas tabelas, houve um total de 341 trocas no oral, mantendo-se 151 na escrita. Isto comprova que a troca fonética, em menos da metade dos casos, interfere na escrita. Ocorreram também 56 trocas só na escrita, o que se deve, possivelmente, à oscilação entre os sistemas fonêmicos e/ou as dificuldades de codificação no português escrito, deixando o sujeito confuso e inseguro.

Registramos ainda que a maior incidência de trocas ocorreu com os meninos da Classe de Aceleração, tanto na expressão oral quanto na expressão escrita, seguidos pelo grupo dos meninos de 7^o e 8^a séries do interior. As meninas da Classe de Aceleração apresentaram várias trocas na expressão oral, porém transpuseram estas, em índices reduzidos, para a expressão escrita, o que comprova uma melhor internalização do léxico ortográfico se comparadas com o grupo dos meninos. O grupo III, que é o das meninas de 7^a e 8^a séries, provenientes do interior; também apresentou um número reduzido de trocas, ficando abaixo do índice apresentado pelos meninos deste nível.

Já os dois últimos grupos, o V, formado por alunas de 7^a e 8^a séries da cidade e o VI, formado por alunos de 7^o e 8^o séries também da cidade, apresentaram poucos problemas de trocas, o que se deve ao acesso aos meios de comunicação de massa, à literatura, tempo para se dedicar ao estudo e à prática mais freqüente da língua portuguesa nas situações de convivência fora do ambiente escolar.

De acordo com os resultados apresentados nas tabelas desse capítulo, constatamos que alguns informantes, principalmente os da Classe de Aceleração e mais especificamente os meninos dessa classe, em muitas situações de fala não fizeram distinção entre os fonemas sonoros e surdos /b/ e /p/, /d/ e /t/, /g/ e /k/, devido ao fato de que no dialeto dos mesmos estes podem variar livremente, sem alterar o sentido das palavras, conquanto isto seja estranho ao sistema do português, pois sabemos que no português há a oposição fonêmica entre surdez e sonoridade. Se, por exemplo, trocarmos em português a consoante inicial na palavra bomba por g, o sentido que a

palavra adquire é bem outro. Sabemos que pomba refere-se a um pássaro, enquanto bomba tem sentido diferente, enquanto no dialeto do informante o sentido não muda se ele disser pSumb ou ÍPumb para designar bomba.

A transferência dessa divergência fonêmica do dialeto para o português faz com que o falante nativo do alemão encontre uma série de dificuldades na expressão oral, transferindo-as, em grande parte, para a escrita na aquisição da segunda língua. Ele não percebe a diferença entre surdez e sonoridade. Percebe-se que os indivíduos que aprenderam o dialeto como língua materna, em grande parte, têm dificuldades em distinguir a oposição entre [p] e [b], [t] e [d], [k] e [g], devido à variação livre desses sons em sua língua nativa e, como se expressam oralmente ora de uma forma ora de outra, transferem essas trocas, muitas vezes, também para a escrita. Por isso os seus textos aparecem cheios de erros ortográficos, além dos problemas de ordem estrutural e isto certamente influi nas avaliações dos mesmos, fazendo com que reprovem no final do processo, por haver uma preocupação demasiada na cobrança ortográfica ao se realizar o processo avaliativo.

Observamos também que houve problemas sérios na realização dos fonemas /s/ e /z/ e /ʃ/ e /y/ do português. Sabe-se que o dialeto dos informantes não contempla os fonemas sonoros /z/ e /y/. No dialeto ocorre, em raros casos, o som /z/, porém como empréstimo do *Hochdeutsch* ou seja, do alemão padrão. Como há uma oscilação entre [s] e [z] no dialeto, talvez isso venha a interferir na prática da língua portuguesa, tomando-se difícil para um falante nativo do *Hunsrück* pronunciar corretamente os sons [s] e [z], invertendo-os em muitas situações de fala e transferindo isto também para a escrita em alguns casos como em sebra, cepra, tessoura.

Como o dialeto não apresenta som [ʃ], acontece que o falante se faz valer do som [f].

Por isso observamos em nossa pesquisa a ocorrência de [foka'dor], [/ela'dejfB], [faka'rɛ], na fala.

Outrossim, verificamos também que os informantes, na quase totalidade, realizaram somente o flap [r] na fala das palavras em língua portuguesa e somente em alguns casos ocorreu [r].

A ocorrência de [r] talvez seja xima tendência de querer incorporar a realização do fonema /R/, porém isto se torna difícil devido ao fato de o falante nativo do dialeto realizar somente o flap [r] em sua língua materna. Neste dialeto não existe oposição fonêmica entre /r/ e /R/, como ocorre em português.

Quanto à realização do fonema /V/, não houve maiores problemas, pois este, na língua materna dos informantes, é semelhante ao da língua portuguesa. Constatamos que a maioria pronunciou [1] em coda silábica, o que é característico na fala do povo de São João do Oeste e região.

Como o nosso objetivo era de observar a realização das consoantes surdas e sonoras e subsidiariamente dos róticos e do ditongo nasalizado /ãw/, não nos preocupamos muito com a realização das outras vogais, porém constatamos que as mesmas não apresentaram maiores dificuldades aos informantes quanto à sua realização em português. Quanto à realização do ditongo nasalizado /ãw/, concluímos que é difícil ao falante do dialeto alemão realizá-lo, sendo que a maioria dos informantes pronunciou sempre [õ], na leitura de “ão”. Porém, foram poucos os informantes que transferiram esta problemática para a escrita. É preciso ressaltar que o ditongo [ɔw] não existe no dialeto alemão.

Teixeira (1995) diz que deve haver uma estreita relação entre o *ensino* e o *aprendizado* de uma língua e quando se ensina devem-se criar condições através das quais ela possa se instalar e desenvolver na mente do aprendiz. Portanto, partindo das causas de interferência do dialeto na língua portuguesa, é necessário que os professores formulem exercícios fonológicos que deveriam partir de pares mínimos da língua portuguesa que mostrassem, de forma clara, as oposições fonêmicas do português. É preciso que o professor de língua portuguesa, como língua alvo, elabore seu método e material pedagógico a fim de que possa amenizar e corrigir as dificuldades dos alunos com interferências do dialeto.

Sabe-se que esta tarefa não é fácil, pois a maioria dos docentes não está preparada para lecionar português para estrangeiros. Portanto, é preciso chamar a atenção das Universidades para implantarem nos currículos dos cursos de graduação na área de Letras as matérias de Português

para Estrangeiros, preparando, dessa forma, professores para ensinarem português aos alunos que têm outra língua como língua materna.

Cabe, ainda, enfatizar que talvez os alunos não percam seus automatismos para a fala adquiridos e praticados na família, mas poderão aprender regras de correspondência fonológico-grafêmicas adequadas ao seu sistema fonológico, bem como internalizarem a grafia dos vocábulos não previsíveis no seu léxico ortográfico.

CONCLUSÃO

Procurou-se, com base na pesquisa efetuada, fazer um demonstrativo com análise dos resultados obtidos.

O nosso objetivo foi verificar se existe interferência fonética e fonológica do dialeto alemão do *Hunsrückisch* na expressão oral em língua portuguesa e uma conseqüente interferência na expressão escrita em alunos que têm como língua materna este dialeto.

Constatamos que esta interferência realmente existe na oralidade e grande parte dos informantes transfere esta interferência para a expressão escrita, como nos mostraram os resultados transcritos nas tabelas.

Confirmaram-se também as questões da pesquisa, ou seja, os maiores problemas de interferência foram observados no grupo I, formado pelos meninos da Classe de Aceleração, seguido pelo das meninas, também da Classe de Aceleração. Isto justifica a provável reprovação e repetência desses alunos, pois possivelmente os professores dão muita ênfase à ortografia.

Outro fator que pode interferir na reprovação desses alunos talvez seja o não entendimento do que o professor fala e explica, pois vários informantes colocaram que entendem poucas vezes o professor quando explica em português. Isto também foi possível constatar através da pesquisa, quando alguns informantes não souberam citar em português o nome de alguns elementos constantes no painel de figuras.

No estudo sociolingüístico constatamos que a aprendizagem do dialeto realiza-se 100% no lar dos informantes, ou seja, como língua materna, adquirindo o português como segunda língua na escola. Os mesmos praticam também o dialeto em quase todas as situações de comunicação social e comunitária e gostariam que seus filhos aprendessem a falar alemão. Isto nos faz crer na continuidade do bilingüismo em São João do Oeste para as próximas gerações.

Quanto à comparação fonêmica, detectou-se a interferência do primeiro sistema fonêmico no segundo, ou seja, a interferência do dialeto no português. Por isso, queremos deixar claras as conclusões que:

- a) os dois sistemas fonêmicos são diferentes;
- b) no dialeto não há oposição fonêmica entre [p] e [b], [t] e [d], [k] e [g];
- c) no dialeto não há o fonema /ʒ/;
- d) o dialeto não possui o fonema /R/;
- e) no dialeto não existe oposição fonêmica nítida entre [s] e [z], ocorrendo geralmente [s].

Essas diferenças fonêmicas, em grande parte, são transferidas para a língua portuguesa, refletindo-se na expressão oral e, conseqüentemente, na escrita.

Para amenizar estes problemas, sugerimos aos professores de língua portuguesa que trabalham com crianças falantes nativas do dialeto alemão, que façam exercícios estruturais, mostrando a oposição fonêmica no português nas oclusivas /p/ e /b/, /t/ e /d/, /k/ e /g/, nas fricativas /s/ e /z/, /ʃ/ e /ʒ/ e nas vibrantes /r/ e /R/. É importante fazer bastantes exercícios de pronúncia e de correspondência fonológica (da variedade praticada pelo aluno) grafêmica.

Outrossim, também sugerimos às escolas que se encontram em áreas típicas como a de São João do Oeste, incluírem no currículo escolar ou extra-escolar, sob forma sistemática ou não, uma disciplina que possibilite aos alunos aprender o idioma alemão também sob a forma escrita padrão a fim de que o dialeto não venha a sofrer interferências cada vez maiores, terminando por alterar completamente o idioma herdado dos seus ancestrais. Nestas escolas, a primeira língua até poderia ser um estudo obrigatório, até as crianças serem totalmente alfabetizadas em ambos os idiomas. Deve-se dar à criança condições afetivas favoráveis nas duas línguas. Se ocorresse um aprendizado simultâneo e “harmônico” da língua materna e da segunda língua, talvez os alunos aprendessem melhor também a língua alvo, sabendo usá-la para o exercício da cidadania.

Porém, sabe-se que isto é um trabalho árduo e exige profissionais capacitados para ensinar português a uma clientela que o aprende como língua estrangeira. Para realizar um trabalho profícuo, o professor deverá usar sólidos métodos pedagógicos no ensino de uma segunda língua.

- BRENZINGER, M. Language contact and language displacement. In: *The handbook of sociolinguistics*. Cambridge: Blackwell, 1997.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicunário de Lingüística*. São Paulo; Cultrix, 1978.
- HERNAND0RE5ÍA, Carmen Lúcia Matzenauer. *Introdução à Teoria Fonológica*, Pelotas: Universidade Católica de Pelotas - RS.
- JUNGBLUTH, Roque. *Documentário Histórico de Porto Novo*. São Miguel do Oeste: Gráfica Barozzi Ltda - Arco íris Gráfica & Editora, 2000.
- LADO, Robert. *Introdução à Lingüística Aplicada*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- LYONS, John. *Linguagem e Lingüística - uma introdução*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- MACKEY, William F. The description of bilingualism. In Fishman, Joshua (org) *Reading in the sociology of language*. The Hague: Mouton, 1972.
- MATTOSO, Câmara Jr. J. *Estrutura da Língua Portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.
- PIKE, Kenneth L. *-Phonemics*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1974.
- SCLIAR - CABRAL, L.; SCLIAR CABRAL, É. *Princípios do Sistema Alfabético do Português do Brasil*. 2001 (no prelo)
- TARALLO, Fernando. *A Pesquisa Sociolingüística*. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- TEIXEIRA, Elizabeth Reis. Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, nº 17, julho 1995.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. New York: Linguistic Circle & The Hague; Mouton, 1953.
- ZIMMERMANN, Ivo. *Interferência de um dialeto alemão na língua portuguesa*. Florianópolis; UFSC (Dissertação de Mestrado), 1981.

QUESTIONÁRIO SOCIOLINGÜÍSTICO

Levantamento da situação do bilingüismo

1. Identificação - Dados pessoais e família.

1.1 - Nome e sobrenome:

1.2-Idade:

1.3 - Série em que estuda:

1.4 - Sexo:

1.5 - Onde você nasceu?

1.6 - Religião:

1.7 - Nome do pai:

1.8 - Onde ele nasceu?

1.9 - Seu pai entende alemão?

1.10 - Ele fala alemão?

1.11- Ele sabe ler em alemão?

1.12 - Ele escreve em alemão?

1.13- Nome de solteira da mãe:

1.14- Onde ela nasceu?

1.15 - Ela entende alemão?

1.16- Ela fala alemão?

1.17 - Ela sabe ler em alemão?

1.18- Ela escreve em alemão?

2. Dados individuais sobre a língua

2.1 - Que línguas você fala?

Português Alemão outras quais?

2.2 - Em que línguas você escreve?

Português Alemão outras quais?

3. Fala - Leitura - Compreensão

3.1- Você fala alemão;

bem regular mal não fala

3.2 - Você fala português:

bem regular mal não fala

3.3 - Você lê alemão:

bem regular mal não lê

3.4 - Você lê português:

bem regular mal não lê

3.5 - Você escreve alemão:

bem regular mal não escreve

3.6 - Você escreve português:

bem regular mal não escreve

3.7 - Você entende alemão:

bem regular mal não entende

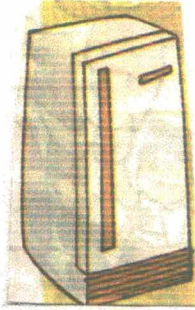
3.8 - Você entende português;

bem regular mal não entende

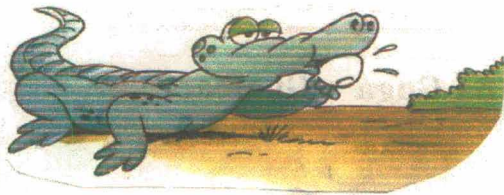
ANEXO II
PAINEL DE FIGURAS



01



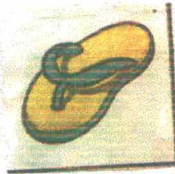
02



03



04



05

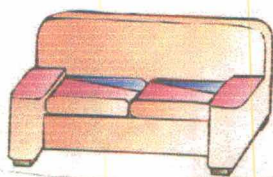
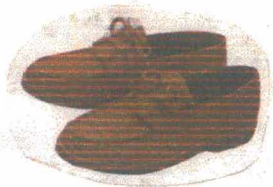
07



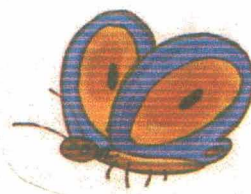
06



08



09

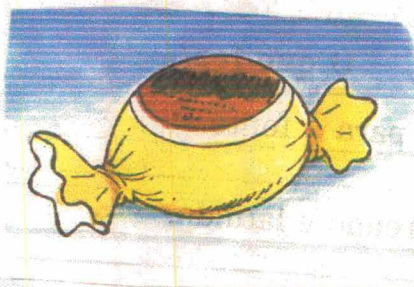


10

11



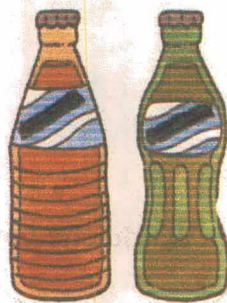
12



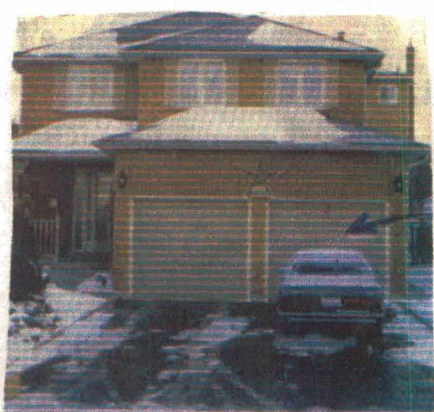
13



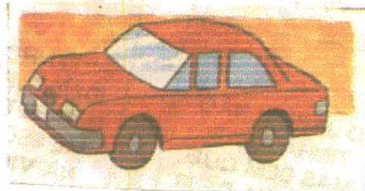
14



15

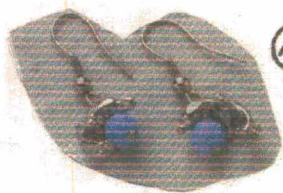


16





17



18



19



20



21



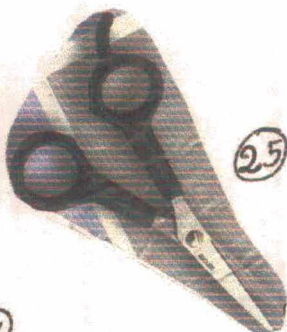
22



23



24



25



26

27



28



29



30

